

LIVIAN LINO NETTO

IMAGENS DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE

Um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem
no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

LIVIAN LINO NETTO

IMAGENS DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE:
um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem no Instituto
Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas

Pelotas
2014

LIVIAN LINO NETTO

IMAGENS DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE:

um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem no Instituto
Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação
pelo Programa de Pós-graduação em Educação do
Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristhianny Bento Barreiro
Coorientadora: Prof^a Dr^a Denise N. Silveira

Pelotas

2014

N476e Netto, Livian Lino.

IMAGENS DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE: um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas

Livian Lino Netto.

Pelotas – 2014. 173 f.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense. Orientação da Prof.^a Dr.^a: Cristhianny Bento Barreiro.

1. Etnografia. 2. Contemporaneidade. 3. Juventudes. 4. Cultura. 5. Educação. I. Barreiro, Cristhianny Bento. II. Silveira, Denise N. III. Título.

LIVIAN LINO NETTO

IMAGENS DA JUVENTUDE NA CONTEMPORANEIDADE:

um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem no Instituto
Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Educação
pelo Programa de Pós-graduação em Educação do
Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Orientadora: Prof^a Dr^a Cristhianny Bento Barreiro
Coorientadora: Prof^a Dr^a Denise N.Silveira

Aprovado pela Banca examinadora em: 29/04/2014

Professora Doutora Cristhianny Bento Barreiro

Professora Doutora Denise Nascimento Silveira

Professora Doutora Ângela Dillman Nunes Bicca

Professora Doutora Francisca Eleodora Santos Severino

Pelotas
2014

Não nos esqueçamos de que toda maioria começou como uma pequenina, invisível e imperceptível minoria. E quando que mesmo carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas.

(Zygmunt Bauman)

Para todas as pessoas que, com pequenos movimentos, transformaram vidas em alegrias.



AGREGANDO VALOR...

Agregando valor a esta dissertação estão muitas pessoas queridas e amadas por mim, além de pessoas especiais que compartilham comigo esse momento. Nem sei se algum dia eu pensei que escreveria esta dissertação. A escrita foi um trabalho muito difícil. Na construção do texto, pelo tempo, pela minha dificuldade em colocar no papel tudo o que eu estudava, pelo trabalho no qual eu me envolvi muito, pelas coisas que concomitantemente foram acontecendo ao longo do mestrado e, se hoje tu aí estás lendo este texto, é porque eu tenho muitas pessoas para agradecer e que realmente agregaram valor não só ao meu texto, mas a minha experiência e a minha vida.

Começo com o “muito obrigada” à minha querida orientadora, sim, primeiro ela, acima de todos ela, minha inspiração, minha amiga, meu anjo. Sem a **Cristhianny** nesses últimos 6 anos, talvez eu não teria chegado tão longe. Ela sempre ali, sempre pronta para ajudar, sempre tão crítica e sempre tão sincera, por vezes dura, uma dureza só por fora e que muitas vezes machucava. Mas dela eu ouvi tudo o que eu precisei e escutei o silêncio quando eu precisava de silêncio. Abriu meus olhos e acreditou em mim, muito mais do que eu mesma acreditei. Estou aqui porque ela é uma excelente orientadora e uma amiga que abriu as portas da sua casa, me acolheu e me colocou na família dela. Família que eu amo muito, que me acolheu também e que também fez parte dessa construção do que eu sou hoje. **Cris**, minha amiga, minha orientadora, agradeço todos os dias a tua entrada na minha vida, por me amar e por acreditar em mim, agradeço a tua família por me aceitar e também gostar de mim, principalmente ao **Lucas** (meu parceiro de festa, meu amigo, que foi lá longe na Holanda estudar) e a **Juju** já que eu convivo mais, ao **Luciano** e a **Isa**. Uma pessoa como tu só poderia ter pessoas tão maravilhosas como essas para ser tua família e obrigada por me fazer sentir ser parte dela por várias vezes. Obrigada! Amigos são pessoas que a gente escolhe ao longo da vida. Uns entram, outros saem, outros pouco vemos, mas todos nós escolhemos. É um amor que não se explica e que é construído todos os dias, pela convivência, pelo carinho e pelo respeito. Amigos são a nossa família do coração, que escolhemos e que nos escolhem, então, todos os dias agradeço por muitas pessoas que passaram pela

minha vida me ensinando muitas coisas, agradeço mais ainda as que permaneceram e as que são minha família. Obrigada minhas amigas irmãs **Juline, Cindy, Juliana, Raquel (Daniel, Ândrio e Samuel), Gleice, Melissa (Giovana), Giselle, Bárbara** por serem minhas amigas, por ser outra família que eu tenho, por me colocarem na casa de vocês, em outras famílias e por estarem comigo, sempre, e em todas as vezes que eu precisei de um “colinho”.

Sobre amizades verdadeiras eu sou muito sortuda e tenho ganhado vários amigos que são presentes ao longo dos anos. Em 2012, depois de muita mudança, de conseguir o emprego que eu queria além de ter entrado neste curso de mestrado, conheci meu “BFF” (*best friend forever*). Esse tem enorme importância na minha trajetória nos últimos 23 meses, mais precisamente nos últimos 21 meses da minha vida. Motivos muito parecidos em nossas vidas nos aproximaram e com certeza ele foi um dos grandes presentes que eu ganhei que não devolvo e que preservo com muito amor, carinho e cuidado. Faz 21 meses que ele me escuta todos os dias, não reclama disso e me faz sempre aprender uma coisa nova! **Ariel**, obrigada por ser esse amigo querido que tu és comigo, por ser elegante e por me lembrar que eu tenho de ser elegante também! Agradeço-te por tudo e agradeço as energias que te trouxeram para a minha vida! Com certeza tu agregas muito valor.

Entre esses presentes do ano de 2012, entram meus colegas e em especial minhas *melhores amigas colegas*, ou *colegas melhores amigas*, ou ainda *amigas melhores colegas*, sem as quais minhas aulas, minhas noites, e minha vida não seriam tão alegres e, a vocês, eu só tenho a agradecer, muito e sempre e dizer que eu quero vocês perto, *forever!* **Bia, Tati, Simone e Vanessa**, que alegria ter conhecido vocês e ter vocês como amigas e colegas (mais amigas que colegas). Eu só tenho a dizer que amo vocês!

Ainda preciso agradecer meus colegas da Coordenadoria de Ciências Humanas e Suas Tecnologias, do IFSul, por serem tão especiais e por me ajudarem sempre que eu precisei. Alguns são mais do que colegas, se tornaram amigos queridos e eu levo no meu coração e agradeço por ter entrado em um lugar que me proporcionou tantas amizades queridas. Em especial **Alexandra** e **Dirnei**, por serem ótimos colegas que me respeitam e dividem muitos saberes comigo, e **Xanda** por confiar em mim e ser uma ótima amiga que me confiou tantas coisas, sentimentos, alegrias, angústias e felicidade, muito obrigada! **Guilherme** e **Caju**, por serem queridos e por dividirem a sala de aula várias vezes comigo, obrigada por essas experiências de

partilha. **Jacque, Lilian, Vinícius, Anita, Ana Cláudia, Gizele, Rosana** por estarem sempre dispostos todas as vezes que eu precisei e **Jacque**, por ser um exemplo de alegria para todos que convivem com ela! E **Gizele**, por compartilhar de bom gosto por time de futebol, como eu.

Aos queridos e amados amigos **Pitty e Priscila, Danilo, Leandro**, por serem pessoas tão confiáveis, tão queridos e amigos que eu quero sempre por perto, obrigada pelas conversas, pelas risadas e pela alegria de poder conviver com vocês além da sala da coordenadoria, no Caldelas, mas também nas noites pelotenses, nas jantãs em casa, que nos divertimos e tivemos e teremos muitas histórias alegres! Que felicidade ter encontrado vocês e que nossa amizade perdure ao longo dos anos. Nós somos um encontro alegre!

Agradeço ao grupo GENE, as bolsistas amigas amadas, que ajudaram tanto ao longo dessa trajetória, pelos encontros, pelas experiências, pelos aprendizados sempre tão importantes na nossa construção enquanto pessoas, profissionais e colegas. **Elisa, Janerlete, Nathana, Daiane, Marcela, Patrícia, Sidney, Cris, Simone, Bia, Débora, Érico**, que bom ter estado com vocês! **Érico**, que bom ter te reencontrado em uma oportunidade tão feliz! Vocês são amigos queridos que eu respeito e admiro muito!

Tenho um agradecimento muito, mas muito especial que são aos meus alunos do primeiro semestre de 2013! Todos, queridos, amados que alegraram meus dias, que me ensinaram muitas das coisas que aparecem nesse trabalho, que aceitaram minhas propostas, que me aceitaram, que me permitiram tentar escrever sobre a juventude, que me complicaram, por me fazerem sentir tão jovem quanto eles! Obrigada alunos amados das turmas **TRO2M (hoje TRO4M) TRO2V (hoje TRO4V), QUI5V (hoje QUI7V) e CVI2M (hoje CVI4M)** e muito especialmente a minha querida Eletrônica 2V, eterna que eu amo, e a todos os alunos que são meus amigos e que me respeitam e admiram, vocês são ídolos, um enorme sucesso e “*beijinho no ombro*”.

Agradeço a minha família, a que eu não escolhi, meu pai **Clair** pela educação, e pelos ensinamentos sempre válidos, minha mãe, **Maria**, e meus irmãos **Morena, Raí, Aline** e meu irmão de coração **Rafael**.

Não poderia faltar um agradecimento especial ao espírito mais evoluído que eu conheci na minha trajetória acadêmica: **Denise**. Querida amiga, parceria de viagem,

alegria que contagia e que agrega muito valor a minha vida! Obrigada por ser este ser especial que tu és e por fazer parte de tantas coisas boas na minha vida!

Agradeço ainda as queridas professoras **Ângela** e **Francisca** por participarem desse momento importante e tenso ao mesmo tempo, por lerem este trabalho e fazerem contribuições que serão de eXtrema importância para a continuidade desta pesquisa em outros momentos. Obrigada pelo olhar e por estarem aqui dividindo esta etapa de transição pela qual estou passando.

Agradeço ainda a algumas pessoas especiais que foram construindo um “S2” no meu coração e que me ajudaram muito durante a escrita desse trabalho: **Marcela Macedo, Luísa Macedo, Everton, Iribarrem, Elis, Isa, Amanda, Camila, Bruno Rommel, Roberta O., Karen Furtado, Júlia Ávila, Beбето, Gaby, Leandro Aires, Karoline Souza, Lana, Nana, Geam, #Jeffmito** e a todos que não tiveram seus nomes citados mas estão representados nas imagens desse texto.

E de maneira geral, a tod@s os meus alunos que durante o tempo em que eu estive no IFSul me ensinaram muitas coisas e outras maneiras de ser jovem e de ser feliz.

Só tenho a agradecer por tudo, por todos os momentos de alegria e de ajuda e só posso dizer que eu Amo todos Vocês!

OBRIGADA!

Sejam felizes!

Livian



Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Não percebem o amor que lhes devoto (...). A alguns deles não procuro, basta-me saber que eles existem. Esta mera condição me encoraja a seguir em frente pela vida. (...) Por vezes, mergulho em pensamentos sobre alguns deles. Quando viajo e fico diante de lugares maravilhosos, cai-me alguma lágrima por não estarem junto de mim, compartilhando daquele prazer... se alguma coisa me consome e me envelhece é que a roda furiosa da vida não me permite ter sempre ao meu lado, morando comigo, andando comigo, falando comigo, vivendo comigo, todos os meus amigos e, principalmente, os que só desconfiam ou talvez nunca vão saber que são meus amigos! A gente não faz amigos, reconhece-os.

(Vinícius de Moraes)



RESUMO

NETTO, Livian Lino. **Imagens da Juventude na Contemporaneidade**: um estudo de caso etnográfico dos modos de ser jovem no Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas. 2014. 169 f. Dissertação. (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Pelotas/RS, 2014.

Este trabalho buscou descrever os modos de ser jovem dos alunos do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas. Para isso, realizou-se um estudo de caso com inspiração etnográfica a fim de descrever quais os modos de ser jovem na contemporaneidade. Visto que vivemos em um tempo fluido, líquido, tomado pelas incertezas (BAUMAN, 2001), Dessa forma, a pesquisa teve por objetivo realizar uma descrição das juventudes que fazem parte do Instituto. Iniciando com um relato da pesquisadora sobre a sua própria juventude e suas incertezas, buscou-se saber na literatura como a juventude se constituiu como categoria de análise, e como a participação dos jovens transformou cenários ao longo do tempo. Em seguida, realizou-se um levantamento sobre a bibliografia que trata do tema juventude no banco de Teses da CAPES, a fim de saber o que as pesquisas relatam sobre os jovens. A partir de quatro descritores: juventude e etnografia, juventude e contemporaneidade e consumo, juventude e escola, fez-se um pequeno apanhado das pesquisas relacionadas ao assunto, já que existe um grande número de publicações sobre o tema. Logo, para capturar as imagens da juventude, foram propostos nas aulas de Sociologia, trabalhos que dessem conta de descrever essa juventude pelo olhar dos próprios jovens com a sua vivência no mundo contemporâneo. Foram realizados cinco trabalhos, dos quais quatro fazem parte da descrição. Dessa forma, os trabalhos com propostas de saber que música os jovens escutam, como é sua rotina em casa, o que eles consomem e consumiriam se o dinheiro fosse infinito, o que fazem no final de semana e quais suas percepções sobre a escola, nos deram uma pista de como é ser jovem nesse tempo. Da descrição dos trabalhos emergiram temas que fazem parte do cotidiano dos jovens hoje. Assim, a diversidade de músicas, suas relações com o consumo e os modos de consumir, suas tarefas em casa, contribuindo com a manutenção da casa e estudando e suas percepções de que a escola serve, principalmente, para estar com os amigos contribuem para se pensar os desafios que a sociedade parece enfrentar com relação às juventudes.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia, contemporaneidade, juventudes, cultura, educação.

ABSTRACT

NETTO, Livian Lino. **Images in Contemporary Youth**: An ethnographic case study of the ways of being Young in South Rio Grande Federal Institute - Campus Pelotas. 2014. 169 F. Dissertation. (Master) - Master Degree Program in Education, Southern Rio Grande Federal Institute of Education, Science and Technology, Pelotas / RS, 2014.

This study sought to describe the modes of being young of students of Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Pelotas . For this, we performed a case study with ethnographic inspiration to describe which way of being young nowadays. Since we live in a fluid, liquid time taken by uncertainty (Bauman , 2001). Therefore, the study aimed to carry out a description of the youths who are part of the Institute. Starting with an account of the researcher about his own youth and their uncertainties , was sought to find in the literature how the youth was constituted as a category of analysis , and how youth participation transformed scenarios over time. Then was held a survey on the literature dealing with the youth theme in CAPES thesis database, in order to know what the researches report on young people. From four descriptors : youth and ethnography, youth and contemporaneity, youth and consumption , youth and school, it was made a small overview of researches related to the subject, since there are a large number of publications on the theme. Therefore, to capture the images of youth , have been proposed in the classes of Sociology, school works that describe these by looking for young people with their own experiences in the contemporary world . Five school works , four of which are part of the description, were made . In this way, it was proposed works to know what music young people listen, their routine at home , what they consume and would consume if money were infinite , what they do on the weekend and what their perceptions of the school, gave a clue of how is to be young nowadays. From the description of the tasks emerged themes that are part of everyday life of young people. Thus , the diversity of music , their relationship with consumption and ways of consuming , tasks at home, contributing to the maintenance of the house, studying and the perceptions that the school serves mainly to be with friends contribute to think about challenges that society seems to face in relation to youths .

KEY-WORDS: Ethnography, contemporary, youth, culture, education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa.....	1
Figura 2: Rabiscos	6
Figura 3: Agradecimentos	11
Figura 4: Amigos	12
Figura 5: Juventudes.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 6: Imagnes	Erro! Indicador não definido.
Figura 7: Imagens	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Categorias de Consumo	125
Tabela 2: Consumo por jovem	131
Tabela 3: Divisão das atividades	137
Tabela 4: Rotina diária dos jovens	139

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Indidência por gênero	116
Gráfico 2: Agrupamento do gêneros outros	117
Gráfico 3: Agrupamento do gênero rock	118
Gráfico 4: Agrupamento do gênero funk	119
Gráfico 5: Quantidade de músicas por gênero	120

SUMÁRIO

O INÍCIO DO CAMINHO	19
1 FOREVER YOUNG? AS INCERTEZAS DE SER JOVEM	23
2 UM TEMPO CONTEMPORANEO	38
2.1 Começando um novo tempo: da sociedade moderna até um tempo contemporâneo	40
2.2. Contra tudo e contra todos: a música, o consumo e os movimentos culturais de juventude.....	47
3.TÁ NA TIMELINE – PUBLICAÇÕES ACERCA DA JUVENTUDE	60
3.1 Juventude e Etnografia	62
3.2 Juventude e Contemporaneidade	70
3.3 Juventude e Consumo	76
3.4 Juventude e Escola	83
4 I’M AT INSTITUTO: OKUPANDO A ESCOLA	89
5 CAMINHAR COM A JUVENTUDE: A ETNOGRAFIA COMO INSPIRAÇÃO	95
5.1 Os objetivos, sujeitos e atividades da pesquisa	100
6 CONTANDO, DESCREVENDO, ANALISANDO	106
6.1 Apresentação e análise dos CDs: Que músicas tu escuta?	111
6.2 Apresentação e análise das Colagens: O que tu consumirias se o dinheiro fosse infinito?	123
6.3 Apresentação e análise das Fotografias: Qual a tua rotina em casa?	134
6.4 Apresentação e análise dos Documentários: O que pensas da escola?.....	140
CONSIDERANDO ALGUMAS IMAGENS	157
REFERÊNCIAS	164
APÊNDICES	170

O INÍCIO DO CAMINHO

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado,
sempre em via de fazer-se

(Deleuze)

Este trabalho teve por objetivo descrever imagens da juventude no tempo contemporâneo. Por imagens, entendo as aparências, as representações, os gostos e os estilos de vida dos jovens pesquisados, que se transformam nas projeções em produto cultural socialmente construído que representam a juventude de maneira geral. As imagens que eles constroem a partir deles mesmos. Porém, descrever imagens é uma tarefa muito difícil, principalmente quando são muitas as imagens, representações de juventude que estão construídas nas pesquisas (DAYRELL, 2003, 2007; CARMO, 2000; SPOSSITO, 1997;) que tratam do tema como categoria de análise, considerando em cada uma delas as suas particularidades, tais como o espaço geográfico em que foram realizadas as pesquisas citadas, as condições sociais e culturais e os contextos históricos em que estes autores produziram seus estudos. Para dar conta de descrever os jovens e seus sentimentos no mundo ao qual pertencemos, foi preciso muito estudo, e uma delimitação de qual juventude, dentre tantas possibilidades de juventude, seria possível se estudar.

Como atualmente sou professora substituta no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, este era o local em que a pesquisa seria realizada. Como professora da disciplina de Sociologia, as possibilidades de criar alternativas que me permitissem capturar imagens dos jovens por eles mesmos se ampliava, já que as minhas turmas compreendiam adolescentes entre 13 e 18 anos. Então, o lugar já estava escolhido, os sujeitos também, meus alunos de três cursos técnicos integrados de quatro turmas diferentes, no total, 122 jovens. No decorrer do semestre, como geralmente acontece, esse número diminuiu, mas não de uma maneira que prejudicasse a pesquisa, já que a maioria seguiu na escola.

Escolhidos o lugar e os sujeitos, era preciso saber o que as pesquisas revelam sobre juventude, a fim de qualificar este texto. Com isso comecei um processo de mergulho, no qual, ler e estudar sobre jovens passou a ser uma rotina, tanto quanto as outras atividades com as quais ocupava meus dias.

Assim, a escrita desse trabalho começou a ser um enorme desafio, já que logo que iniciei o trabalho, não tinha praticamente nenhuma leitura sobre a

juventude, meus trabalhos acadêmicos transitavam em outras áreas, tais como a formação de professores e o ensino de Sociologia. Dessa maneira, precisei estudar muito para poder tentar realizar uma pesquisa sobre juventude, a qual eu havia me proposto a descrever.

Nunca havia tido um desafio acadêmico tão grande como esse, já que ao começar a pesquisar sobre juventude e sobre os jovens, várias coisas mexeram comigo. Primeiro foi a questão de que para alguns pesquisadores, a juventude é considerada uma etapa da vida em que não se é, mas que se está por vir a ser, o que de certa forma me incomodou, já que eu pensava que sabia muita coisa quando era jovem, considerando a juventude a fase da vida que compreende dos 14 aos 24 anos.

Descobri em mim um espírito jovem que, ao tentar exercitar uma metodologia sobre a qual não tinha domínio, a etnografia, mergulhei cada vez mais em um universo do qual me sentia parte. Estar com os alunos, escutar as músicas deles, estar com eles além da sala de aula, nas redes sociais, nos corredores da escola, nas visitas que recebia na sala dos professores, me aproximou demais dessa juventude que eu pretendia descrever.

Apixonamento, essa é a palavra que descreve o que eu senti nesses últimos dois anos. Apaixonei-me cada vez mais pelo meu tema, pela juventude e por ter um espírito jovem, o que me fez ficar imersa nessas imagens, me impossibilitando de sair do mergulho para poder olhar em volta.

Esse foi um processo muito doloroso, já que eu precisava escrever e não conseguia, pois o tema é de difícil delimitação, o que fez com que eu quisesse ler cada vez mais e participar cada vez mais dele.

Ler textos acadêmicos que tratassem de fazer uma descrição das juventudes, também foi uma tarefa difícil já que muitos autores acabam olhando de forma "adulta" para esses modos de ser.

Com isso, a pesquisa iniciou com uma busca por pesquisas e trabalhos acadêmicos que possibilitassem uma ideia geral sobre o que se produz sobre juventude no Brasil. Assim, foi realizada uma busca no Banco de Teses da CAPES, a fim de mapear alguns desses trabalhos para melhor compreender a temática.

De posse das principais referências, foi preciso colocar no papel o que se estava produzindo, e assim este texto começa com a minha trajetória de juventude.

Mesmo com quase trinta anos, me considero jovem, o que fez com que me aproximasse cada vez mais do tema.

Assim, com o objetivo de descrever imagens da juventude no tempo contemporâneo, tendo o cuidado de não criar uma imagem que definisse os jovens, mas descrever imagens com as quais os jovens pudessem se identificar, sem enquadrar, congelar ou fixar os modos de ser jovem.

Desse modo, esse trabalho passa pela minha trajetória, pelas transformações no mundo, descrevendo as características do tempo contemporâneo, pelos movimentos culturais de juventude, pelas pesquisas que compõe a *timeline*¹ da produção sobre juventude de 2009 a 2012, pelo cenário da pesquisa ocupado pelos jovens pesquisados, pela inspiração etnográfica desse estudo de caso, pelos contos, descrições e análises das atividades que compuseram o *corpus* dessa pesquisa e por fim, algumas possíveis imagens dessa juventude.

Dessa forma, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, escrevo um pouco sobre mim. Como diz Souza Santos (1988, p.84), “a ciência é assim, autobiográfica”, portanto começar o texto pela minha história de juventude me pareceu pertinente, visto que descrevendo minhas experiências jovens posso refletir e compreender sobre o que pra mim é o significado da palavra juventude. Neste capítulo, conto como eu me entendia e ainda me entendo jovem, no sentido de que juventude pode ser conceituada como um estado de espírito (ALMEIDA; TRACY, 2003) e que, apesar de não me encaixar dentro da faixa etária jovem, ainda me percebo com um estilo de vida jovem.

No segundo capítulo, descrevo características do tempo contemporâneo e que possíveis diferenças este tempo têm com relação à modernidade. A discussão deste capítulo se embasa principalmente na obra de Bauman (2001) por partilhar com o autor a ideia de fluidez do tempo atual, em que a rapidez das transformações altera os modos de ser, estar e se perceber no mundo. A vida contemporânea não dá mais conta dos planejamentos em longo prazo e muda a cada dia que passa. Modificam-se os modos de pensar, as ideias, o corpo, as experiências e assim, a descrição do que se vive nesse tempo é de fundamental importância para esta pesquisa, visto que é o tempo atual que possibilita os modos de vida das pessoas e

¹ Proveniente do idioma inglês, o termo “timeline” significa “linha do tempo”, na visualização das telas das mídias sociais. (<http://www.infoescola.com/informatica/timeline-nas-redes-sociais/>) Acesso em 12 de janeiro de 2014.

no caso desta pesquisa, dos jovens. Ainda no mesmo capítulo, descrevo os principais movimentos de juventude que tiveram fundamental importância para a construção dessa categoria de análise, principalmente movimentos relacionados à música e ao consumo.

Logo, no capítulo três, descrevo as pesquisas que vêm sendo feitas nos últimos anos, tendo a juventude como temática central.

Em seguida, descrevo o local da pesquisa: a escola, lugar de ser jovem. A escola tem um importante papel na construção dos sujeitos e da juventude. As emoções, as amizades, os romances, os gostos acontecem neste espaço de convivência e aprendizagem, visto que a estrutura social faz com que grande parte do tempo que os jovens tenham seja vivenciada dentro da escola.

A escola é um dos principais espaços de ser e produzir-se jovem. Por esse motivo esta pesquisa será realizada com alunos do ensino médio profissionalizante de uma escola pública localizada na cidade de Pelotas.

Logo, descrevo a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Baseada na abordagem qualitativa, realizo um estudo de caso com inspiração etnográfica para alcançar a compreensão do problema.

Por fim, conto, descrevo e analiso as atividades que tiveram por objetivo construir algumas imagens dessa juventude, indicando algumas delas como possibilidades de reflexão sobre as juventudes contemporâneas.

1 FOREVER YOUNG? AS INCERTEZAS DE SER JOVEM

Escrevemos sobre nós mesmas (os), apesar de toda proteção da ciência, da filosofia ou da racionalidade científica.

(Edla Eggert)

Não sei se deveria começar este trabalho contando sobre a minha vida, mas acredito que o que eu penso sobre a minha juventude dá uma ideia do que me motivou a escrever esse trabalho.

Dizem que os jovens são muito complicados, mas será que são? Eu não sei se sim ou não, o que importa é que ser jovem é opção, às vezes, já que se pode ser sempre jovem². Dizem também por aí, que a maioria dos jovens é irresponsável, liberal³, experimenta muitas coisas: sexo, drogas e *rock and roll*, mas não penso que todos sejam assim, já que não se pode generalizar a juventude e os jovens.

O conceito de juventude é muito amplo, podendo ser definido pela faixa etária – no caso do Brasil, considera-se jovem as pessoas entre 15 e 24 anos - fisicamente, quando se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter menos necessidade de proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar independência, além de outros sintomas corporais e psicológicos (DAYRELL, 2003).

Dizem também que a juventude é um vir a ser, então me pergunto: não são nada? Só vão ser no futuro que não conhece?

Só sei dizer que ser jovem é bem legal...

Minha faixa etária, 28 anos, não me enquadra mais dentro do que as estatísticas brasileiras consideram como jovem (DAYRELL, 2009).

Bom, eu nasci em abril de 1985, mais especificamente no dia 15 de abril, não lembro nenhum fato marcante perto dessa data, mas o nosso país passava por um processo de redemocratização em que o papel dos jovens, dos estudantes e especialmente dos jovens estudantes foi fundamental para que hoje se exerça o direito de voto, por exemplo.

² Nesse contexto, entende-se juventude como estilo de vida.

³ Liberal no sentido de pessoa que entende a liberdade, de opinião, do corpo, do comportamento.

Não tenho muitas lembranças da minha infância⁴, minhas recordações começam ali quando eu já deveria ter uns cinco anos e mais claras na memória quando eu entrei na escola. *Coisa bem boa é ir pra escola!*

Snyders (1993), ao pesquisar testemunhos de alegria na escola afirma que

[...] a escola preenche duas funções: preparar o futuro e assegurar ao aluno as alegrias presentes durante esses longuíssimos anos de escolaridade que a nossa civilização conquistou para ele. (SNYDERS, 1993, 27)

E continua:

Quando eu induzo alunos a falar sobre a alegria na escola, alguns recordam a alegria das algazaras, alegria do companheirismo [...] Procuo me ater fundamentalmente ao que chamarei de alegria propriamente escolar, quer dizer, a alegria de esperar o que me parece constituir a propriedade característica da escola: a convivência com a “cultura cultivada” que culmina na relação entre o aluno e os mais belos resultados atingidos pela cultura, as grandes conquistas da humanidade em todos os campos, desde poemas até descobertas prodigiosas e tecnologias inacreditáveis. Alegria cultural, alegria cultural escolar... (SNYDERS, 1993, p.31-32)

Além das alegrias citadas pelo autor, lembro que outras alegrias começaram na escola, a alegria de ter muitos colegas, de passar algum tempo com os amigos, o que na escola acontecia diariamente. Começo recordando que nem sempre fui uma ótima aluna, aliás, às vezes nem sei como eu conseguia passar de ano. Eu sempre estudei, mas se eu entendesse a matéria, em minha opinião, já era o suficiente, as notas nunca me importaram e meu pai nunca exigiu que eu fosse nota 10. Até a minha adolescência, por volta de 12 anos, sempre estive presente no ambiente da escola. Minha mãe era do “clube de mães⁵” e eu estudava numa escola muito pequena em que todos se conheciam. Logo, com a ida para a 6ª série, tive que mudar de escola, já que a Escola Bibiano de Almeida tinha como complemento do nome Escola de Ensino Fundamental Incompleto. Só atendia até a 5ª série do ensino fundamental, antigo primeiro grau.

Então com 12 anos, momento em que penso que comecei a ser jovem, fui estudar numa escola bem maior que abrangia até o final do ensino médio, na época 2º grau. Comecei a pensar que não era mais criança. Isso é a primeira coisa que os adolescentes pensam: não são mais crianças. Entretanto, acho que minha mãe e meu pai não pensavam assim.

⁴ Fase da vida Socialmente construída.

⁵ Grupo formado por algumas mães dos alunos da escola e que se encontravam uma vez por semana para realizarem cursos como o de pintura e também para participar do dia a dia da escola.

Não ser criança significava, para mim, não me vestir como uma. Minha mãe teimava em comprar roupas coloridas, ou então usar “chiquinhas” de cabelo⁶ ridículas que me faziam parecer a Xuxa⁷, dando a entender que eu ainda brincava de bonecas. Na verdade eu brincava, mas ninguém precisava ficar sabendo.

Na escola grande começam a surgir outras coisas que se vai gostando, como músicas, guris⁸, amigos, penso que é aí que os autores se referem quando afirmam em seus trabalhos de pesquisa que os jovens experimentam algumas coisas como namorar, beber, enfim, perdi as contas de quantas vezes essa palavra pareceu enquanto eu lia os textos de Dayrell, Sposito, Reis, Velho. Experimentar!⁹

O que se experimenta com 12 anos? No meu caso algumas emoções de gostar de alguém e ficar nervosa se alguém descobrir, ou responder a um questionário, um caderno de perguntas sobre a vida da gente: todo mundo tinha e queria responder um questionário. (Não sei se concordo contigo o ASK ME não seria uma forma de questionário on-line? Sugestão, retirar as próximas linhas)

Então com 12,13 e 14 anos, minha vida social se reduzia a participação na escola, em grupos que se formavam na escola, e só. Não era permitido ir a festas, pois meu pai achava que eu não tinha idade para isso, “*que mania que adulto tem de achar as coisas*”.

Se eu não ia para festa, e não podia sair muito de casa, a escola era o lugar de experimentar, Minha vida não tinha muitas emoções nessa idade, acho que ficou melhor depois dos 15 anos.

Então, com 15 anos eu podia sair, se eu levasse minha irmã de 13 anos junto comigo, essa era a condição para que eu pudesse sair, e como boa filha que queria sair à noite, acatava.

Assim, hoje, olhando meus irmãos menores, um com 21 anos e outra com 17, percebo que realmente minha adolescência parece não ter sido tão emocionante assim.

Eles podem fazer muito mais coisas do que eu podia fazer. Eles têm mais amigos e saem mais, eles não só vão à escola, eles têm Facebook, ASK, Twitter¹⁰ e coisas que eu nem conheço. Minha irmã com 17 anos tem mais de 200 amigos

⁶ É um tipo de penteado em que o cabelo é partido ao meio, e cada parte é amarrada por meio de laço, fita ou elástico.

⁷ Apresentadora de programas infantis que fez muito sucesso nos anos 80 e 90 na Rede Globo.

⁸ Expressão que se refere a crianças, meninos.

⁹ Experimentar, nesse contexto, significa passar por alguma situação pela primeira vez.

¹⁰ Redes sociais atualmente usadas pelos jovens.

conectados todos os dias aos bate-papos virtuais toda vez que ela está *on line*¹¹. É uma grande mudança nos espaços e tempos, e olha que a nossa diferença de idade nem é tanta, 11 anos. Quando eu tinha 16 anos, a única internet era a da vizinha, discada, depois da meia noite para não gastar telefone¹², pois era muito caro. Se utilizava o mIRC¹³, mas não era tão legal quanto às redes sociais de hoje. Está aí, outro espaço de experimentação!

Quando eu era adolescente, achava que experimentar era só comida, drogas e sexo. Aliás, com 16 anos eu experimentei cigarro. Todo mundo fumava, menos eu. Sempre me achei um pouco atrasada. Mas no final, eu achei um gosto tão horrível que em toda a minha vida de 28 anos só fumei dois cigarros.

A escola era o lugar em que as emoções aconteciam, e que emoções! Acho que a maior emoção era olhar os guris e achar que eles queriam ficar comigo.

Mas foi lá (há longos 12 anos) com 15, 16 anos que começou a ficar bem difícil ser adolescente e jovem! E não é que dói, dizem os trabalhos que tratam da juventude como uma fase de crise que parecem ter razão.

Não entendo porque crise tem uma ideia que parece ser negativa. Penso que tem crises que são boas e fazem com que a se aprenda e cresça mais rápido. Com essa idade, começa-se a querer ser independente, a trabalhar e ter que escolher os planos do futuro, tempo que parece ser incerto. Planeja-se, mas não se tem garantia nenhuma de que se vai conseguir. No meu caso, a escolha profissional foi assim, eu pensava em fazer jornalismo, já que sempre falei mais do que escrevi, pensava que a comunicação era a melhor escolha. Então, acreditando que trabalharia em rádio ou num jornal, já estava decidido o que fazer. Mas então, meus colegas e eu, fomos contaminados pelo desejo de fazer cursinhos pré-vestibulares. Desejo este que para mim não se concretizou, em função da minha condição financeira.

No segundo ano do ensino médio, pensava e escolhia os cursos que eu poderia tentar quando o final do ano de 2002 chegasse. A comunicação já havia sido riscada da lista de opções, pois o curso existente na cidade era ofertado pela Universidade Católica, que é uma instituição privada e meu pai não tinha condições

¹¹ Estar conectado na internet, disponível.

¹² É um tipo de acesso a Internet no qual uma pessoa usa um modem e uma linha telefônica para se ligar a um nó de uma rede de computadores do provedor de Internet.

¹³ É um cliente de IRC, para o sistema operacional Microsoft Windows, criado em 1995 com a finalidade principal de ser um programa chat utilizando o protocolo IRC, onde é possível conversar com milhões de pessoas de diferentes partes do mundo.

de pagar. Ainda nessa época, o PROUNI¹⁴ não existia enquanto política afirmativa de inclusão universitária, conseguir bolsa de estudos era difícil, tendo em vista a concorrência.

Escolher o que se vai ser quando crescer é muito difícil, sem saber direito o que se deseja ser.

Junto com essa decisão tinha outras ideias que foram sendo construídas com a ajuda do meu pai. Meu pai era muito jovem no seu estilo de viver a vida, e eu só sei disso hoje, achando que tudo que eu leio é pouco e que estou repetindo o que vários autores citados já disseram, mas pelas pesquisas que realizei parece não ter nenhum trabalho utilizando a visão do jovem sobre ele mesmo no mundo. Os trabalhos dizem que os jovens são difíceis, complicados e que criam culturas para romper com o que está imposto socialmente, mas em nenhum dos textos estudados encontrei uma descrição do que eles pensam deles, por eles mesmos.

Penso que foi por isso que resolvi escrever como eu me penso jovem, pois parece que sou jovem ainda, moro com a minha mãe, não tenho casa e nem ao menos sei o que vai ser da minha vida depois que acabar este curso de mestrado e o meu contrato como professora substituta do IFSul¹⁵. Eu sei o que quero, mas se vai dar certo, é outra história.

A questão é que os jovens podem ter muitas coisas para nos contar do jeito deles. Então, surge a ideia deste trabalho, que simplesmente pretende descrever o que os jovens pensam sobre si e o que sentem com relação a todo esse ritmo frenético que o tempo atual nos apresenta.

Acredito na relevância desse trabalho já que com ele buscou-se descrever os sentimentos dos jovens, sujeitos desta pesquisa, que se encontram na faixa etária dos 13 até os 17 anos de idade.

A preocupação de saber o que fazer da minha vida tem muito a ver com a ideia de mundo que meu pai me passou. Eu pensava que viver era muito fácil e que tudo se revolvía. Não sei por que isso foi mudando e eu fui ficando um tanto pessimista, mas o fato é que além de ser uma bem sucedida mulher que trabalharia,

¹⁴ O ProUni - Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa.

¹⁵ Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

eu iria morar sozinha e fazer o que eu quisesse, nunca teria um relacionamento sério e nem deixaria de fazer tudo que eu estivesse com vontade de fazer. Então, talvez aqui, a ideia romântica da juventude parece fazer parte do que eu pensava, já que a ideia adolescente de que tudo se pode, tudo vai dar certo e nada poderia me acontecer faz com que enquanto jovens nos achemos mais fortes. Essa ideia parece ser motivo de alguns jovens entrarem em contato com drogas, mais tarde não conseguiu abandonar o que acaba por se constituir em um vício, fazendo com que alguns estudos tratem o tema da juventude necessariamente ligado ao uso de drogas. O prazer imediato, que dizem que elas proporcionam, pode dar conta de toda uma vontade de ser sempre feliz, pois é difícil ter que decidir tanta coisa quando apenas se quer viver.

Talvez por isso a velhice, mais uma etapa da vida, é a melhor idade, já que nessa fase parece que cada um se preocupou com tudo o que precisava se preocupar durante a juventude e agora resta aproveitar o tempo que ainda se tem.

Voltando ao meu pai, ele realmente era diferente, tinha ideias que não me pareciam nada convencionais para os pais que eu conhecia. Para ele, eu deveria ser independente, não deveria me casar, mas sim ficar com várias pessoas. Para isso eu deveria investir nos meus estudos, já que ele não pode, visto que meu avô morreu muito cedo e desde os nove anos de idade meu pai precisou ajudar a minha avó no sustento da casa, o que fez com que aos 17 anos ele parasse de estudar na 7^o série do ensino fundamental. Apesar da pouca escolaridade, meu pai sempre me incentivou a estudar, pois ele acreditava que era a única forma de se ter alguma coisa na vida, mesmo que o estudo, por vezes, dê resultados em longo prazo. *E põe longo nisso!* Principalmente quando se escolhe ser professora de uma disciplina que nem nos currículos estava ainda, Sociologia. Essa é a ideia de algumas pessoas com as quais eu convivi: o estudo é a única forma de ascender profissional e socialmente. Certamente, tem outros jeitos, mas esse foi o modo ao qual fui incentivada.

O fato é que aos 17 anos se é muito ocupado, principalmente quando se precisa estudar, decidir o que se vai ser depois do segundo grau, e que roupa se vai usar na festa, à noite, porque nunca se tem roupa, e quando se tem, não se tem sapatos...

Hoje eu percebo que, na minha adolescência, passei distante de movimentações e participações políticas e que pouco conhecia sobre esses

assuntos, que foram fazer parte do meu cotidiano aos 18 anos, quando ingressei na universidade.

Sou muito romântica, por isso as experiências escolares me faziam *viajar*¹⁶. Na escola, além de estudar, se faz muitas outras coisas. *Eu que o diga!* Adorava ir à escola. Nunca fui uma aluna nota dez, mas sempre que podia, ficava dentro da escola para estar com meus colegas e amigos. No primeiro grau, qualquer trabalho que a professora pedisse era motivo para ir até o colégio no turno inverso, para ir à biblioteca.

Não existe coisa melhor do que ir para a escola quando se tem 13, 14, 17 anos. Pelo menos era o que eu pensava. Eu gostava do ambiente, das pessoas, das conversas e da grande diversidade de pessoas que a frequentavam.

Quando fui para uma escola maior, na 6ª série, era totalmente diferente da escola de primeiro grau incompleto que estudava até então. Tinha muita gente, muitas turmas, muitas coisas para fazer além de estudar, sem esquecer que esse é o objetivo de se estar ali, mas a possibilidade de se conhecer gente dentro desse lugar é imensa.

Quando fui para o segundo grau, a escola em que eu estudava oferecia muitas coisas para fazer além das aulas, tinha o projeto de amostra integrada¹⁷, uma espécie de feira de ciências mais elaborada. Esse projeto valia quase toda a nota do ano, então consumia muito tempo dentro da escola, em outro horário, para que os grupos pudessem realizar as atividades propostas por todas as disciplinas para esse grande projeto. Então, era mais um momento em que estar na escola era a oportunidade de estar com quem se gostava, com o grupo, com os colegas e com os amigos. Além desse projeto, as olimpíadas de matemática integravam a escola em apenas três grupos, divididos por cores: azul, vermelho e branco. Esses grupos eram compostos por todos os alunos da escola, mais de dois mil, que escolhiam a equipe da qual faziam parte. Era um momento em que se conhecia quase todos alunos e que se formavam novos grupos dentro da escola.

Com isso, percebia-se a divisão que se formava entre os jovens que ali estavam. Os grupos se formavam principalmente pelas afinidades. No caso dessa escola, existia o grupo do grêmio estudantil, composto pelas pessoas mais velhas,

¹⁶ Viajar no sentido de sair realidade, estar no mundo da lua, alienado, pensar muito longe.

¹⁷ Projeto interdisciplinar que acontecia uma vez por ano na escola e valia grande parte da nota dos três trimestres.

que estavam ali há mais tempo e, também, pelos “mais populares”. Tinha o grupo dos *pagodeiros*, lembrando que no final dos anos 90 e início dos anos 2000, o ritmo tomava conta das paradas musicais das rádios de todo país, dos *roqueiros*, *funkeiros* e assim por diante, uma infinidade de estilos musicais. Os jovens e a música sempre tiveram uma ligação muito forte. Comigo não foi diferente, foi assim que na adolescência eu experimentei vários ritmos e *várias drogas*¹⁸.

Assim, minha vida teve uma trilha sonora muito eclética. A cada dia, uma música fazia a trilha da história vivida.

[...] a música constrói nosso senso de identidade através de experiências diretas oferecidas ao corpo, em tempo e espaços sociais, experiências que possibilitam nos posicionarmos em narrativas culturais imaginativas (...). Isso é, talvez ironicamente, volta à música através da metáfora espacial. Mas o que torna a música especial para a identidade é que ela define espaço sem limites (um jogo sem fronteiras). (FRITH, 1996, p.124-125)

O fato é que na escola tudo acontecia. A escola foi o espaço de experimentação mais diverso que já frequentei. Foi nela que conheci muitas *gentes*, muitas histórias, e tive muitas experiências. Nem todas as coisas aconteciam *dentro da escola*, mas fora dela, perto dela, e geralmente com pessoas que eu conhecia nela. A escola era mágica. Era nela que se decidiam muitas coisas da vida, do futuro e dos amores. Nela, me apaixonei várias vezes.

Depois da escola o lugar mais estranho e diferente que frequentei foi à faculdade. No meu caso, estudar Ciências Sociais me proporcionou a experiência de conhecer a diversidade. Mesmo sendo outro lugar, é, por assim dizer, a continuação do ambiente escolar. Algumas experiências na faculdade, para mim foram muito parecidas com as da escola.

Também era um lugar de convivência, de experimentação e de conhecer gente para depois *ir para a noite*¹⁹.

Até então, eu só podia ir a lugares os quais meu pai me permitia ir, com pessoas que ele conhecia. Logo que ingressei na universidade, perdi meu pai e isso fez uma grande diferença em quase tudo que eu fazia até então, pois ele sempre foi uma figura muito presente e, assim, eu não me importava que ele fosse comigo aos

¹⁸ “Várias drogas” no sentido de músicas que também viciam e que não são boas, especialmente para o meu gosto hoje.

¹⁹ Ir para a noite significa sair para festas e bares.

lugares nos quais eu estaria com meus amigos. A maioria dos jovens talvez pense que estando ao lado do pai, *pagariam mico*²⁰. Eu pensava isso com relação a minha mãe, mas com o meu pai era diferente. Foi então que, aos 18 anos, eu tive mais liberdade para sair. Só avisava a minha mãe e ia para a rua. Saía com as pessoas que estudavam comigo e vez que outra “*misturava*” os amigos da escola com os amigos da faculdade.

O importante é que os encontros deveriam ser à noite. Desde o ensino médio, sempre que se pensava em fazer algo, pensava-se na noite. *Que graça tem sair de dia? À noite somos todos jovens e no meu caso, ir a festas foi uma das melhores partes da juventude! Ah! As festas...* Não necessariamente uma festa, mas qualquer lugar que fosse fora da escola, com pessoas da escola, ou amigos dos amigos e que a noite estivesse chegando.

Se bem que, com os meus 14 anos a realidade era outra. Eu marcava de sair à tarde e sempre ficava na rua da minha casa. O horário era sempre o mesmo, 14h, já que às 16 horas começava o programa *Xuxa Hits*, que depois se transformou em *Planeta Xuxa*²¹, e no qual tocavam as músicas que eu queria ouvir.

Como já disse, comecei a sair por volta dos quinze anos. Nessa época, eu gostava de pagode, isso era início dos anos dois mil e desde o final da década de 90 era o ritmo que fazia muito sucesso. Lembro-me da primeira vez que *eu fui para a noite*, show dos Travessos, banda de pagode que fazia sucesso. E essa era a trilha que embalava meus pensamentos...

Eu não ligo pro que os outros falam me arrependo só do que não fiz Nesses casos de amor o coração é quem diz, eu aceito todas suas crises e finjo que acredito no que você diz, pois quando a gente ama eu sou feliz, feliz quando a gente ama eu sou...

Quando a gente ama – Os Travessos

²⁰ Expressão utilizada para se referir a uma situação vergonhosa.

²¹ Planeta Xuxa foi um programa de televisão apresentado por Xuxa Meneghel, dirigido por Marlene Mattos e exibido pela Rede Globo entre 5 de abril de 1997 a 28 de julho de 2002. Voltado para a família e os adolescentes, inicialmente era apresentado aos sábados à tarde. A partir de 19 de abril de 1998, o programa passou a ser apresentado aos domingos em razão da Copa do Mundo de 1998, permanecendo aos domingos até sua extinção, em 2002. O programa tinha formato de discoteca, contava com a participação das Paquitas New Generation, do grupo de bailarinos You Can Dance, das gêmeas Mariana e Roberta Richard (As Metralhas) e da dançarina Adriana Bombom. O planeta contava com convidados famosos, sendo que o quadro de maior destaque era o quadro Intimidade, em que Xuxa fazia perguntas íntimas aos convidados. Também foi criado o quadro Transformação, de grande sucesso, e onde alguém escolhido na plateia por Xuxa era submetido a uma mudança no visual. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Planeta_Xuxa)

Depois, comecei a sair mais, porém meu gosto musical já não era o mesmo, o que talvez tenha relação com a mudança de escola e de alguns amigos. Na minha casa, meu pai escutava quase todos os tipos de música com LP's²² que variavam entre Pepeu Gomes, Pink Floyd, Queen e Raça Negra, por exemplo. Comecei a ouvir quase todos os tipos de música. Adorava bandas de rock gaúcho: Ultramen, Comunidade Nin-Jitsu, Acústicos e Valvulados, Defalla e outras, que vinham a Pelotas seguidamente fazer seus shows.

Também comecei a ir a shows nacionais e ouvir outros estilos de músicas. Os shows eram a única “festa” que meu pai deixava que eu fosse, pois em bailes e em casas noturnas eu não podia ir. Talvez isso fosse motivado porque esses shows não aconteciam com tanta frequência, diferente dos bailes que ocorriam toda semana.

As festas, os postos de gasolina, os bailes são alguns dos principais pontos de encontro dos jovens (ALMEIDA & TRACY, 2003) e espaço de muitos acontecimentos. No meu caso, era o espaço de diversão, de encontro fora da escola, de conhecer gente nova. E, de fato, com 15, 16 e 17 anos, eu saía muito mais para estes encontros do que hoje com 28. Quando tenho tempo livre, apesar de visitar os amigos, passo mais tempo na internet e no telefone, o que exemplifica a mudança dos espaços de relação. Acredito que isso é uma das características do tempo que se vive hoje. Com tanta coisa que temos que dar conta, os espaços de convivência muitas vezes acabam sendo substituídos pelos telefones celulares e pelas telas do computador. O fato é que ir a uma festa era um grande evento social que necessitava um dia todo de preparação, um verdadeiro ritual, desde passar a tarde escolhendo a roupa, pintar as unhas e arrumar o cabelo, já que não se sabia o que poderia acontecer à noite.

Depois de entrar na faculdade, as saídas noturnas se tornaram mais constantes. Tinha mais gente para ir junto, tinha mais idade para poder ir, e também mais convites. Então aos 18 e 19 anos, eu saía muito. Apesar de ter começado a namorar com 19 anos, logo no início do namoro, eu ainda saía sozinha. Saía com os colegas da minha turma, pois meu namorado não gostava de frequentar os mesmos lugares que eu. Depois, com o romance, as saídas para a noite eram programas de casal, jantar, casa dos amigos, aniversários e festas da família.

²² Disco de vinil, conhecido simplesmente como vinil, ou ainda Long Play (LP).

O importante é que dos meus 15 anos até os 19 eu realmente fiz quase tudo o que eu queria fazer na noite... a exceção foi o Planeta Atlântida²³ de 1996, já que meu pai me achava muito jovem para ir a um festival de tamanha grandeza. *E foi assim que eu perdi o show dos Mamonas Assassinas*²⁴...

Passados os anos percebi como era bom ser adolescente, (*e que Girls just wanna have fun*²⁵) mas hoje, prestes a completar meus 29 anos, daqui a 2 meses, será que eu deveria me sentir adolescente ainda?

Alguns estudos (MEIRELES, 2012; SPOSITO, 1997) mostram que existe um alargamento do tempo da juventude, compreendida como estilo de vida e não só como uma fase de transição, o que faz com que eu me sinta mais confortável em pensar que sou bem jovem ainda.

O fato é que nos últimos anos minha vida vem se transformando tão rápido quanto as mudanças do tempo. As principais mudanças foram no estilo de vida. Como já disse antes, com 19 anos comecei a namorar, e claro não pensava que namoraria por muito tempo, porém as coisas foram acontecendo e quando percebi pensei que deveria mudar algumas lógicas do meu pensamento e as principais eram: vou constituir uma família e preciso conceber a ideia de talvez ser mãe, coisas que nunca passavam pela minha cabeça, já que com 15 anos eu tinha decidido, com forte influência do meu pai, que eu seria totalmente independente de relacionamentos e que eu iria escolhendo as coisas conforme sentisse necessidade. Senti a necessidade de continuar namorando e mudar as ideias há tanto tempo construídas em mim.

Como quase toda adolescente que namora, fiquei muito tempo fazendo coisas de casal, apesar do início do namoro ter sido bem diferente, já que como ele não gostava de sair e eu sim saía sozinha para as festas, na verdade, a festa, já que era sempre o mesmo lugar: a Boate do Direito²⁶. O caminho era sempre o mesmo: sexta-feira, depois da aula, bar Evani²⁷ na Rua Dom Pedro II, e perto da uma hora da manhã, em grupo caminávamos até a Faculdade de Direito onde acontecia a festa, e lá ficava até às 4 horas da manhã, meu limite.

²³ Festival de música realizado em fevereiro no Rio Grande do Sul pela rádio Atlântida, afiliada ao grupo RBS.

²⁴ Banda de Rock cômico que fez sucesso na metade dos anos 90.

²⁵ Canção de Sucesso interpretada por Cindy Lauper na década de 80.

²⁶ Boate que funcionava no prédio da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas, com som "alternativo" e "anticomercial". RODRIGUES, Itiberê Castellano. Disponível em: http://mepelotas.blogspot.com.br/2009/01/boate-do-direito_20.html

²⁷ Bar que era ponto de encontro antes da festa na Boate do Direito.

No final de 2011, com o término do namoro, a vida social agitada começou a retornar ao antigo ritmo, já que eu estava solteira e minhas amigas também. Nesse novo contexto muita coisa havia mudado e a primeira delas é: eu não conhecia mais ninguém na rua! No período da faculdade, como eu frequentava os mesmos lugares, conhecia todo mundo na noite, hoje em dia é diferente.

Com meus 26 anos, as músicas não eram mais as mesmas, e, aliás, me parece que elas mudam mais rápido do que qualquer outra coisa. Músicas da moda têm tempo muito menor de validade do que músicas consideradas “clássicas”. O mercado²⁸ da música é mesmo rápido, assim esse era outro aspecto que havia se modificado. A Boate do Direito não existia mais e não havia lugar parecido com ela na cidade. Então comecei a frequentar outro circuito noturno, porém meus gostos tinham mudado do mesmo modo que mudei. Ficar em pé dançando não me parecia mais uma ótima diversão como antes.

Assim como as amizades, o ambiente, os gostos, os jeitos, tudo se transformou. Apesar de na noite me considerar “velha”, identificava-me com a volta à vida noturna.

Além disso, as formas de se comunicar são bem diferentes das de quando eu tinha 15 anos, até porque nessa idade eu não tinha telefone celular, poucos dos meus amigos tinham. Então tudo o que se queria fazer era combinado na aula, na escola, já que a maioria dos amigos vinham do convívio escolar. Agora todos têm telefones celulares e mais, smartphones²⁹. Isso significa que meu círculo de amigos está conectado, tanto na internet, quanto por mensagens de celular. Ter acesso, em qualquer lugar, ao Facebook, Whatsapp³⁰ faz com que se esteja em constante comunicação, combinando, compartilhando e fazendo *Check in*³¹ nos lugares que mais se frequenta. Essa parece uma característica desse tempo, conta-se publicamente praticamente tudo o que se faz e parece que existe uma necessidade de mostrar a vida, frenética e badalada, que se pode ter.

²⁸ Entende-se por mercado neste texto o mecanismo social para a troca de bens e serviços que visam lucro e obtenção de vantagens sobre outras pessoas (JOHNSON, 1997).

²⁹ O smartphone é um celular com tecnologias avançadas, o que inclui programas executados um sistema operacional, equivalente aos computadores.

³⁰ WhatsApp é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para iPhone, BlackBerry, Android, Windows Phone, e Nokia e, esses telefones podem trocar mensagens entre si. Como o WhatsApp Messenger usa o mesmo plano de dados de internet que a operadora usa para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos.

³¹ *Check in* é uma palavra em inglês, que remete ao ato de dar entrada, abrir uma conta, confirmar presença em um local, registrar-se ou iniciar de algum tipo de processo.

Assim essa volta ao circuito jovem me motivou mais ainda para a realização desta pesquisa, e a identificação com os alunos facilitou a coleta de dados.

Então, mesmo com 28 anos, percebo-me jovem. Alguns estudos (SPOSITO, 1997; DAYRELL, 2003, 2009) exploram essa possibilidade de prolongamento da juventude, já que no mundo contemporâneo, cada vez mais as pessoas demoram a conseguir estabilidade financeira, precisam de mais tempo para concluir os estudos e muitos seguem morando com os seus pais enquanto não conquistam sua independência, como eu. Dessa forma, minha condição jovem permitiu uma maior aproximação com os alunos e, de certa maneira, me incluiu (até demais) no universo da juventude deles.

Essa condição de proximidade, ao mesmo tempo em que me ajudou no sentido de conseguir propor as atividades para a realização dessa pesquisa, por outro lado criou uma demanda que não tinha calculado: eles também se identificaram com o meu modo de ser e assim acabaram por exigir em diversos momentos, tanto durante as aulas, como durante a pesquisa, várias relações que eu não esperava. Criamos vínculos muito fortes, amizades e relações de confiança pelas quais me senti responsável e que precisava dar conta. Isso fez com que várias vezes fizesse parte dos círculos de amizades deles, além de estabelecer conexões que ultrapassaram a relação professora/alunos.

Essa relação fez com que por vezes me sentisse mais jovem do que talvez seja, mas com isso pude compreender a juventude como um estilo de vida ou um modo de vida que se altera de acordo com o meio em que a pessoa está inserida, já que nem todos têm acesso a todas as possibilidades de ser jovem que mundo contemporâneo apresenta. Assim, em cada contexto, as imagens de juventude são diferentes e vão assumindo diferentes características e representações, fazendo com que não exista uma homogeneidade da juventude, mas sim diversas juventudes, ideia que vai ao encontro do que os estudos antropológicos sobre as culturas jovens identificam como diversidade interna das sociedades complexas em termos de *ethos*, estilos de vida, visões de mundo e modos de construção das realidades.

Ao longo da pesquisa, minha juventude também foi florescendo e revelando outros olhares sobre as situações do dia a dia na escola, tais como os modos como se pode comunicar com os alunos e as maneiras de como eu quero ser vista pelos meus pares. Creio que descrever minha juventude, pensando na juventude com a

qual eu me encontrei pode ajudar na reflexão das transformações que foram ocorrendo ao longo dos anos e principalmente ao longo dos meus anos e comigo.

Assim, coisas da minha juventude, de 15 anos de idade, começaram a reaparecer e ter outro significado, influenciando minhas escolhas e minha participação no mundo e nos lugares dos quais eu faço parte.

Para compreender com maior profundidade a juventude pesquisada, é preciso entender um pouco das transformações ocorridas ao longo da história. Para isso, faço uma descrição do tempo contemporâneo, assumindo Bauman (2001) como principal referência. Logo após, descrevo as transformações no âmbito dos movimentos sociais de juventude, principalmente através da música e da indústria do consumo.



2 UM TEMPO CONTEMPORÂNEO

Hoje o tempo voa, amor. Escorre pelas mãos. Mesmo sem se sentir. Que não há tempo que volte amor. Vamos viver tudo o que há prá viver. Vamos nos permitir.

(Lulu Santos)

A sensação de que o tempo contemporâneo escorre pelas mãos e que não se pode sentir sua passagem devido à rapidez das transformações pelas quais a sociedade, as culturas, a política, as relações passam, desperta um sentimento de incerteza, de descontinuidade que faz com que as rotinas, as formas de se perceber e de se estar no mundo sejam tão rápidas quanto às mudanças que esse tempo produz.

Isso faz com que, às vezes, os projetos de vida não possam ser realizados, pois as modificações do mundo ao nosso redor parecem fazer com que abandonemos nossos planos antes de buscar sua construção.

O tempo contemporâneo, segundo Bauman (2001), é caracterizado pela leveza, pelas curvas que apresenta como um rio fluido que contorna os caminhos e os obstáculos que podem surgir durante o seu percurso. Não precisamos ficar presos a rotinas, a ideias que não sejam de nossa vontade. Somos movidos por desejos. Desejamos! Fluímos, contornamos, deixamos que os acontecimentos nos levem por um caminho aparentemente desconhecido. Os planos podem ser ideias que nos movem, mas que os podem ser modificados a qualquer tempo de acordo com as necessidades que tenhamos ao longo do caminho.

Entender como esse tempo funciona pode dar uma pista do que acontece com as pessoas, de como elas se sentem e como vivem. Quais diferenças esse momento tem dos outros tempos históricos? Como a liquidez produz os sujeitos que compartilham espaços, ideias e sonhos? Que experiências esse tempo pode nos produzir? São tantas perguntas que surgem e que podem não ter respostas, mas tentar compreender tais mudanças pode ajudar a movimentar o mundo e as pessoas.

Este trabalho não trata de analisar o tempo que em estamos vivendo, isso é uma tarefa difícil, mas sim, tentar compreender como as constantes mudanças podem interferir nos modos de ser e de pensar nos dias atuais, principalmente no

que diz respeito aos jovens contemporâneos, que são o objeto desta pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa buscou descrever como eles se sentem vivendo nesse tempo que para alguns parece diferente e rápido. Ao invés de saber o que é esse tempo, a ideia é descrever algumas de suas características e das formas como ele parece se produzir e, assim, de que maneira ele faz com que construamos os conhecimentos que são necessários para interpretar a nossa vida e os nossos modos de ser e estar.

A cada dia que passa as transformações complexas e rápidas nos deixam ocasionalmente confusos já que, por vezes, perdemos os referenciais que tínhamos e precisamos a cada dia construir novos modos de referência. As rápidas transformações atingem várias esferas da vida humana, alterando a cultura, a economia, a política, por exemplo. O advento da tecnologia e a sua expansão fez com que os modos de nos relacionarmos também se transformassem e criou outras possibilidades de convívio com o outro. O que antes era pesado por vezes, hoje assume um caráter de leveza já que não precisamos sofrer a tristeza da despedida. Um botão, um clique, resolve o problema do não querer que esteja perto (BAUMAN, 2001).

De certa maneira, parece que nos distanciamos das coisas que porventura podem nos fazer mal. Tentamos fazer escolhas leves e descompromissadas que parecem mais consonantes com o momento que estamos passando. Procuramos alcançar a felicidade, consumimos para ser felizes e assim mudamos quem somos e o que queremos ser (BAUMAN, 2010). Planejamos o futuro, porém, não raro, os planejamentos não dão certo. As curvas do tempo nos mostram que a vida pode ter diversas possibilidades, modificando o mundo e nós mesmos.

Por esses motivos é importante tentar entender este tempo que é diferente de outros tempos históricos, marcado pelas incertezas, inconstâncias e desfazimentos de algumas das “coisas” duras, pesadas e sólidas. Nesse contexto de transformações quase que diárias a compreensão dos modos de vida, de ser e de estar no mundo se tornam relevantes para que possamos tentar compreender os processos sociais que se desenrolam nesse tempo.

Esse possível entendimento do tempo contemporâneo pode auxiliar nas formas de construção do conhecimento e em formas de se poder pensar que conhecimentos e experiências podem surgir como formativas na vida dos sujeitos.

Que conhecimentos são estes? Será que são os mesmos conhecimentos de outras juventudes em outros tempos?

Dessa forma, a compreensão do tempo hoje parece ser importante para que possamos entender os processos de produção do conhecimento.

2.1 Começando um novo tempo: da sociedade moderna até um tempo contemporâneo

Oh! Admirável destino do homem, a quem foi concebido ser o que escolheu para si.

(Mirandola)

O tempo contemporâneo é um momento de muitas incertezas e inseguranças. O ritmo das mudanças assusta devido às modificações constantes que acontecem. A cada dia que passa os modos de estar no mundo transformam-se e não permitem que se crie um modo de ser estático, alterando assim as identidades dos sujeitos e possibilitam vários modos de ser e de estar.

Esse tempo é marcado por grandes transformações em várias esferas, produzindo contornos complexos. Ao invés de tentar responder o que é esse tempo, parece interessante que se pense como ele se produz, manifesta-se e relaciona-se. Por isso torna-se importante descrevê-lo para que se possa compreender como são produzidos os processos sociais, culturais, econômicos e tecnológicos atuais.

Para isso faz-se necessário que se volte ao Renascimento, período da história conhecido como movimento de renovação e revigoramento das artes e do pensamento, que foi acompanhado pelo desenvolvimento do comércio e da vida urbana, expressando uma atitude de valorização do homem, da razão e da natureza, rompendo com os valores medievais dominantes até então.

Nesse momento inicia-se a transição da sociedade medieval para o que chamamos de capitalismo moderno, sistema econômico que vigora até hoje na maioria das sociedades contemporâneas. Indicando o que viria a ser o nosso tempo, a passagem da sociedade feudal para a sociedade capitalista teve fundamental importância na constituição das sociedades atuais, na qual vivemos hoje. Com a passagem da sociedade feudal para a sociedade capitalista, rompem-se as estruturas medievais tornando o homem seu principal personagem.

Nesse período, não houve somente mudanças na qualidade intelectual das obras, mas também um aumento da quantidade da produção cultural. Desenvolve-se a imprensa e o processo de impressão o que representou um grande passo na divulgação literária da época, além de patrocínio para artistas renascentistas desenvolverem suas obras. Dessa forma, a produção artística desvinculou-se do monopólio cultural da igreja e passou a explorar outros campos das artes.

O desenvolvimento científico teve um impulso e pesquisadores procuravam examinar aspectos acerca da natureza da sociedade, constituindo outra mentalidade científica que tentava resistir às tradições culturais medievais.

Historicamente, o tempo que denominamos de contemporâneo se inicia com a Revolução Francesa, chegando aos dias de hoje. O início desse tempo é marcado pela ascensão da razão, já que existia um sentimento de que a ciência sempre descobriria novas soluções para os problemas que iriam surgindo ao longo do tempo. Com a Revolução Francesa aboliu-se a servidão e os direitos feudais e proclamou-se os ideais de “liberdade, igualdade e fraternidade” de Rousseau. Trazia uma visão otimista na capacidade do ser humano desenhar seu próprio destino e que a razão poderia libertar os indivíduos da ignorância.

Essa revolução provocou diversas alterações nas instituições políticas e nos discursos que se alteraram, tanto como os comportamentos e atitudes dos seres humanos como colocar o bem comum acima dos interesses particulares reconhecendo a igualdade entre os indivíduos.

As transformações nos indivíduos refletiam-se na linguagem, nas vestimentas e nas formas de participar no mundo. Por exemplo, o casamento deixou de ser um sacramento religioso indissolúvel e passava a ser um contrato baseado no consentimento de ambas as partes, dessa forma o casamento poderia ser desfeito a qualquer momento quando uma das partes não queria mais estar preso na relação. O pátrio poder foi limitado e o Estado se viu na obrigação de proteger os jovens e crianças para que estes se tornassem *bons cidadãos*.

Segundo Hobsbawn (1995), no século XX a aceleração do processo de industrialização e o aumento das nações concorrentes na corrida imperialista fizeram com que surgisse um novo surto de modernização. Com a indústria de massa, inverte-se a relação original entre produção e demanda em que a produção não se desenvolve mais de acordo com a demanda, mas, graças aos recursos tecnológicos, supera-a, criando uma sociedade da abundância em que os produtos

concorrem pelos consumidores. Surgem as crises econômicas, em que o exemplo mais simbólico é a de 1929, na bolsa de valores, nos Estados Unidos.

A modernidade, para Lefebvre (1969), nasce dessas grandes mudanças. Já no texto de Junior (2010), que faz uma introdução ao conceito de modernidade na Sociologia, diz que o termo modernidade nas ciências sociais já passou por diversas definições, sendo as citadas por Gumbrecht³² as principais:

O primeiro significado é simplesmente “presente”, em oposição a “anterior” ou “prévio”, e foi usado dentro de tradições institucionalizadas onde tendências se sucedem temporalmente.

O segundo significado é de “novo” e oposição a “velho”: nesse caso já se tem o embrião de uma consciência epocal onde moderno define um espaço de experiência presente que se quer distinto do passado. Esse uso geralmente está ligado a um esquema temporal mais ou menos explícito de hierarquização das eras, ou seja, é fortemente valorativo.

Por fim temos o significado de “período transitório”, em oposição ao eterno. Nessa versão, moderno designa um presente que é experimentado como fluxo temporal contínuo e veloz que, como tal, só pode ser oposto ao eterno, qual inamovível (Junior, 2010).

Para ele, a modernidade atingiu sua maturidade com o Iluminismo e esse termo passa a ser usado no sentido de tempo presente transitório, que está destinado a ser superado por um futuro (JUNIOR, 2010).

Para Giddens (1991) a modernidade refere-se ao estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Hoje, para ele, estamos vivendo no limiar de uma nova era, a qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando além da modernidade. Assim, existe uma variedade de termos que tem sido sugerida para essa transição, nesse sentido a pós-modernidade, segundo Jean-François Lyotard³³, caracterizada por uma evaporação da grande narrativa – o “enredo” dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível.

Hoje vivemos um tempo em aberto, que está acontecendo e para o qual não há previsão de um fim. Para Giddens (1991) estamos alcançando um período de consequências da modernidade, tornando-se necessário capturar as

³² GUMBRECHT, Hans Ulrich. Modern, modernität, moderne. In: BRUNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLEK, Reinhart. Geschichtliche grundbegriffe: historisches lexikon zur politisch-sozialen sprache in Deutschland, Vol. 4, Stuttgart: Klett-Cotta, 1978. p. 93-131.

³³ LYOTARD, J.-F. A condição pós-Moderna. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

descontinuidades da modernidade para diagnosticar suas consequências para nós, no presente.

A revolução tecnológica, no final do século XIX, teve como principal fator a eletricidade como fonte de energia, que tornou possível outras formas de transporte, por exemplo. Desde este período, ocorreram outras revoluções denominadas tecnológicas e, principalmente no final dos anos 90, com o aumento dos sistemas de telecomunicações, a expansão da internet para a população de um modo geral e o aumento da sua utilização por diversas pessoas ao redor do mundo, conectando-as a uma rede, fez com que os modos de vida e de relacionamentos se alterassem. Tais transformações tecnológicas fortaleceram novas formas de relação entre o capital e o trabalho, nas relações políticas e de poder, nas instituições como escola, igreja e estado, bem como nossa experiência no tempo e no espaço e, principalmente, nos modos como nos construímos subjetivamente.

De acordo com Giddens (1991) existe uma variedade de termos que tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade de informação” ou a “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere, está se chegando a um encerramento (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “pós-industrial”) (GIDDENS, 1991, p. 11).

A referência ao termo pós-modernidade na análise do tempo contemporâneo suscita ideias de rupturas e da instalação de outra ordem em função das mudanças que se processam na sociedade.

O termo contemporaneidade é empregado, por vezes, para marcar um processo que vem acontecendo no tempo atual. Para Veiga-Neto (1999), esse processo pode ser entendido como um cenário, comparado a uma peça de teatro, em que acontecimentos em cena podem ganhar significação em função do cenário que está acontecendo e ao mesmo tempo, o cenário se modifica em função da cena e ganha significados enquanto a história se desenrola. Dessa forma, nesse tempo em que vivemos hoje, não há uma condição prévia dos acontecimentos, eles simplesmente acontecem sem que tenhamos total domínio sobre eles.

Nesse sentido, os cenários contemporâneos são diversos e mutáveis, transformando-se a cada ação dos indivíduos que participam da trama, sem que estes possam prever o final, mas sim, sendo levados pela vida da forma como ela vai se desenrolando ao longo da trama. O tempo corrente possibilita que as pessoas

tenham inúmeras possibilidades e dessa forma as subjetividades, as identidades e as histórias de vida sejam processos em constante movimento, criando alternativas de inacabamento do ser humano, devido à completude de experiências que o mundo contemporâneo nos oferece.

As alterações no mundo do trabalho, principalmente com o advento do capitalismo, e a transição das mudanças do modo produção, o advento das tecnologias da informação e comunicação, a globalização trouxeram consigo mudanças significativas dos modos de se viver o que fez com que os indivíduos pudessem experimentar o mundo de outras formas.

Segundo Bauman (2001) na modernidade, a solidez das instituições, das relações, do tempo, dos espaços constituídos, das regras morais, das leis e tantas outras instâncias sociais, bem como foram a lealdade tradicional, direitos e obrigações que atavam pés e mãos, impedindo outro movimento dos indivíduos, foram os primeiros sólidos a derreter.

Para Bauman (2001, p.15),

A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia de ação.

Duas características fazem nossa forma de modernidade diferente e nova. A primeira é o declínio da ideia moderna de que no final do caminho da humanidade existe uma sociedade boa, sem conflitos e que existe um domínio sobre o futuro. A segunda é a desregulamentação e a privatização dos deveres modernizantes. As tarefas da razão humanas foram fragmentadas e individualizadas (BAUMAN, 2001).

O avanço da comunicação, da rapidez das informações e da criação de novas demandas de se viver em sociedade fez com que as necessidades fossem se transformando e muitas das normas duras e sólidas não dessem mais conta de satisfazer o desejo e as expectativas dos indivíduos, que por sua vez, começam a questionar os padrões de conduta. Assim, as rotinas pré-estabelecidas não dão mais conta da vida e torna-se quase que impossível planejar o futuro, pois as transformações diárias, constantes, criam necessidades de acompanhar o ritmo frenético das mudanças. Os dias já não podem ser planejados, e, quando planejados, por vezes não dá conta dos compromissos pensados.

Esse pode ser o principal motivo para que os autores que tratam do tempo atual apontem para a fluidez, a rapidez e o curto prazo. Se antes os indivíduos se “acostumaram” a nortear suas ações baseadas em regras pré-concebidas e socialmente instituídas, agora, no atual tempo, essas regras não dão conta da vida humana, uma vez que esta é “vívda” em diversos campos, podendo ser estes sociais, culturais, familiares, de trabalho, de estudo, de viagens, enfim. Se antes os planejamentos poderiam ser bem sucedidos, no sentido, por exemplo, pensar o futuro, a estabilidade, a carreira duradoura em um mesmo lugar, hoje os espaços são múltiplos, os modos de se estar no mundo também.

Essas multiplicidades são o motor da “nova” vida social, fazendo com que as experiências sejam a motivação da vida, permitindo as pessoas experimentar muitas coisas que talvez antes, por convenção social ou medo, ou ainda um modo de ser construído com bases na solidez moderna não fizesse com que houvesse um desprendimento do que foi instituído socialmente, para simplesmente deixar fluir o fluxo da vida.

Podemos perceber as mudanças de ser e de se estar no mundo de diversas maneiras. Exemplo disso pode ser a instituição casamento. Em diversas culturas ao redor do planeta os casamentos foram e ainda parecem ser um marco na vida das pessoas. Envolver-se e casar-se é culturalmente instituído em vários lugares do mundo, seja o casamento realizado por amor, por arranjo, por dinheiro. É notável que com o passar do tempo ele tenha modificado sua importância social, uma vez que, casar-se, nos dias de hoje, pode ser entendido de muitas formas, como o estar junto, o morar junto, desejar-se, enfim. As cerimônias que marcam a vida a dois, o registro seja na igreja, num templo ou mesmo em um cartório. Não que as pessoas não desejem casar, mas com as possibilidades infinitas de experimentação, de convívio social, de conhecer e conhecer-se, o casamento acaba muitas vezes por ser adiado ou nem mesmo acontecer.

Para contribuir com o entendimento do tempo atual utilizo Bauman (2001), que descreve em sua obra as características do mundo que ele percebe como líquido, em que as relações sólidas não dão mais conta das constantes e rápidas transformações que as pessoas, as instituições e mundo estão passando o tempo todo. Para ele, as transformações pelas quais a sociedade vem passando fazem com que a alegria de livrar-se das coisas, de descartar e eliminar seja a verdadeira paixão do nosso mundo. O tempo contemporâneo é um tempo de incertezas e

inconstâncias em que as transformações nos campos da cultura, política, relações sociais, ambientais e em diversas áreas ocorrem rapidamente evitando que padrões e rotinas se congelem nesse tempo. O autor cria o conceito de uma modernidade líquida, que derreteu tudo o que era — ou parecia ser — sólido, sem colocar alguma outra coisa sólida em seu lugar. Assim, assume-se a impermanência, a constante mudança de formas, num processo que parece não ter previsão de término. (SARAIVA & VEIGA-NETO, 2009).

Segundo Bauman em entrevista concedida a Porcheddu (2009, p.2),

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: quaisquer juramentos de fidelidade, compromissos em longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora.

E nesse tempo de fluidez, solúvel, de viver o agora e não mais um projeto de vida construído previamente, no qual bastava perseguir os traços planejados é um dos efeitos inesperados da liquidez contemporânea (ALMEIDA *et al.*, 2009), dissolve as relações humanas reduzindo-as a mercadorias. No mundo em que a ordem é a utilização máxima das coisas até que elas possam ser descartadas, as relações sociais não fogem a essa regra, transformando-se a cada dia que passa e assumindo as mais diversas formas de existir.

Retomando a ideia de Giddens (1991) de que o mundo não está em um tempo pós-moderno, viver as consequências da modernidade envolve tanto uma transformação do estilo de vida quanto uma transformação da identidade.

Viver nessa era de informação para o autor significa um aumento da reflexividade social, para o autor ela refere-se à necessidade de estarmos sempre pensando ou refletindo a respeito das circunstâncias em que nossas vidas se desenrolam.

Neste cenário, do tempo contemporâneo que vivemos a cada dia e que se transforma rapidamente, descrevo como a juventude entrou no cenário de discussão acadêmica pela sua participação fundamental na constituição de novos ou outros movimentos sociais que se desenvolveram principalmente relacionados ao contexto social, político e econômico, colocando em pauta suas percepções de mundo,

especialmente com relação à música, e como a partir desses movimentos se constituiu enquanto categoria de análise.

2.2. Contra tudo e contra todos: a música, o consumo e os movimentos culturais de juventude

Você quer mudar o mundo, primeiro é preciso saber que canções as pessoas estão preparadas pra cantar, mas, não há como saber que tipo de canções as pessoas vão preferir cantar ano que vem.

(Zygmunt Bauman)

Sabe-se que este tempo contemporâneo possui características de incertezas e múltiplas possibilidades, fazendo com que os modos de se perceber, se estar e se viver tenham se alterado com o passar dos anos. Se durante muito tempo as regras, as normas e as culturas nos pareciam tão concretas e ditavam no nosso modo de viver, hoje a ideia é experimentar, deixar acontecer, ir vivendo.

Ser jovem não é apenas uma questão de idade, mas também de comportamento. Nos dias de hoje é participar, é viver, é experiência³⁴.

As pesquisas relacionadas à juventude ou aos jovens descrevem diversas características de como esse é um período de conflito, de rebeldia, de transição, de transformação do que se é para o que se pretende ser.

A juventude é vista como uma condição de transitoriedade, uma passagem para o futuro, para a vida adulta que terá o reflexo de suas ações atuais (DAYRELL, 2003).

Existem diversas visões da juventude. Uma delas é a visão romântica que se constituiu a partir dos anos 60 como resultado do crescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo. Visto que os jovens são consumidores frequentes fez com que o mercado voltado para eles cresça desde então. A juventude seria o tempo da liberdade, da libertação, de ensaio e erro, da experimentação, marcado pela irresponsabilidade e rebeldia. Muitos estudos sobre juventude tratam da

³⁴ Entende-se experiência como condição social e subjetiva de ser jovem de estar no mundo. (MATTOS, 2013).

questão de culturas jovens, principalmente ligadas a música, e entendendo a participação do jovem nestes espaços e nos finais de semana com a sua turma, negando sua participação em outras esferas de participação social.

Assim, os movimentos culturais de juventude estão geralmente ligados à música, principalmente a partir dos anos 50, demonstrando que a cultura pode ser ao mesmo tempo de contestação e comercial, por um lado modificando os padrões da sociedade e por outro alimentando uma poderosa indústria cultural (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

Os movimentos sociais que transformaram a sociedade, seja pela utopia ou pela radicalidade, tiveram os jovens como seus principais articuladores, principalmente pela natureza das ideias que colocaram em circulação não sendo apenas outros atores sociais, mas sim tumultuando o debate político com novos discursos e práticas sociais, e apesar de terem uma visão de mundo diferente da dos adultos, os jovens manifestaram-se declaradamente a partir dos anos 50 quando nos Estados Unidos surgiu a chamada “cultura da juventude” se apresentando como um reflexo do crescimento do capitalismo em busca de novos consumidores.

Com a explosão demográfica e econômica dos Estados Unidos, durante e após a segunda guerra mundial, a população adolescente norte americana começou a questionar os valores morais, arcaicos e preconceituosos, com os quais conviviam principalmente os de classe média. Nesse contexto, a cultura da juventude surgiu como uma possibilidade independente e de contestação, com tendências comportamentais de revolta. A partir de então, começou a se configurar um potencial mercado consumidor construído basicamente por jovens de diversas classes sociais. Talvez por isso, alguns estudos como o de Carmo (2000), trazem essa postura de rebeldia da juventude como tema central das suas análises.

Com a indústria comercializando a cultura jovem, ela acabou universalizada em função da divulgação nos meios de comunicação. Dos anos 60 para cá, isso tem aumentando consideravelmente em função do avanço tecnológico, acesso a internet e as redes sociais, acompanhando o ritmo frenético do tempo no qual vivemos (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

Nos anos 60, a juventude passou a apresentar críticas mais contundentes à sociedade na tentativa de vivenciar estilos de vida alternativos, coletivos contra o consumo, industrialização desenfreada, guerras e preconceito racial, por exemplo,

negando a cultura vigente, ficando conhecida como contracultura, simbolizada principalmente pelos *hippies*³⁵, mas não diferente, repetindo-se com os *punks*³⁶, no final dos anos 70. Mesmo fazendo oposição ao estilo de vida dominante, esses movimentos acabaram deixando-se assimilar e apesar de introduzirem temas e questões até então ignorados ou pouco discutidos por grande parte da sociedade, como sexo, drogas, racismo, ecologia, não deixou de ser industrializada como a cultura contra a qual eles contestavam.

No livro *Movimentos culturais de juventude* (2011), Brandão e Duarte fazem uma breve descrição dos principais movimentos juvenis de contestação que acabaram por transformar parcelas da sociedade e que acabaram de certa forma sendo assimilados, difundidos e comercializados, principalmente no que diz respeito às músicas, já que a produção musical se revela como principal motor de reivindicação e expressão das culturas juvenis.

De acordo com os autores, em meados dos anos 40 o desempenho da economia norte americana possibilitou a elaboração de uma cultura de consumo para uma classe média branca. Assim, acabando a segunda guerra mundial, restava aos fabricantes e as agências de publicidade incentivar as pessoas a consumir cada vez mais para a economia não deixasse de crescer. O norte americano de classe média deveria acreditar na prosperidade pós-guerra do país, já que todo o avanço científico dos anos de guerra voltou-se para a vida no lar, e assim o consumismo era a melhor alternativa contra o comunismo. Os Estados Unidos obcecados pela aquisição de bens de consumo criaram uma quantidade enorme de instituições consumistas que iam de supermercados até as garrafas de *Coca-Cola*, criando um estilo de vida difundido na comunicação de massa conhecido como estilo de vida americano.

Com o surgimento desta dita cultura jovem, esse estilo de vida transformou a indústria do consumo, que se voltou para esse novo mercado, tendo se especializado em sua mercantilização.

A cultura jovem dos anos 50 estava estritamente ligada ao *Rock in Roll* e a juventude transviada. O *Rock in Roll* dividia não só a sociedade, mas também o

³⁵ Comportamento coletivo de contracultura dos anos 60 que adotava um modo de vida comunitário, um estilo de vida nômade e a vida em comunhão com a natureza, negando o nacionalismo e as guerras, principalmente a do Vietnã.

³⁶ É fenômeno social e cultural da história contemporânea que tem como ideologia a forte contestação ao sistema capitalista.

mercado, já que a separação entre negros e brancos era explícita. Nessa década a música e o cinema estabeleceram os padrões de comportamentos dos jovens que questionavam de forma ainda ingênua os padrões da sociedade norte americana e apesar de o mercado nessa década ter se voltado para a classe média branca, o consumismo acabou se expandindo, exportando para os demais países capitalistas do mundo um estilo de vida.

Apesar de chocar os padrões éticos e morais da década, o *Rock in Roll* dos anos 50 não era uma música politicamente engajada, pelo contrário, os principais temas eram a dança, histórias de escola, romances, levando a público os problemas pessoais dos adolescentes os quais os adultos não tinham sensibilidade e compreensão. Diante dessas incompreensões, alguns grupos de jovens optavam pela delinquência, o que fez com que as estatísticas de crime e violência aumentassem consideravelmente.

Os jovens norte-americanos, nascidos antes do ataque a *Pearl Harbor*³⁷ em dezembro de 41, viveram assombrados pelo fantasma da II guerra mundial e da guerra fria e mesmo fazendo parte de uma elite branca, não escapava de um sentimento de vazio existencial, produto de uma sociedade consumista e materialista. Outros, vindos de lares desestruturados, reflexo das guerras e da vida moderna norte-americana, acabaram por ser incapazes de se enquadrar no estilo de vida americano (BRANDÃO & DUARTE, 2011, p.30.). Assim, esse quadro logo se tornaria objeto de estudo da Sociologia, Antropologia e Psicologia, na intenção de descobrir as causas do comportamento e da cultura “desviante” de alguns grupos de jovens.

Assim, Abramo (1997, p.29) aponta que:

A concepção de juventude corrente na sociologia, e genericamente difundida como noção social, é profundamente baseada no conceito pelo qual a sociologia funcionalista a constituiu como categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a

³⁷ Base naval dos Estados Unidos e quartel-general da frota norte-americana do Pacífico, situada na ilha de O'ahu no Havaí atacada pelos em 7 de dezembro de 1941 fazendo com que os Estados Unidos entrassem na Segunda Guerra Mundial.

continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social (ABRAMO, 1997, p. 29).

Os símbolos americanos chegam ao Brasil, influenciados pelo consumismo do norte da América. Surgem Carmem Miranda³⁸, Zé Carioca³⁹ e a chanchada⁴⁰. O período chamado de “desenvolvimentista” durante o governo Juscelino Kubitschek de Oliveira deu ênfase à industrialização aproximando cada vez mais do modelo de vida norte-americano, contribuindo para influência mais acentuada da cultura estrangeira, incorporada à cultura nacional pelas camadas médias urbanas, o que colaborando para o surgimento de novos movimentos culturais.

Surgem os concretistas, com sua “poesia de vanguarda”, o que faz com que na música surja o movimento chamado de bossa-nova⁴¹ com a intenção de satisfazer o público mais jovem, em sua maioria, universitários das classes médias urbanas.

De certa maneira, o próprio desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação de massa dos anos 50 possibilitou que vozes escondidas chegassem a milhões de centros urbanos. Assim a bossa-nova pode fazer parte de um quadro de crescimento e expansão do mercado de produção de discos e de ascensão das camadas médias urbanas brasileiras.

Ainda nos anos 50, o *Rock in Roll* chega ao Brasil, muito influenciado pela “Juventude Transviada⁴²”, do rebelde sem causa, principalmente pelos jovens cariocas que tinham poder aquisitivo para importar a emergente cultura do *rock* já que o Brasil não possuía espaço para a produção de sua própria música.

Nos Estados Unidos, a Guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos dos negros ganham força na primeira metade dos anos 60 e o *Rock in Roll* revitalizava-se com o sucesso britânico, já que diante do quadro político social norte-americano o estilo de

³⁸ Cantora e atriz luso-brasileira que teve carreira artística no Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950.

³⁹ Personagem Criado em 1942 por Walt Disney que deveria representar o estereótipo do brasileiro. Zé Carioca foi mostrado como um personagem divertido, festeiro, vagabundo e preguiçoso.

⁴⁰ Espetáculo ou filme em que predomina um humor ingênuo, burlesco, de caráter popular. As chanchadas foram comuns no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960.

⁴¹ Bossa Nova é um movimento da música popular brasileira do final dos anos 50, lançado por Antônio Carlos Jobim, Luiz Bonfá, Carlos Lyra, João Gilberto, Vinícius de Moraes e jovens cantores e/ou compositores de classe média da zona sul carioca, derivado do samba e com forte influência do jazz.

⁴² É uma expressão dos anos de 1950, refere-se a jovens rebeldes que não obedeciam mais aos pais e as regras sociais daquela época.

música parecia apenas um modismo adolescente ultrapassado. Pode-se perceber o processo de politização da juventude universitária e a ascensão da música de protesto, fazendo com que o *rock* surgisse num ímpeto inesperado na Inglaterra tornando-se um dos principais divulgadores da cultura jovem mundial.

A outra metade dos anos 60 também foi marcada pela radicalização dos movimentos jovens e pela contracultura, destacando o movimento estudantil ao contestar os sistemas capitalista e comunista.

A juventude de classe média começava a postular ideias e conduzir de modo totalmente oposto aos valores da sociedade moralista, racista, consumista e tecnocrata surgindo um fenômeno chamado de contracultura. Essa nova crítica passava pela ideia de instantaneidade, da compreensão de cada momento para agir politicamente na tentativa de transformar a sociedade. Percebe-se que os movimentos de contracultura surgiram do desejo de felicidade individual, porém fora de padrões e regras repressoras estabelecidas pelo sistema das instituições político-sociais que tinham por objetivo a manutenção da ordem vigente. Nesse contexto que surgem os *hippies* tentando construir um “paraíso agora” de “paz e amor”, criando um estilo de vida próprio, fora do mundo materialista e racional da sociedade moderna. Assim a metade na década de 60, trouxe um desconforto para quem tinha suas ideias e objetivos pré-estabelecidos, já que estes foram amplamente questionados em seus valores políticos e morais.

Em maio de 1968, as contestações dos movimentos de contracultura desencadearam a rebelião estudantil. Assim o “maio de 68 francês” tornou-se centro do movimento, não apenas pelo protesto dos estudantes contra a má adaptação do ensino universitário ao mercado de trabalho, mas por desencadear uma grande greve geral de dez milhões de trabalhadores franceses com a ocupação de fábricas e a paralisação da vida social na tentativa de mostrar “como se faz uma revolução”.

O final da década de 60, em um contexto mundial, foi um tempo de grande agitação, esperança e inovação na forma de participação política dos jovens que emergiam como principal força transformadora da sociedade moderna.

No Brasil, a década de 60 foi bastante agitada politicamente, já que Jânio Quadros renunciou em agosto de 1961 levando o povo brasileiro a uma descrença no sistema político do país. Nas grandes cidades o movimento operário crescia levando adiante um vigoroso processo de luta e pressão política. Os sindicatos se

organizavam unificando suas forças, já no campo, as ligas camponesas⁴³ avançavam ampliando a sindicalização rural. Nos setores da classe média, os estudantes se organizavam e intelectuais assumiam posições favoráveis às reformas sociais. A UNE (União Nacional dos Estudantes) discutia questões nacionais e perspectivas de transformação que mobilizavam o país. Surgiam os Centros Populares de Cultura atraindo jovens intelectuais na tentativa de desenvolver uma cultura engajada de atitude e conscientização das classes populares. No contexto de intensa militância política, uma parte do movimento bossa-novista migrou rapidamente para a chamada “canção de protesto” fazendo com que a música que falava sobre si mesma, apresentasse letras com conteúdo político e social, fazendo delas instrumento de conscientização das classes populares.

Em 1964, diante do crescimento e da influência dos movimentos sociais de esquerda sobre o governo, Luiz Carlos Prestes, secretário do Partido Comunista Brasileiro, declarava o poder das forças progressistas, gerando um clima de apreensão nos grupos de direita. O movimento militar de 64 tinha por objetivo transformar o país em uma economia industrial, combater a inflação com um arrocho salarial. Assim, se o golpe de 64 favoreceu o processo de modernização beneficiando a burguesia nacional e o capital estrangeiro, também revelou uma frágil capacidade de resistência em relação à tomada do poder pelos militares. A repressão desencadeada pelo governo militar, dissolveu várias organizações de esquerda, as greves foram declaradas ilegais e mais ou menos 425 sindicatos postos sob intervenção, o que deixou para a esquerda apenas a militância cultural e fez da cultura engajada uma forte marca até o final da década, mesmo com os militares no poder. Inicia-se em 65 a fase dos festivais de música e paralelamente a estes e seus debates estético-culturais acontecia um movimento conhecido como Jovem guarda que se tornaria referência no quadro cultural do Brasil da década de 1960. Nas letras nada de rebeldia, sexo, drogas ou crítica social, mas sim palavras adocicadas e histórias ingênuas misturavam-se ao ritmo agressivo das músicas. Mesmo com a aparente ingenuidade, as letras da jovem guarda potencializavam as primeiras manifestações do amor, do corpo como manifestação do prazer para os

⁴³ As Ligas Camponesas foram organizações de camponeses formadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir de 1945. Importante movimento em prol da reforma agrária e da melhoria das condições de vida no campo no Brasil.

adolescentes, o namoro, os beijos e a dança se tornaram elementos de transgressão dos valores moralizantes da época, dentro dos limites permitidos pela sociedade.

Mas a jovem guarda não fazia parte do universo intelectual e dos jovens universitários brasileiros, preocupados com o papel de conscientização das desigualdades sociais pela arte e na resistência ao regime militar do país. A jovem guarda entrava em decadência e surgia a tropicália, misturando elementos da cultura popular tradicional e da cultura de massas, alguns introduzidos pela jovem guarda, deixando para trás os movimentos de contracultura do final dos anos 60.

A repressão política de 1968, que desarticulou os movimentos populares de esquerda formados depois do golpe de 64, agiu sobre os setores estudantis, foco das agitações de massa do novo regime.

Com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) pelo presidente Costa e Silva, e o fechamento dos principais canais de expressão, parte da produção cultural brasileira entrou em crise, mas o tropicalismo, dentro desse quadro de repressão e agitação política-cultural, mostraria a sua importância ao abrir caminho para a disposição anárquica e rebelde que iria refletir na experiência de contracultura da juventude brasileira no início dos anos 70 (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

Com o avanço do sistema sobre a contracultura pela assimilação dos seus elementos, como a música, tornou-se possível a partir de uma indústria cultural bem articulada, a incorporação dessa contracultura à cultura de consumo. Assim ao mesmo tempo em que os jovens delatavam o materialismo da sociedade de consumo, eles adquiriram produtos como motos, carros, equipamentos de som e roupas da moda e apesar da crise econômica dos Estados Unidos, com o aumento do combustível nas principais economias do mundo (Estados Unidos, Japão e Europa Ocidental), a inflação (pois o aumento do petróleo se transmite para praticamente todos os preços) e o aumento dos preços das importações, a indústria fonográfica se expandiu e o *rock* ficou com a maior parte dessa expansão refletindo na indústria fonográfica, em uma infinidade de tendências que se impuseram ao longo da nova década. O *rock* fragmentou-se numa infinidade de estilos que ganhavam cada vez mais a ajuda de uma tecnologia cada vez mais refinado.

A primeira metade dos anos 70 foi marcada por dois estilos em âmbitos mundiais eram o rock progressivo e o *heavy metal*. Assim a temática do satanismo, utilizada pelo *heavy metal* refletia, de certa maneira, nas incertezas de uma década

que se iniciava. O *rock* sofria o impacto dos novos tempos. A crise do petróleo, o aumento do desemprego, os atentados terroristas e o acirramento do conflito no oriente médio, principalmente entre árabes e judeus, a corrida bélica entre Estados Unidos e URSS, tudo isso aliado ao desequilíbrio ecológico no planeta, caracterizava o clima de “fim de mundo” que não era acompanhado pela expansão e sofisticação da indústria fonográfica do *rock* e explodia a discoteca, produto da cultura underground (marginal) negra, homossexual e latina dos grandes centros urbanos americanos, incorporados pela classe média.

O fenômeno da discoteca e o aprimoramento do *rock*, frutos da expansão do mercado fonográfico na metade da década de 70, parecia não corresponder à situação desesperadora e sem perspectiva da maioria da juventude nos principais centros urbanos mundiais. Por esse motivo, a crítica deveria voltar às origens do *rock*. Assim, com a postura radical do movimento *punk*⁴⁴ foi que o *rock* restabeleceu seu poder crítico em relação à sociedade e de autocrítica em relação a si mesmo.

A conjuntura permitiu a explosão de um movimento jovem, o que permitiu ao *punk* recuperar posturas existencialistas do pós-guerra, acompanhadas de um *rock* básico e quase sem nenhum efeito tecnológico. Mas nesse contexto o *punk* na realidade foi delimitado por estratégias de marketing, o que fez dele um fenômeno cultural controverso na história contemporânea o surgimento de um movimento propriamente dito, com lançamento de discos, adoção de um novo estilo de vida e de uma moda, teve como próximo passo (involuntário ou não) chegar à exposição pública em massa. Depois de ensejar uma das mais radicais transformações na música popular, o próprio o *punk* foi transformado em argumento de consumo (VITECK, 2007).

No Brasil, o regime militar se intensificava e a partir do AI-5⁴⁵, a censura estimulou a busca de novas alternativas para a produção do consumo, e parte da juventude vinda da classe média urbana optou por correspondentes alternativas de cultura em busca de utopias que envolvessem sexo, drogas e muito *rock*. Existia um inconformismo diante da repressão e do conservadorismo o que desencadeou um fenômeno contracultural híbrido que misturava elementos da cultura *hippie* com a

⁴⁴ Surgido durante a década de 70 nos Estados Unidos e na Inglaterra, o movimento *punk* é um fenômeno social e cultural da história contemporânea. Sua ideologia, teoricamente marcada pela forte contestação ao sistema capitalista, coloca o *punk* como um dos principais expoentes dos movimentos de contracultura da segunda metade do século XX.

⁴⁵ O Ato Institucional Nº 5 ou AI-5 foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe Civil-Militar de 1964 no Brasil.

cultura popular brasileira, caminho que foi aberto pelo tropicalismo. Assim a arte marginal, o underground foi difundido no Brasil com o surgimento de publicações alternativas, como jornais e revistas.

Em 1970, o Brasil se tornou o quinto mercado fonográfico do mundo deixando profundas marcas na indústria cultural do país influenciado principalmente pela discoteca. Os reflexos do movimento *punk* poderiam atestar o momento vivido pela indústria cultural e a expansão do seu mercado. Com o fechamento dos canais de divulgação das produções “fora dos padrões” estabelecidos pelos grandes meios de comunicação, surgiu o grupo dos “independentes” e se a grande mídia os ignorava, eles afirmavam que existia um mercado jovem em expansão que estava louco por novidades fora dos padrões da música popular brasileira, o que fez surgir, no início dos anos 80 um novo tipo de *rock* brasileiro influenciado pelo movimento *punk* e *new wave* norte-americano, que se apresentava diferente do *rock* dos anos 70, promovendo a expansão do mercado do rock nacional abrindo caminhos para a música jovem brasileira (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

A chegada dos anos 80 foi acompanhada de muita transformação política e a confirmação da tendência consumista desencadeadas pela indústria cultural, principalmente na década anterior. Mas os jovens dos anos 80 continuaram, apesar do consumismo, a considerar bandeiras significativas como a preservação do meio ambiente e o desarmamento nuclear. A tecnologia permitiu que no campo da indústria fossem reciclados estilos e linguagens das décadas anteriores, mas não possibilitou o surgimento de novos movimentos contraculturais. (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

Surgem os chamados novos movimentos sociais ligados à causa verde, movimentos pacifistas e ecológicos diante do quadro delicado que o mundo vivia diante da tensão entre Estados Unidos e União Soviética, a abertura política da URSS e a queda do muro de Berlim, evidenciando que a falência do modelo econômico socialista europeu evidenciou um desgaste no modelo econômico e político baseado na estatização.

Os jovens tinham começando a combater efetivamente a agressão ao meio ambiente e a corrida nuclear, fazendo uma crítica ao crescimento industrial descabido e contra a valorização da vida apenas para a produção e o consumo material.

O avanço tecnológico influencia cada vez mais as culturas dos países periféricos e hoje o avanço da tecnologia atinge vários campos da existência humana e com o processo de globalização, a expansão dos sistemas de telecomunicações e o acesso a estas informações por uma grande parcela da sociedade influencia os modos de se viver na sociedade.

Em agosto de 1981, entrou no ar a MTV (Music Television), a ideia não era nova, mas algo diferente acontecia na MTV, que passava clipes de músicas recém-lançadas no mercado funcionando como um tipo de peça publicitária para a venda de discos, transformando o universo da música pop mundial. Com isso, o videoclipe tornou-se uma entidade cultural em si mesma, objeto de consumo que por vezes se desvinculava da música.

Dentro do contexto de reciclagem de linguagens e ritmos, ocorrida nos anos 80, com o auxílio da tecnologia expandindo as possibilidades de sons e cenários musicais. A música pop abriu novas perspectivas no contexto da música jovem, o que fez com que a *black music* (música negra), o *rap* e o *hip hop* entrassem no cenário musical dessa década. Dessa forma, cabe ressaltar que diferente das outras décadas em que os jovens se interessavam por movimentos de contracultura, nos anos 80 e 90 isso parece diluído graças ao aperfeiçoamento da indústria cultural em seu processo cada vez mais rápido de assimilação do produto, transformando-os em mercadoria ou simplesmente moda.

No Brasil, os anos 80 foram marcados pelo final da ditadura militar e pelos frutos deixados por ela. Um quadro social e político frágil e crises socioeconômicas, apesar dos primeiros passos para a redemocratização em que a participação dos jovens é fundamental no movimento de “diretas já” para eleições diretas para presidente.

O *rock* nacional surge com uma tendência crítica e inovadora da juventude brasileira, como maneira de tratar os problemas sociais do país mesmo com toda a padronização comercial da música jovem, importada pelas grandes gravadoras, ampliando a criação musical dos anos 90 que se abre para as misturas de ritmos. Dessa forma a cultura jovem da década de 1990 acaba sendo influenciada pela nova ordem mundial representada pela globalização e pela interatividade da internet.

O término da guerra fria favoreceu a criação de uma nova ordem econômica internacional complexa, a formação de blocos econômicos o que levou ao aperfeiçoamento do intercâmbio comercial e cultural entre os países. Porém, esta

nova ordem acaba ameaçada pela miséria sobre as populações cada vez mais numerosas em um processo de empobrecimento acentuado, levando ao surgimento de movimentos antiglobalização.

A sociedade começa um processo de informatização jamais visto e pode-se dizer que, a partir de então, há relação entre o consumidor e a indústria cultural e a mídia. A revolução tecnológica se concretiza a partir da internet, que no Brasil ganhou força a partir de 1995 quando foi quebrado o monopólio da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações) abrindo caminho para que vários provedores comecem a explorar a informação.

Na década de 1990, no Brasil, o movimento dos caras pintadas e o governo neoliberal do presidente Fernando Henrique Cardoso foram alguns dos elementos que representaram a década marcada pela expansão do *hip hop* e o surgimento do movimento *mangue beat*.

O descontentamento com o governo era geral e a crise econômica do país fazia com que o povo desejasse ver uma “punição para os culpados”. Assim milhares de pessoas, especialmente os jovens estudantes (secundaristas e universitários) saíram às ruas pedindo o afastamento do presidente Fernando Collor de Mello. Esses jovens ficaram conhecidos como caras pintadas, por pintarem o rosto com tinta verde e amarela e reivindicando o “*fora Collor!*” que ecoaria de norte a sul do país e que acabou com o impeachment do então presidente. Esse movimento jovem também acabaria por fim em alguns rótulos como: “geração alienada”, “geração Coca-Cola”. A juventude brasileira passa a ser uma variedade de tribos, *punks*, *darks*, *funks*, *rappers*, *rastafáris*, etc, cada um com seu estilo, roupas, símbolos, músicas, danças mudando os parâmetros de identidade dos jovens brasileiros. Essa geração formou um mercado cultural totalmente internacionalizado em que a rejeição do que vinha de fora não fazia mais sentido.

A música jovem da década de 90 no país não compreendia mais divisões entre estilos musicais. O rock começa a perder espaço para a entrada de outros tipos de músicas no mercado, como pagode, o axé e a música sertaneja.

O plano real anunciava a possível estabilização da economia dando início a novos tempos para a sociedade e a economia. Na música, a mistura de ritmos criava novos sons para o Brasil e misturando isso com a realidade sociocultural das periferias das grandes cidades, as vidas sofridas dos habitantes da periferia ganham

voz nas letras das músicas retratando o desemprego, a violência, a falta de lazer, o tráfico e outras realidades enfrentadas pela classe baixa, principalmente pelo *rap*.

No Recife o mangue *beat* misturava ritmos nordestinos como o maracatu e o repente com a agressividade do rock e do rap. O movimento tinha como objetivo se manter atualizado com os sons mundiais, acompanhados de letras com forte cunho social. Esse movimento enfrentava uma situação curiosa: no Brasil não era executado nas rádios, porém seus principais representantes, como Chico Science, recebiam convites para apresentações no exterior, fazendo com que o mangue *beat* só surgisse para o grande público brasileiro em 1996 no Festival *Hollywood Rock* (BRANDÃO & DUARTE, 2011).

O início do século XXI se iniciou com o atentado terrorista ao World Trade Center em setembro de 2001 e repercutiu mundialmente com um impacto político, social, econômico e cultural. Além disso, os Estados Unidos invadem o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003) se fortalecendo durante a presidência de George W. Bush.

A cultura jovem é individualização e transformada em cultura tecnológica. A sensação de pertencer a um mundo globalizado foi um sentimento cada vez mais natural para os jovens da primeira década do século XXI, pois em sua maioria não conheceram a vida sem computador, celulares e chats. Sua maneira de pensar é influenciada de forma diferente de seus pais e sentem a vontade com o rádio, as televisões ligadas ao mesmo tempo em que falam no celular, ouvem música e ficam conectados à internet. E para esse público o celular é uma extensão do próprio corpo, ou um acessório definidor de sua personalidade. Para os jovens a separação entre o real e o virtual é imperceptível, já que eles nasceram e cresceram na rede e em rede.

Nesse novo contexto, a cultura jovem parece ter se transformado em algo cada vez mais individualizado, já que os jovens vivem em um novo tipo de sociedade, na qual a fragmentação e a instabilidade são constantes, inclusive com relação à natureza, à política e aos aspectos sociais e econômicos.

3. TÁ NA TIMELINE – PUBLICAÇÕES ACERCA DA JUVENTUDE

Este capítulo apresenta a “timeline⁴⁶” da juventude como tema de pesquisa, a partir de um levantamento bibliográfico dos trabalhos publicados nos últimos 10 anos. A pesquisa foi realizada como parte desta investigação, a fim de saber o que está sendo estudado nos últimos anos tendo a juventude como tema principal.

Um estudo do tipo “estado da arte” sobre o tema juventude foi realizado sob a coordenação da professora Dra. Marília Pontes Sposito, da Universidade de São Paulo (USP), intitulado O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Sposito (2008, p.194), justifica que,

A importância e a emergência do investimento nessa temática já se explicam de imediato, por conta de termos, no Brasil, cerca de 50 milhões de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos, ou seja, quase 30% da população total. Embora etariamente definida de maneira uniforme, trata-se de um segmento populacional extremamente múltiplo, diversificado. Isto é, são várias juventudes que vivenciam sua condição juvenil de forma distinta e desigual, condição esta caracterizada pela combinação de uma série de indicadores (tais como: origem social, nível de renda e de escolaridade, disparidades socioeconômicas entre campo/cidade e entre regiões do País, etc.) que marca, define e ressignifica cotidianamente as suas vidas e, em consequência, as suas práticas sociais.

Por isso a importância de se realizar um levantamento sobre o tema, já que este trabalho finalizou seu levantamento no período anterior ao ano de 2006.

A pesquisa realizada nesta dissertação compreende os anos de 2003 até 2012, e abrangeu os trabalhos no Banco de Teses e Dissertações do Portal Capes. Para isso, utilizaram-se quatro descritores que tivessem a palavra juventude e se relacionassem com a pesquisa realizada. Os descritores utilizados foram: **Juventude e Escola**, somando 575 dissertações de mestrado, nas diversas áreas do conhecimento, e 153 teses de doutorado; **Juventude e Contemporaneidade**,

⁴⁶ Proveniente do idioma inglês, o termo “timeline” significa “linha do tempo”, na visualização das telas das mídias sociais refere-se ao ordenamento temporal das conversas que, quando descem ao serem superadas por outra postagem mais recente, recebe marcação de tempo automática como, por exemplo, “4 minutos atrás”. Portanto, o timeline é a linha do tempo nas mídias sociais, responsável por situar a ordem cronológica de conversas, informações, postagens e compartilhamentos. Ajuda a orientar os usuários a terem uma orientação de suas postagens nas redes sociais. (<http://www.infoescola.com/informatica/timeline-nas-redes-sociais/>) Acesso em 12 de janeiro de 2014.

somando 81 dissertações e 8 teses; **Juventude e Consumo**, que teve 148 produções, em nível de mestrado, e 33 teses; e por fim, **Juventude e Etnografia** com 144 dissertações e 44 teses relacionadas. O total de trabalhos produzidos nos últimos nove anos que apareceram na pesquisa, utilizando estes descritores, foi de 1.841. Tais trabalhos foram produzidos em diversas áreas de conhecimento, mas este texto vai se focar em descrever brevemente a produção dos textos que se localizam na área das Ciências Humanas. Para isso, o texto foi dividido em quatro subcapítulos, um para cada descritor.

Cabe ainda ressaltar que no Banco de Teses e Dissertações da Capes “as ferramentas de busca são limitadas, não permitem pesquisar um único programa de pós-graduação, uma área do conhecimento”, conforme afirmado por Sposito (2008), e vivenciado por mim, o que torna a pesquisa mais difícil e demorada, visto que é necessário pesquisar ano por ano e abrir os arquivos de todos os trabalhos para saber a área de conhecimento e poder ler o resumo, logo depois se o trabalho for pertinente, é necessário buscá-lo na internet com outras ferramentas de busca já que o portal só disponibiliza o resumo e não o link para o texto completo.

De maneira geral, pode-se destacar o aumento da produção que tem a juventude como tema central da pesquisa, visto que em alguns temas, como juventude e escola e juventude e educação, por exemplo, as pesquisas realizadas foram aumentando com o passar dos anos, juventude e educação, teve em 2003, 17 trabalhos realizados. Já no ano de 2011, foram 91 pesquisas realizadas. Isso mostra que os temas relacionados aos jovens são de suma importância principalmente nos assuntos relacionados à escola, educação e cultura.

Percebe-se o mesmo no tema juventude e consumo e juventude e contemporaneidade. Embora não sejam as pesquisas mais numerosas percebe-se um aumento dos trabalhos que relacionam a juventude a uma prática de consumo importante na sociedade e a produção de um modo de ser jovem no tempo contemporâneo. Já o descritor juventude e etnografia pretendeu-se saber o que era produzido em termos etnográficos que relacionassem a juventude como tema principal, e destaca-se o aumento das pesquisas etnográficas que estudam o comportamento do jovem, principalmente nas dissertações de mestrado, em que os números são crescentes. Porém, são poucas as produções de teses, poucas que se utilizam de tal metodologia, aparecendo apenas 8 trabalhos entre os anos de 2003-2012.

Com isso, este texto faz uma descrição dos temas que se relacionam com a pesquisa proposta e a partir dos descritores que relacionam a juventude com os temas relevantes para a pesquisa, relata o que os trabalhos acadêmicos contribuem para a perspectiva da juventude como tema de pesquisa.

3.1 Juventude e Etnografia

O tema etnografia está estritamente relacionado ao tema da pesquisa já que o objetivo é descrever etnograficamente os modos de ser jovem no tempo contemporâneo, com isso buscar trabalhos que usem o método etnográfico com o tema juventude é de suma importância para esse trabalho. Devido a isso, inicia-se a pesquisa utilizando o buscador “Juventude e etnografia” a fim de saber o que as pesquisas dizem sobre esses temas.

A busca encontrou no banco de teses da CAPES o total de 158 pesquisas, sendo 144 trabalhos de dissertação e 44 teses durante o período de 2003 a 2012.

Observa-se uma crescente utilização do uso das etnografias relacionadas às pesquisas nos programas de pós-graduação. No caso das dissertações em 2003 foram 4 pesquisas e em 2012, 23 trabalhos.

As leituras dos resumos destes trabalhos revela a relação do tema juventude principalmente com a violência, o *grafitti*, música, à noite, culturas juvenis e experiências de jovens em situação de vulnerabilidade social.

A maioria dos textos produzidos nas dissertações trazem relatos dos jovens que descrevem através das etnografias sua experiência de vida e retratam, geralmente, as realidades de violência em que estes jovens muitas vezes constroem sua identidade.

As realidades retratadas contam o cotidiano da juventude nas casas de detenção e em espaços urbanos, bem como o relacionamento com as suas famílias, histórias e gravidez na adolescência. A estética, o corpo, as mudanças nas imagens principalmente as relações com culturas alternativas, a convivência nas escolas são retratadas a partir dos olhares dos jovens sobre si mesmos e relatam a sua visão de mundo.

Além dos trabalhos que são estritamente ligados a juventude, alguns tratam da questão da velhice e como o sujeito se percebe no mundo em outra etapa da

vida, porém assumem a perspectiva de que tanto a velhice quanto a juventude é um estilo de vida e que é uma condição de se estar no mundo.

Além da juventude e da velhice, a infância também é abordada em poucos trabalhos, bem como a fase adulta e a volta ao ambiente escolar. Dos trabalhos, a maioria tem lugar em espaços escolares ou em espaços urbanos definidos, ou por grupos culturais, como no caso do “rap”, os góticos, entre outros.

O consumo e a mídia como componentes importantes de formação da juventude, as formas de consumo, incluindo as músicas e as mídias utilizadas pelos jovens como forma de expressão e comunicação, o cinema e a forma como estes se transformam em significados de pertencimento dentro das culturas chamadas juvenis.

Dentre os trabalhos pesquisados com esses descritores destacam-se dois que contribuem para a pesquisa realizada. O primeiro intitulado: *“Tamo junto e misturado: um estudo sobre a sociabilidade de jovens alunos e uma escola pública”* tese escrita pela pesquisadora Daniele de Souza Barbosa, no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 2007, orientado pelo professor Juarez Tarcisio Dayrell.

Durante a pesquisa realizada com uma turma do 2º ano do ensino médio de uma escola estadual localizada na periferia do município de juiz de fora, em Minas Gerais a pesquisadora buscou compreender, através de um estudo qualitativo de cunho etnográfico, os significados que os jovens alunos atribuem à sociabilidade no cotidiano escolar e seus possíveis impactos na vivência escolar, e articulou algumas práticas metodológicas como: observação participante, grupo focal, questionários e entrevistas, os significados que os jovens alunos atribuem à sociabilidade no cotidiano escolar e seus possíveis impactos na vivência escolar, discutindo as relações de sociabilidade⁴⁷ entre os mesmos no cotidiano escolar, identificando e analisando os espaços e tempos escolares que o jovem utiliza para se socializar. A partir de questões tais quais: Como se dão as relações entre os jovens alunos no interior da escola? Como se relacionam e como se dão os laços de amizade entre os mesmos no interior da instituição pública de ensino? Como estes atribuem significados a seus laços de amizade? Quais espaços utilizados na relação de sociabilidade na escola e em quais momentos estas se dão? A pesquisadora

⁴⁷ A autora entende sociabilidade a partir de Dayrell (2005), que é a escolha dos amigos com quem se quer interagir.

trabalha os conceitos de sociabilidade e juventude articulando-os com autores do campo das ciências sociais, especialmente ligados à sociologia da educação. A partir dessas questões e das vivências com os sujeitos pesquisados e dos relatos dos mesmos, o trabalho contribui significativamente visto que se pode perceber e conhecer as dinâmicas em torno do cotidiano escolar dos jovens adultos, elucidando a possível compreensão das relações de amizade a partir da caracterização das turmas, suas origens e ocupações geográficas na instituição de ensino.

Primeiramente, a autora descreve sua relação com o tema da pesquisa considerando seu envolvimento com o tema juventude desde sua graduação em pedagogia, que despertou para as questões da relação do jovem com a escola pública e com o intuito de ampliar a compreensão sobre o tema, a autora se depara com diversas abordagens que a fizeram tentar entender as questões relacionadas à identidade juvenil e, concomitantemente, investigar a realidade juvenil contemporânea.

Apesar das transformações do mundo contemporâneo, a escola ainda assume um papel importante de formação de seres humanos e, portanto, entender quais os sentidos que o jovem atribui às relações sociais, em especial a dimensão da sociabilidade, no interior da instituição pública de ensino, passa a ser a questão norteadora dessa pesquisa. Assim, a autora entende que nos dias de hoje, o jovem vivencia diferentes “mundos”, cada qual com sua lógica: família, lazer, cultura, trabalho, dentre outros, podendo assumir diferentes identidades. Dessa forma, segundo a autora, levar em conta o jovem como sujeito implica considerar que no interior da Escola existem processos, lugares, situações e, sobretudo, relações que podem contribuir na construção da subjetividade do jovem. A ideia de representar a juventude como futuro apresenta risco de não levar em conta o jovem no presente, suas demandas e necessidades.

Ainda segundo a autora, a juventude é uma construção social, sendo assim não se deveria defini-la de maneira universal e homogênea já que, como categoria social, ela se transforma conforme a sociedade em questão. O dinamismo e as transformações das sociedades modernas provocam mudanças na percepção social desta fase da vida e na maneira de vivê-la. (BARBOSA, 2007, p.23)

Ao longo do trabalho a autora buscou fazer uma análise na tentativa de compreender os significados que os jovens atribuem à sociabilidade e seus possíveis impactos nos seus processos de formação enquanto seres humanos,

utilizando para tais considerações o cotidiano da sala de aula já que foi percebido que os alunos se aglutinam em grupos separados por afinidades, revelando diferentes posturas dentro da escola e que por vezes os distanciam da ideia de ser aluno.

Buscando uma classificação de tais grupos, a autora os classificou em três categorias: o comportamento aluno, no qual os jovens membros dos grupos são capazes de internalizar o papel de aluno instituído e esperado pela escola; o comportamento jovem aluno, no qual as condutas dos estudantes alternam entre a postura de aluno e a de jovem na instituição; e o comportamento jovem, no qual os alunos apresentam maior dificuldade de internalizar posturas ligadas à instituição escolar. (BARBOSA, 2007) Dessa forma, a autora constata a complexidade das relações e dos significados que existem no interior da sala de aula, analisando as sociabilidades que existem nesses agrupamentos de jovens e, a partir disso, percebe-se o trânsito entre os membros desses grupos em algumas dimensões, tais como a evasão escolar, os conflitos do tipo “não vou com a cara de pronto” e a dificuldade de conciliar os estudos e o trabalho.

Ao tentar analisar e identificar os espaços escolares, a autora percebe que existe uma geografia, e que as relações acontecem em lugares marcados pelos grupos. A autora conclui que o sentido da sociabilidade no interior da escola representa, para os jovens, uma relação direta com suas posturas que são baseadas nas suas relações com a escola.

O trabalho contribuiu para primeiramente levantar algumas questões acerca da amizade entre os jovens alunos, e pode-se perceber que se em outro lugar as opções para os jovens pesquisados fossem mais interessantes, as relações de amizade poderiam ser diluídas em outro contexto. A pesquisa ainda aponta para o uso do telefone e da internet como instrumentos de sociabilidade para os jovens nos seus grupos de afinidades, tendo o celular como principal ferramenta de interação entre os jovens, já que, lançando mão da operadora de celular, a conversa era garantida em virtude das promoções que permitiam conversas gratuitas, além do uso dos “3 segundos”, estratégia dos jovens que terminam a ligação antes da operadora tarifar a chamada e, dessa forma, conseguem estabelecer longas conversas. Ao mesmo tempo, considerando o uso da Internet, boa parte desses adolescentes estabelecem interações com os amigos de grupo, bem como com colegas de fora da escola, através do Orkut (site de relacionamentos) e do MSN.

Sendo assim, a pesquisadora acredita ser conveniente destacar a relevância de um possível aprofundamento de tais instrumentos de sociabilidade nas relações de amizade dos jovens e seus possíveis reflexos na construção e manutenção dos laços de amizade e de socialização, tanto dentro da escola, como fora dela.

Ainda é possível perceber gradações de amizade, quando a autora tenta compreender a sociabilidade dos jovens alunos. Nota-se que existe uma classificação, construída por eles, que determina quem é mais e quem é menos amigo. Em meio ao relato dos sujeitos pesquisados são identificadas as categorias: conhecido (a), colega, “chegado”, “melhor amiga” e “parceiro”. O aprofundamento da compreensão acerca dessas classificações pode enriquecer o campo das pesquisas que tratem das sociabilidades juvenis, já que elas revelam diferentes intensidades nas relações de amizade. Essas classificações não foram exploradas nessa pesquisa. Por fim, a autora afirma a contribuição da pesquisa que realizou para a sua formação pessoal e profissional na busca por compreender a relevância dos laços de amizade no interior da escola, além de atentá-la para a necessidade de convívio com os jovens dentro da instituição de ensino, e a perceber a relevância do auxílio dos amigos nas diversas instituições e tempos da vida.

Este trabalho é relevante para a pesquisa, já que trata dos grupos formados no interior da escola e que estes grupos, através de ferramentas e de interação por meios de comunicação, estendem a sociabilidade para fora da instituição escolar. Além de apontar para um tema de muita relevância para a pesquisa, que trabalha com modos de ser jovem, que é a importância das amizades e dos espaços que estas ocupam na vida dos jovens e como elas acontecem, já que a pesquisadora identificou níveis de relacionamento entre os jovens e que estes ainda precisam ter mais atenção de outras pesquisas e outros olhares. Apesar de a escola ser o principal local de convivência dos jovens, uma vez que para a maioria deles ainda é o local em que passam mais tempo, os laços que lá se formam ultrapassam os limites escolares e são levados para outros campos de convivência desses adolescentes.

Outro trabalho que pode contribuir com a pesquisa que está sendo realizada intitula-se *“Cartografias juvenis: mudança e permanências nos territórios e modos de ser jovem”*, também uma tese de doutoramento orientada pelo professor Juarez Tarcisio Dayrell, no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade

Federal de Minas Gerais, no ano de 2010, da pesquisadora Carla Valeria Linhares Maia.

A pesquisa teve como objetivo mapear e analisar as vivências juvenis e representações sobre o ser jovem e a juventude no universo de estudantes de uma escola pública da cidade de Belo Horizonte, em um curso de Educação de Jovens e Adultos – EJA, já que a autora tinha experiência nessa modalidade de ensino e para ela poderia ser um local privilegiado para a realização de uma pesquisa que possibilitasse juntar duas perspectivas:

Por um lado, a escola de EJA era um lugar privilegiado de interações intergeracionais, pensando em termos de gerações sociais e não familiares. Esta poderia ser considerada uma região fronteiriça entre gerações e bom lugar para estudar as interações e relações entre estudantes de diferentes gerações, e assim perceber os modos como significam a escola e os saberes escolares e também suas representações sobre o ser jovem e a juventude. Por outro lado, a escola seria um bom local para encontrar pessoas de diferentes gerações juvenis, ou seja, que viveram suas juventudes – enquanto fase da vida – em diferentes contextos e temporalidades. Assim, seria um bom lugar para colher o que denominei de “relatos de juventude”. Por essas histórias poderíamos ter acesso aos modos de viver, aos espaços e práticas juvenis em outras temporalidades e assim realizar um estudo comparativo que permitisse mapear mudanças e permanências nos modos de viver, nos territórios significativos de construção de identidades culturais e subjetividades juvenis. (MAIA, 2010, p.28-29).

Assim, a pesquisa pretendeu construir uma cartografia das mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem e de se viver a juventude em diferentes gerações e contextos históricos. Para isso, a autora centrou a análise nos sujeitos, e em suas interações com os seus pares e em suas próprias narrativas, sendo a escola o lócus da pesquisa, mas não o seu objeto. Dessa forma, as interações entre os sujeitos de diferentes gerações e os modos como compreendem e narram suas experiências etárias, de gênero e de geração, bem como os processos de identificação e subjetivação que surgiram através dos seus relatos de juventude e durante a observação das interações intergeracionais no cotidiano escolar resultou em um estudo de caso etnográfico, junto a estudantes de diferentes idades e gerações “juvenis”.

Nessa pesquisa, com a intenção de mapear as mudanças e permanências nos modos de ser jovem, a autora desenvolveu um método comparativo que conciliou a perspectiva sincrônica (posta pela etnografia das relações

intergeracionais no espaço da escola), com a perspectiva diacrônica (por meio do mapeamento das vivências e territórios juvenis, presentes em seus “relatos de juventude”). Também se considerou que conjugar passado e o presente, a partir da observação participante e do trabalho com história de vida, poder-se-ia descobrir novos panoramas, atores e textos no contexto atual dos estudos sobre a temática das juventudes e a escola.

Com isso, a pesquisa evidenciou as diferenças nas condições juvenis postas pelas vivências em diferentes tempos: viver a juventude no campo ou na cidade, as pertencas de gênero, etnia ou condição social entre outras dimensões em um tempo marcado por intensas e aceleradas transformações, principalmente da segunda metade do século XX para cá, percebeu-se um complexo movimento entre as mudanças e as permanências nas vivências e condição de ser jovem.

O trabalho ainda enfatiza que quando se fala de juventude trata-se de conjuntos de representações sociais que vão se construindo e modificando no decurso do tempo e das circunstâncias históricas. Com isso, o objetivo foi de identificar e mapear os modos como os estudantes de uma escola pública municipal de Belo Horizonte, de diferentes gerações, elaboram ou expressam representações sobre o ser jovem em diferentes tempos da história. Para isso, a autora expõe as teorias dos autores que embasaram o estudo durante a sua construção.

Após a descrição das teorias utilizadas, a autora descreve como foi a construção da etnografia e explica que realizou uma imersão profunda no campo e no cotidiano dos sujeitos da pesquisa para poder, assim, arriscar uma interpretação que desse conta dos territórios e modos de ser jovem e das imagens e representações do ser jovem e da juventude, construídas ou expressas na interação intra e intergeracional que acontecem dentro da escola, no EJA. As observações foram intercaladas por conversas individuais, em duplas ou pequenos grupos, no momento em que alguma cena ou situação chamava atenção, ou logo após os eventos. A autora relata a dificuldade de exercitar o olhar antropológico, já que a escola lhe era familiar, bem como trabalhar com a observação e a memória se constituíram em desafios de pesquisa.

Ressalta que na história brasileira, a juventude, ou juventudes, ainda é pouco explorada pelas pesquisas acadêmicas. Dessa maneira, a autora espera ter contribuído com a produção do conhecimento sobre juventude e com os estudos na interface entre Educação, História e Antropologia.

Como se trata de um estudo etnográfico a autora não conclui a pesquisa relatando que as construções teóricas e de conhecimento sobre o tema foram se tecendo ao longo do trabalho de 361 páginas. Ao longo do texto, a autora traz as categorias e os relatos dos dias em que observou a turma M da escola escolhida em Belo Horizonte e descreve que os estudantes da turma de diferentes gerações assumiam um discurso de que o pequeno número de estudantes jovens, comparado ao número de adultos e idosos apresentados no perfil da turma, o que não favorecia a formação de “grupos” na turma. Assim, durante a pesquisa surgem algumas categorias descritas pela autora, como a família, a religião, o trabalho, a feminilidade e a masculinidade, que são trazidas pelos sujeitos pesquisados como questões comuns às gerações. A família mostrou-se como primeiro território juvenil. Espaço significado em todas as gerações como primeiro espelho social (SARTI, 2005), por onde os estudantes se viam e se situavam outros espaços sociais, e apresenta-se como ora responsável pelo sucesso, ora pelo fracasso e ainda conforme os relatos, principalmente femininos, existem uma constante: a família como espaço de pouco diálogo e pouca liberdade, por exemplo.

Esse trabalho nos permite entender a constituição de territórios e de modos próprios de ser jovem e de se viver a juventude, de constituir-se como jovem, e que necessitam serem pensados não somente em termos de lugares ou espaços socioculturais, mas também “transversalmente” em relação às dimensões mais profundas da constituição de subjetividades juvenis que são estruturadas e demarcadas pelas diferenças culturais postas pelo gênero, etnia e raça e pela condição socioeconômica. Ainda através da pesquisa, percebe-se que, de um lado, são os aspectos ou as dimensões identitária dos sujeitos pesquisados que definem, nos diferentes contextos históricos, os campos de possibilidades de ser jovem e de usufruir ou não da condição juvenil e que através dessas diferenças socioculturais, se constroem as desigualdades das condições de se viver a juventude e de se ver e afirmar como jovem.

Porém, a pesquisa revelou também o peso dos contextos socioculturais com que os jovens enfrentam e precisam lidar nas suas trajetórias de vida. Alguns têm acesso a bens, equipamentos e políticas públicas, redes sociais que os auxiliam na construção de seus projetos de futuro. Outros, contam apenas com a família, que não pode muitas vezes oferecer os recursos necessários, o que demonstra que as condições juvenis são diversas e podem oferecer muitas variáveis.

Por fim, essa pesquisa mostrou através dos “relatos de juventude” o espaço em que a subjetividade individual aflora e os sujeitos jovens, diante de seus contextos específicos, de seus distintos pertencimentos e diante das condições desiguais de existência, se constroem, dentro dos seus campos de possibilidades, seus caminhos de inserção social além de buscarem estabelecer e conquistar seus projetos de vida. Seja adiando a formação de uma família, adiando assim a possível entrada na vida adulta “de responsabilidade”, seja casando para sair de casa e ter sua própria família, seja ainda perseguindo um estágio ou um concurso, ou ainda investindo na formação profissional, e até mesmo voltando para a escola na vida adulta, para conquistar o que não teve acesso durante a juventude, ou finalmente, já na “terceira idade”, voltando à escola para realizar um sonho ou desejo de criança.

A etnografia feita por Carla Valéria nos mostra ao longo do texto, principalmente a ideia de juventude como um modo de ser e de estar, já que a pesquisa atravessa quatro gerações que compõem, na escola, na turma do EJA, modos de ainda ser jovem e de compartilhar experiências intra e entre gerações, contribuindo significativamente para a perspectiva de juventude não como uma etapa da vida, mas como um modo de estar no mundo e de se relacionar com ele e projetar a vida com esse olhar dinâmico que caracteriza os jovens contemporâneos.

3.2 Juventude e Contemporaneidade

O tema contemporaneidade também se relaciona com a juventude principalmente pelas características de mudanças rápidas e profundas que a sociedade vem passando nos últimos anos. Os trabalhos de dissertação mostram que o tema contemporaneidade tem sido de interesse nas pesquisas, somando um total de 81 no período pesquisado. Já nos cursos de doutorado o tema foi pouco utilizado somando apenas 8 teses no período de 9 anos.

Os trabalhos que tratam de juventude e contemporaneidade seguem na mesma linha de pesquisa dos trabalhos que se utilizam de etnografia, sendo o consumo, a escola, a violência e as culturas juvenis os principais focos de interesse dos pesquisadores.

Para este texto, foram selecionados 2 trabalhos, dos 81 que resultaram a pesquisa no banco de teses da CAPES, já que o objetivo deste texto é de descrever

trabalhos que se relacione com a pesquisa *Imagens da Juventude*, e nesta categoria, *Juventude e contemporaneidade*, a grande maioria dos estudos estão relacionados à violência, mundo do trabalho e consumo. Já que alguns trabalhos se repetem nas outras categorias, optou-se nesta por apenas 3 trabalhos que pensam sobre a perspectiva do jovem no contexto contemporâneo de produção de culturas e vivências juvenis.

O primeiro, é uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do aluno Márcio de Freitas do Amaral, sob orientação da professora Maria Stephanou, no ano de 2011.

A dissertação intitulada *“Culturas Juvenis e Experiência Social: modos de ser jovem na periferia”* têm por objetivo compreender e analisar culturas juvenis constituídas por jovens moradores do Morro Santa Teresa, periferia de Porto Alegre/RS e que participam de projetos da CUFA⁴⁸, organização que idealiza práticas culturais empreendidas como experiências significativas no âmbito do processo de socialização. A pesquisa busca compreender as dinâmicas e processos vividos pelos jovens no interior do espaço social identificado como periferia⁴⁹, analisando as experiências no âmbito das culturas juvenis, concebidas como constituintes do processo de socialização dos jovens, instâncias de produção de identidades e modos de ser e viver a condição juvenil.

A periferia é entendida como espaço que circunscreve relações sociais, influencia formas de viver a condição juvenil e de construir estilos e práticas culturais e dessa forma os jovens podem construir, a partir de diversos processos de identificação, culturas juvenis, que podem ser compreendidas como expressões coletivas que traduzem distintos estilos de vida questionando a relação entre as condições sociais que os jovens vivem e as imagens culturais que produzem/apropriam/ressignificam, buscando assim, construir estilos que possam os

⁴⁸ A CUFA – Central Única das Favelas - é uma organização reconhecida nacionalmente pelas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais. (<http://www.cufa.org.br/>)

⁴⁹ No contexto brasileiro, a palavra periferia é algo típico do processo de metropolização dos anos 1960 e 1970. Conforme Sposito, este conceito define-se por comparação ao centro, espaço geográfico que concentra as atividades de comercialização de bens e serviços, de gestão pública e privada, de lazer e valores materiais e simbólicos de uma cidade. A periferia é o seu oposto, resultado da falta de condições econômicas de determinadas populações, que acabam por ocupar áreas não loteadas, com pouca infraestrutura, gerando áreas de ocupação ilegal. (SPOSITO, M. E. B. *Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. Investigaciones Geográficas: Boletín del Instituto de Geografía-UNAM. México*, nº 54, 2004, p. 114-139).

traduzir suas identidades. Dessa forma, as culturas juvenis, apresentam-se como manifestações dos modos de ser jovem na periferia, como resultado de vários processos de identificação que são vividos constantemente pelos jovens, podendo assim, considerar as expressões que são produzidas nesse contexto, suas especificidades e os significados que adquirem bem como se expressam no seu dia a dia.

Além disso, a pesquisa buscou apreender as experiências sociais como partes dos processos de socialização dos jovens contemporâneos através de diferentes formas de inserção social, valorizando a dimensão educativa.

Para dar conta dos objetivos da pesquisa, o autor toma como ponto de partida o cotidiano dos jovens, as distintas redes de relações e significações que os circunscrevem no espaço social onde vivem. Desse modo a periferia constitui-se, como um espaço social que é público, um lugar onde moram e transitam, em que a maioria cresceu, brincando na rua com os amigos e vizinhos, reunindo-se nas esquinas, convivendo e construindo amizades. É o espaço em que socializam suas experiências, onde veem o mundo a partir das suas condições de vida e das relações sociais que estabelecem. Para além de um território, são as vivências sociais que dele decorrem que o convertem em algo significativo. Assim, os jovens demonstraram uma significativa identificação com o espaço em que vivem.

Muitos desses jovens nasceram e cresceram no mesmo lugar, desenvolvendo vínculos familiares e de amigos, bem como a presença de outros membros das suas famílias morando perto, o que é muito comum. Em alguns casos, os sete jovens pesquisados têm familiares que estão entre os moradores mais antigos do Morro. Tais características fazem com que eles decidam por fixar e manter a residência atual.

Quanto às culturas juvenis presentes nos contextos dos jovens pesquisados no Morro Santa Teresa, estes manifestam suas representações principalmente em duas dimensões: nos corpos e na linguagem. Com relação aos corpos, eles carregam representações na forma de se vestirem, nos ornamentos, tais como, *piercings*, nos cortes de cabelo, nos acessórios, mostram-se como extensões do próprio corpo, como pulseiras, correntes, pingentes e, principalmente, o celular, tendo nele os fones de ouvido, inseparáveis. Esses elementos integram estes sujeitos como característicos das suas identidades e que constituem seu modo de ser. Já no que dizem respeito à linguagem, os jovens pesquisados se expressam

através de gírias, como forma de narrar-se e nomear-se, identificando e classificando o estilo e o modo de ser e que possuem significados específicos.

Já no caso dos processos de socialização destes jovens, é importante salientar o papel da CUFA como mediadora de experiências sociais. Inicialmente, o estudo diz respeito às experiências vividas pelos jovens a partir das culturas juvenis, não sendo a CUFA seu principal objeto, porém cabe destacar que por estar localizada na periferia e, tendo em vista a importância que os jovens entrevistados atribuem a este espaço, o pesquisador compreendeu que ele deveria ser considerado no trabalho, como um importante lugar de vivência de experiências sociais, representando uma significativa diferença nos processos de socialização dos sujeitos da pesquisa. Para os jovens pesquisados estar na CUFA e participar de suas atividades bem como fazer parte do espaço, configura-se como uma experiência social já que é neste lugar que eles vivem lógicas de ação e inserção que são diferentes de outros espaços sociais dos quais eles participam, como a rua, a família, a escola, entre outras.

Quanto aos amigos, estes são constituídos pelos vínculos e redes de sociabilidade que estabelecem com outros jovens, a maioria moradores do mesmo lugar, alguns conhecidos desde a escola. Os laços configurados com a família e com os amigos apresentam-se como sendo os elementos mais significativos deste espaço. Assim, os jovens constroem redes de sociabilidades nas quais (re)significam suas ações cotidianas, produzindo distintas formas sociais de ser e estar. Podemos compreender também, através desta pesquisa, que a condição juvenil na realidade é territorial e sendo assim está conectada ao contexto social e às redes de relações nos territórios em que estes jovens vivem.

Assim, podemos concluir com essa pesquisa que os jovens estabelecem uma relação com o espaço social e com outros jovens, construindo dessa forma culturas juvenis que possam expressar coletivamente suas experiências sociais construindo estilos de vida diferentes. Assim, no Morro Santa Teresa estes jovens produzem/apropriam/ressignificam imagens e expressões culturais de diversas fontes (outras culturas juvenis, da mídia, entre outros), em um processo de múltiplas identificações e pertencimentos que produzem suas identidades, expressando as representações culturais em todos os espaços de sua vida, seja social, seja ela escolar, familiar ou no trabalho. Da mesma forma, as culturas juvenis constituem outros espaços de sociabilidade, principalmente a partir da relação com outros

jovens, (re)significando e ampliando suas redes de socialização, produzindo assim, novas possibilidades de integração social. Segundo a pesquisa, é importante dizer que não devemos reduzir os jovens pesquisados a um único estilo ou categorização, tais como: “jovens do Morro”, “cultura dos jovens da periferia”, por exemplo, mas é importante ressaltar a heterogeneidade dos significados que são articulados e apropriados nos seus caminhos cotidianos. Ainda, cabe destacar a importância da mídia no sistema de significação já que os jovens, nesse contato com a mídia, estabelecem uma relação que, por ora, se traduz em adesão a estilos e valores, ora em resistência e negação. Assim, a mídia aparece como um lugar de destaque na produção cultural dos sujeitos da pesquisa. Porém, nesse trabalho a relação da juventude com a mídia e a produção de cultura não foi aprofundado, surgindo como indicação para outros, ou novos estudos.

Ainda, a CUFA, mesmo não sendo o objeto desta pesquisa surge como o lugar em que os jovens partilham experiências de aprendizado e de socialização. Já que inserida no cotidiano da periferia, e que se propõe a realizar atividades diversificadas no campo da cultura, tornando-se assim, um lugar de referência para estes sujeitos, propondo vivências diferenciadas a partir de seus projetos em que, os jovens criam uma identificação com a CUFA e seus educadores, assumindo para si os discursos e propostas da instituição.

Além disso, a autonomia dada aos sujeitos jovens pela CUFA faz com que esta seja como um lugar de aprendizado social, apresentando-se como uma possibilidade para os jovens se inserirem em uma lógica de ação diferente de outros espaços sociais, como a rua, a família, a escola. Por sua presença e por seu trabalho característico, a CUFA emerge para estes sujeitos como uma instituição socializadora no contexto mesmo em que vivem, propondo aos jovens interações e aprendizados que constituem associados às culturas juvenis, experiências sociais marcantes em suas biografias, oportunizando a formulação de projetos de continuidade e de futuro. Segundo o autor do texto, sentido desta escrita associa-se aos significados que os sujeitos atribuem para suas experiências e para o fato de que, para além do conhecimento produzido, nós, pesquisadores, nos deparemos com biografias de sujeitos reais, e que neles estão depositadas as razões que justificam os esforços no campo da Educação (p. 129).

Por fim, o trabalho de Lúcia de Mello e Souza, sob orientação da professora Janaína de Azevedo Corenza, é um texto que se mostra interessante para esta

pesquisa, porém só é possível ter acesso ao resumo do trabalho. Além das dificuldades já apontadas neste texto sobre o sistema de busca no Banco de Teses da CAPES, outro desafio dos pesquisadores que necessitam escrever um trabalho do tipo estado da arte, é que além de pesquisar trabalhos de todas as áreas, já que o portal não oferece uma ferramenta de busca mais específica, existe a necessidade de procurar os trabalhos completos em outros lugares, o que dificulta a pesquisa, visto que além de precisar ler todas as informações de todos os trabalhos dos quais a pesquisa resulta para poder saber a área de conhecimento e do que se trata, nem todos os trabalhos estão publicados na íntegra na internet. Então, como a pesquisa que leva o título de “Expectativas: o que os jovens desejam para o futuro próximo?”, que pela leitura do resumo se mostra interessante, não podemos ter acesso ao texto completo.

Segundo o resumo deste trabalho, o objetivo é identificar e analisar as expectativas quanto ao futuro dos jovens que cursam o último ano do ensino médio. Para isso, a pesquisadora realizou uma pesquisa de campo que envolveu alunos do último ano do ensino Médio do ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro).

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo e utilizou-se de uma diversidade de instrumentos, tais como: aplicação de questionários, entrevistas e observações dos mais variados momentos escolares dos jovens.

A partir da pesquisa de campo podem-se encontrar aspectos que foram focalizados pelos jovens, como, por exemplo, a difícil tarefa de escolher os rumos a seguir após a conclusão do ensino médio, ganhando destaque o ingresso no curso superior através do concurso vestibular, e as dificuldades a serem enfrentadas para a inserção no mundo do trabalho. Os jovens pesquisados consideram que o conhecimento adquirido na escola não contribui na vida cotidiana, já que por vezes são desconexos das suas vivências sociais e culturais, além disso, a valorização do diploma, segundo estes jovens, é associada a uma exigência social e não efetivamente a um saber significativo para a vida futura, constituindo-se uma das principais contradições encontrada no estudo. Assim, sugeriu-se que a escola e o poder público tomem, como uma de suas responsabilidades, o investimento em mecanismos que promovam o fortalecimento do capital social dos jovens.

Além disso, a ideia de promover debates que expliquem algumas das dúvidas sobre o ensino superior e o mundo do trabalho no interior das escolas de ensino

médio, com profissionais de áreas distintas, pode ser uma alternativa ao diálogo e a compreensão do mundo pós-ensino médio. A busca pela valorização do jovem, o respeito à sua autonomia, o estímulo à participação cidadã juvenil por intermédio de discussões sobre diversos temas que perpassam a juventude e a contemporaneidade nas escolas - embasadas na experiência e na linguagem dos jovens - foram um dos caminhos apontados pela pesquisa para que as expectativas de futuro dos jovens possam ser mais seguras e menos nebulosas.

3.3 Juventude e Consumo

Os trabalhos que tratam o tema juventude e consumo somam 181 sendo 148 dissertações e 33 teses de doutorado. Percebe-se também nesse tema a crescente produção com o passar dos anos, sendo que em 2003 foram apenas 7 e em 2012, 29 textos. Já com as teses nota-se uma produção pequena, porém constante, constando no banco de teses da CAPES, 33 trabalhos. Neste texto, utilizo 3 trabalhos acadêmicos que falam da relação entre juventude e consumo.

Porém, com a leitura de diversos resumos dos resultados da pesquisa no banco de teses da CAPES, pode-se perceber que os trabalhos abordam a ideia de consumo de diversas maneiras, tais como o consumo pela moda, pelo visual, por um estilo de vida, pelo desejo ou pelo ato de consumir espaços, já que os centros urbanos concentram a maioria dos jovens. A ideia de que a juventude é consumidora em potencial e que a mídia se aproveita dessa característica para vender, faz com que o consumo e o descarte sejam cada vez mais comuns entre os jovens, principalmente no que diz respeito à tecnologia. Infelizmente, nem todos os textos de que resultou a pesquisa, estão disponíveis na íntegra na internet. O que dificultou um maior aprofundamento nas leituras, já que apenas os seus resumos estavam disponíveis, sendo assim, 3 trabalhos foram escolhidos e cada um traz modos diferentes de ver o consumo para a juventude.

O primeiro deles é a tese de doutorado intitulada *Domingo no Parque: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade*, de autoria de Angélica Silvana Pereira apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012.

A tese tem como objetivo principal analisar as práticas de transgressão e as performances dos jovens nos domingos em um dos mais frequentados parques da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a fim de compreender a experiência de ser jovem na contemporaneidade.

Segundo a autora,

As práticas de transgressão não supõem apenas uma tensão geracional, em que jovens excedem determinados limites para se contrapor e criar rupturas com modelos de outras gerações. Refiro-me também às composições e arranjos juvenis através dos quais os jovens visam ser diferentes, deixar suas marcas entre seus grupos de amigos, sendo necessário superar, ir além, ultrapassar os limites daquilo que já está posto, pensar numa novidade para, assim, poder surpreender, ser „o cara“! e/ou para os outros olharem e pensarem: o cara é foda mesmo! Estas práticas de transgressão acontecem em relação a determinadas normatizações e em relação aos próprios grupos com os quais os jovens se encontram todos os domingos. (PEREIRA, 2011, p.21)

Já, com relação à performance, a autora diz que

A performance e suas derivações – performers, performatividade, performativos – de que falo nesta Tese está associada a uma confluência de entendimentos sobre esta palavra, presentes em duas áreas do conhecimento: as Artes e a Etnografia.(...) Optei, então, tratar a performance e seus termos correlatos, transitando pelas perspectivas apresentadas nesta seção, ou seja: como ação criativa e imagética que alude ao espetáculo [performance], como qualidade da performance [performativo], performers, para falar dos sujeitos cujos corpos tornam - se o lugar da performance e performatividade, no sentido de desempenho (PEREIRA, 2011, p.48)

Para isso, a autora procurou olhar para estas práticas considerando os discursos sobre “ser jovem”, pautados em prescrições sociais que circulam diversos espaços e ao mesmo tempo em uma condição cultural de enfraquecimentos institucionais, fortalecimento do hiperconsumo, já que, conforme a autora, as transformações na sociedade de consumo têm produzindo outros modos de ser e de viver que nutrem a construção de si. Dessa forma, a experiência de ser jovem na contemporaneidade parece estar fortemente ancorada nas práticas de consumo que enaltecem e premiam o desejo de “ser diferente” e “querer sempre mais”, incitando e convocando os sujeitos ao usar, inovar, ser diferentes, buscando criar uma imagem espetacular de si. (PEREIRA, 2011, p.48.)

O Parque, enquanto parte da metrópole, e as coisas que nele acontecem se configuram em um espaço-tempo propício para práticas diversas, através das quais os jovens aprendem modos de viver suas juventudes.

As análises têm como eixo central as performances, como modos de espetacularização das práticas e das estéticas corporais que caracterizam as práticas de transgressão ao mesmo tempo em que chocam, incomodam e criam rupturas com os modos instituídos pela sociedade.

Assim, mais do que romper com determinadas lógicas, normas, padrões comportamentais e estéticos, muitas das práticas de transgressão dos jovens no Parque parecem ser celebradas, comemoradas. Elas são exaltadas e tornam-se célebres: ganham fama e notoriedade, são extravagantes. Na transgressão como celebração os jovens criam suas próprias normas. (PEREIRA, 2011, p.232)

E termina dizendo que, diante da tamanha complexidade das reinvenções juvenis que apareceram ao longo da pesquisa, a pesquisadora faz uso de notas para significar os movimentos de exercício de anotar, ver, capturar os modos de existência juvenis e sinalizá-los como uma condição que pode possibilitar o pensar sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade, e na sociedade de consumo.

O segundo texto é a tese de doutorado de Karla Vello Meyrelles Barcelos, apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, História, Política e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 2008, com o título de *Culturas Juvenis numa escola pública de ensino médio: novos usos, novos cenários*.

A pesquisa foi realizada durante os anos de 2005 até 2007, e refere-se às culturas juvenis de uma escola pública de ensino médio, localizada na Vila Pompéia, zona oeste da cidade de São Paulo.

A pesquisa teve por objetivo compreender os “usos” que jovens alunos têm feito de uma escola de ensino médio, para tanto, a autora investigou o contexto das relações e interações sociais que aconteciam no interior da escola.

Partindo da hipótese de que os jovens alunos são partes importantes e constitutivas das funções sociais assumidas pela escola, a partir das interações e relações que eles estabelecem, principalmente, dentro dela, a pesquisadora utilizou-se de questionários, entrevistas, observações e a etnografia para dar conta das questões da pesquisa, podendo “mergulhar” no interior da escola por meio de

métodos e procedimentos específicos, sendo para autora uma nova maneira de pesquisar.

Assim, as entrevistas possibilitaram um maior conhecimento sobre as relações e interações que acontecem no interior da escola, podendo ser constatado como os atores sociais lidam com as diferentes situações do cotidiano escolar e como se delineiam as responsabilidades e funções da escola. Ao mesmo tempo, em que a pesquisadora teve a possibilidade de confrontar os discursos com as atitudes deles em suas observações no interior da escola. (BARCELOS, 2008, p. 38)

A observação também foi um procedimento privilegiado já que permitiu a autora estar em espaços e tempos escolares diferentes, como o portão da escola, a entrada e a saída dos alunos em diferentes períodos, o pátio da escola, o intervalo, os corredores, as aulas, nas salas de aulas, eventos da escola, e a maioria das atividades escolares. A sala dos professores foi pouco frequentada já que a pesquisa se propunha a pesquisar os jovens em seus espaços escolares e os usos que eles fazem da escola.

O consumo aqui aparece no sentido de utilizar bebidas alcólicas em exagero, além de maconha no interior da escola, já que para realizar a pesquisa a autora retorna a escola enquanto a direção desenvolvia um projeto de prevenção ao uso de álcool e drogas. Assim,

A criação de um espaço na escola com a finalidade de discutir junto aos jovens alunos, por meio de um projeto alternativo, por exemplo, o consumo abusivo de bebidas alcólicas, pressupõe não apenas uma determinada concepção de jovem e de juventude, mas também, o trato com uma realidade que se mostra em evidência e não pode ser considerada. (BARCELOS, 2008, p.90)

Dessa forma, pode-se dizer que o consumo tem sido fator importante de sociabilidade, além de ser capaz de criar pertencimento ou não dos jovens a um determinado grupo/agrupamento.

Nesta pesquisa, foram entrevistados jovens alunos do primeiro, segundo e terceiro ano dos diferentes turnos, professores, inspetores, cantineira, agente de limpeza e direção da escola, a fim de saber como as culturas juvenis são partes constituintes das funções sociais assumidas pela escola.

Assim, segundo a autora,

O universo dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa compreendeu, além dos jovens alunos – foco de nosso estudo – os diferentes atores sociais que compõem o cenário da escola como: inspetor, professor, cantineira, faxineira, coordenação pedagógica, direção. Uma vez consideradas, privilegiadamente, as relações e as interações dos jovens alunos, acreditou-se na necessidade e importância de dar voz aos demais, pois eles são partes constituintes do que se apresenta a nós. Tal percepção sobre a importância das interações e relações foi construída também ao longo da minha permanência na escola. A seleção dos profissionais no interior da escola para entrevistas e conversas informais se deu a partir das minhas observações no cotidiano escolar e, também, da disponibilidade deles em conversarem comigo. O critério de escolha utilizado por mim foi a relação estabelecida entre os jovens alunos e estes profissionais. (BARCELOS, 2008, p.43)

Ao longo da tese, a autora vai construindo “cenografias” das relações entre a juventude pesquisada e a escola. Relações estas que são extremamente complexas. Sendo assim foi possível constatar, através da pesquisa, que a organização escolar, por meio das suas normas, regras e valores, que foram constituídos historicamente, são capazes de expressar as interações e relações estabelecidas pelos jovens alunos no interior da escola.

Também que, dentro da escola, existia a construção e a reconstrução de valores nos processos de construção das identidades dos alunos a partir da construção da própria identidade da escola.

No que diz respeito às relações entre os jovens entre si, as questões culturais foram as mais relevantes, visto que “estar junto” é algo muito valorizado pelos jovens e que a condição social não é um fator decisivo quando se trata dessas relações e por vezes, organiza simbolicamente as relações que os jovens estabelecem entre si.

Já as relações com diretores, inspetores e com as famílias parecem ser mais a respeito das gerações. E no que diz respeito à família, os jovens ainda continuam representando tais relações pelo afeto. Segundo a autora,

O modo particular como as famílias dos alunos participam e interferem nas ações e decisões da escola, principalmente no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas pelos alunos, podem nos dizer também dos papéis e funções assumidos pela própria escola sem a mediação que as propagandas oficiais fazem de tais projetos de prevenção. (BARCELOS, 2008, p.194)

Com relação à escola, a maioria dos alunos percebe como um espaço de estar com os amigos, e que eles fazem “novos usos” do espaço escolar, dentro e

fora dela, fazendo com que a escola seja o espaço de sociabilidades mesmo quando os alunos estão fora do seu espaço.

Finalizando, a autora percebe que:

Os novos usos da escola pelos jovens alunos foram apresentados à medida que foram expostas as interações e relações estabelecidas por eles, momento que ficam evidentes os elementos que eles se utilizam em seus posicionamentos perante os demais. Tais usos remetem ainda à dimensão simbólica das distintas manifestações e moralidades juvenis. As moralidades juvenis identificadas no cenário de pesquisa dizem respeito ao modo como cada jovem se percebe no contexto das interações e relações que estabelece. (BARCELOS, 2008, p.199)

Dessa maneira, pode-se concluir a partir do texto que é a partir das condições concretas e de operações simbólicas, que são construídas conjuntamente, que temos as culturas juvenis e os novos usos da escola, neste caso.

O terceiro trabalho é a tese de Saraí Patrícia Schmid e se chama *Ter Atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem* apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2006, sob orientação da professora Marisa Vorraber Costa.

Nesta tese a mídia impressa foi o foco do estudo que analisou revistas e ao mesmo tempo as discutiu em um grupo de acadêmicos de comunicação social. A pesquisa teve por objetivo compreender como uma expressão ambivalente como “ter atitude” foi disseminada amplamente na mídia e analisar a importância dessa expressão já que certas características dos jovens são dadas como imutáveis, sendo que os jovens vêm se modificando e dissolvendo, utilizando Zygmunt Bauman como referência. Assim, a tese analisa a relação entre cultura jovem e a globalização. Dessa forma, a autora discutiu os conceitos centrais que surgiram na tese, como: juventude líquida, ambivalência e identidade. Foram utilizados dois materiais para compor o *corpus* da pesquisa, o primeiro foram os materiais extraídos da revista MTV (especialmente, editoriais e campanhas publicitárias) e o segundo resulta das discussões com os acadêmicos do curso de Comunicação do Centro Universitário Feevale.

Segundo a autora, todos os dias nos jornais, revistas, internet encontramos palavras que instituem sentidos “para ser jovem”, da mesma forma que o tema juventude é cada vez mais frequente em pautas que abordam o protagonismo juvenil

e aliado a isso, os jovens vêm sendo convocados a “ter atitude”, ou convidados a optarem por determinados grupos ou “tribos” o que se sabe que implica em consumir determinados produtos que os identifiquem como fazendo parte desse e/ou daquele estilo de vida e de comportamento, seja pela música, pelas roupas ou pelos programas de tv. Especialmente, no caso dos veículos de comunicação, o “mercado jovem salva o dia” e ter atitude é a característica desejada ao universo jovem.

É nesse sentido que a autora entende que a tentativa de compreensão do universo jovem, em especial da expressão “ter atitude” nesse contexto deve passar pela análise da mídia.

Trazer como tema de pesquisa a relação da cultura com as pedagogias da mídia neste alvorecer de Século pode oportunizar novos olhares, oferecer outras possibilidades para subsidiar este debate inesgotável entre profissionais e pesquisadores do campo da Educação da Comunicação (SCHMID, 2006).

Quando a autora iniciou suas atividades como professora universitária em 2001, a MTV lançava sua revista e que parecia ter um impacto na sala de aula já que muitos dos seus alunos admiravam a ousadia, a irreverência da publicação mensal.

Segundo a autora,

A partir daí, fiquei intrigada sobre o que estava mobilizando meus alunos nestas páginas coloridas. Desde então, tenho me perguntado por que uma corporação com a MTV – Music Television, hoje considerada uma marca “globalizada” na área da música e entretenimento, teria apenas no Brasil uma revista com a sua marca. O que representaria para a MTV atingir os jovens brasileiros pela mídia impressa? De forma especial, perguntava - me, ainda, sobre o que poderia significar a expressão “ter atitude”, tão amplamente associada à marca MTV e presente na revista? Estas foram algumas questões que me fizeram olhar com maior atenção para esta publicação da mídia brasileira que carrega a marca MTV. (SCHMID, 2006, p.31)

Assim, a tese foi construída na perspectiva dos estudos culturais, articulando cultura e educação. E entre capas da revista em discussões no grupo a pesquisa evidenciou de que maneira uma expressão ambivalente como “ter atitude” encontra num universo igualmente ambivalente (o dos jovens) um lócus notável para sua efetivação, e analisou de que forma e por quais caminhos ela acaba por encontrar no universo jovem um meio singular e sugestivo para seu implemento.

Assim, segundo Schmid (2006, p.163):

Nesse contexto, “ter atitude” significa uma espécie de singularidade que pretende tirar o sujeito do geral e trazê-lo para o particular, a partir de suas características, comportamentos, hábitos, modos de vestir. Esse apelo ao individualismo vem acompanhado da ideia de autenticidade, de singularidade, autoestima, características fundamentais para juventude contemporânea. Os discursos que antes narravam a juventude como uma fase da vida relacionada à aventura e à rebeldia, é enriquecido agora com a ideia de singularidade, de originalidade, de ocupar - se consigo mesmo. Ou seja, tudo serve para representar uma juventude que é ao mesmo tempo única e plural.

3.4 Juventude e Escola

O último descritor utilizado para dar um panorama das pesquisas relacionadas à juventude nos últimos 10 anos no Brasil, observando o banco de Teses da Capes, é Juventude e escola. Esse descritor resultou em 512 dissertações e 143 teses entre os anos de 2003 e 2012. Nas dissertações se pode perceber um aumento da produção que trata de juventude e escola, já que em 2003 foram 16 trabalhos e em 2012, 81. O mesmo acontece no caso das teses defendidas já que em 2003 foram 8 trabalhos e em 2012, 32. Cabe ressaltar que muitos trabalhos se repetem na pesquisa, já que todos utilizam juventude como palavra – chave, sendo assim para esta pesquisa foram escolhidos apenas 3 trabalhos do total, já que em função do pouco tempo, impossibilitou um maior aprofundamento nas leituras de mais trabalhos.

O primeiro trabalho é a dissertação de Elisete Enir Bernardi Garcia, sob orientação de Berenice Corsetti, apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Universidade do vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no ano de 2005.

A dissertação se chama *Um estudo sobre juventude e espaço-tempo escolar* e tem como tema a juventude no contexto do espaço-tempo escolar. A principal questão que orientou a investigação realizada foi como a escola de ensino médio pode ser um espaço de protagonismo juvenil. O objetivo da pesquisa foi perceber se a escola de ensino médio dá conta das aspirações da juventude que nela se encontra, a fim de entender o que acontece no interior da escola. Assim, a pesquisa

tentou perceber qual o lugar da escola na vida dos jovens e o lugar dos jovens na vida da escola. A pesquisa procurou dar voz aos jovens para tentar mostrar qual o jovem que frequenta a escola, bem como dar voz aos educadores que trabalham na formação dos jovens para compreender como se dá a distância entre os jovens e a escola.

Para isso, a metodologia de investigação foi a de observação participante, grupos focais, entrevistas e questionários. Foram constituídos 3 grupos com alunos dos 3 anos do ensino médio, assim,

Em relação à metodologia que utiliza o grupo focal, salientamos aos jovens dos três grupos que se trata de um estudo focado e que busca apreender as opiniões, os sentimentos e saberes sobre a realidade vivida pelos sujeitos do grupo, no espaço escolar e no seu tempo. Pontuamos, ainda, a importância de cada um ao participar do grupo e que as opiniões de todos eram importantes e que não existiam boas ou más opiniões, e que cada um teria o direito de se expressar livremente. (GARCIA, 2005, p.50-51)

Paralelamente aos grupos focais, a autora realizou entrevistas a fim de aprofundar na singularidade de cada um, questões que emergiam dos grupos focais. As entrevistas foram semiestruturadas, com perguntas abertas a partir de eixos norteadores: *O lugar da escola na vida dos jovens e o lugar dos jovens na vida da escola*. Os eixos norteadores foram divididos por temáticas: identidade, educação, trabalho, espaços de grupos, ocupação e esperanças. Já com os professores, a pesquisadora utilizou questionários, realizados no intervalo das atividades escolares em visitas à escola com a finalidade de conhecer quem são os professores que atuam no ensino médio, o que pensam do espaço escolar em que atuam; da respectiva educação média e sua organização curricular; que prerrogativas atribuem a esta modalidade; o que se ensina aos jovens na escola e como esses são percebidos.

Considerando que muitos são os modos e as possibilidades de ser jovem, a autora optou pelo pressuposto de que o lugar social e o trabalho, isoladamente não definem mais a identidade dos indivíduos. Assim, a ideia de que a juventude é um momento da vida que marca a saída da infância até o ingresso ao mundo adulto, vivido de forma homogênea não se constitui mais como única ou principal maneira de se pensar a juventude, e se passa a considerar os jovens como protagonistas de um tempo de possibilidades.

A autora entende o espaço-tempo escolar pelo espaço que está representado pela escola, pela modalidade de ensino médio, o tempo, pela inclusão, a frequência, pela presença, hoje, do jovem na escola.

Assim, segundo a pesquisadora,

Podemos afirmar que a escola, os professores e a equipe diretiva mostram-se flexíveis a estudar, a inovar, a entender e compreender a cultura juvenil que está presente no espaço-tempo escolar. Eles, bem como os jovens, sentem - se desconfortáveis com a rigidez curricular, com a fragmentação do ensino, com o ensino descompassado e desconectado da realidade. Por isso, clamam para que as pesquisas retornem para a escola e não simplesmente usem o espaço escolar para denunciar, mas também para “socorrê-los”, subsidiá-los e ajudá-los a trilhar outros caminhos possíveis. Clamam para serem vistos como sujeitos, como seres humanos com necessidades, desejos e direitos, enfim, como sujeitos em processo de constituição. (GARCIA, 2005, P.182)

Sendo assim, os jovens encontram nesse espaço e nesse tempo diversos elementos que são tanto orientadores como desorientadores e a escola acaba integrando o contexto social, político e ideológico do qual o jovem faz parte.

A pesquisadora finaliza o trabalho dizendo que,

Assim, ao terminar, sem concluir, podemos dizer que é preciso recomeçar. Enfim, este trabalho representou, para a pesquisadora iniciante, uma tentativa esperançosa de compreender o “mundo” juvenil no espaço-tempo escolar, para além das evidências, dos rótulos, dos preconceitos para apreender sobre o jovem “real” que está aí e clama para não ser silenciado. Novos estudos, portanto, são necessários; é preciso compreender a escola na sua totalidade, é preciso ouvir mais, debruçar-se mais sobre o interior da escola, que apresenta uma complexidade que não foi possível ser tratada plenamente neste trabalho. Existem no país muitas tentativas de misturar, de envolver os diferentes mundos (juvenil e escola) que seriam interessantes serem considerados. Estamos vivendo um momento de muitas políticas públicas para o segmento juvenil, por isso seria interessante estudar como essas políticas estão se desenvolvendo e como estão conseguindo contemplar o segmento juvenil. Como o lazer e o tempo livre podem ser pensados em sua dimensão cultural? Como podem ser discutidos e implementados nas políticas públicas? Essas são questões, entre outras, que merecem investigação. Ficam, portanto, como questões para o futuro, já que, neste momento, concluímos essa etapa de nosso trabalho.(GARCIA, 2005, P.185).

Desse modo, é necessário que se continue pensando as questões sobre juventude e a escola já que ainda se constitui como um espaço complexo.

O segundo trabalho se chama *Sons das Tribos – compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre*, apresentado ao programa de Pós-

graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de autoria de Lisiane Gazola Santos, orientada pela professora Elisabete Maria Garbin.

O objetivo dessa dissertação foi analisar de que forma determinadas práticas culturais relacionadas à música podem atuar na construção das identidades juvenis na contemporaneidade. As práticas relatadas no texto foram vividas por alunos de ensino médio, no turno da noite do instituto de educação que é uma escola pública na cidade de Porto Alegre no ano de 2004.

A partir de um projeto chamado de Projeto das Tribos, e através da perspectiva dos estudos culturais a autora articulou estudos e a sua pesquisa com os campos da sociologia das juventudes e dos estudos culturais trazendo o que ela entende por juventude(s), música e práticas culturais no contexto da escola.

O Projeto das Tribos foi elaborado e desenvolvido por alunos do Grêmio Estudantil através de práticas culturais ligadas à música e pretendeu proporcionar, principalmente aos alunos do noturno, condições para que esses criassem seus laços e grupos de amizade (SANTOS, 2006).

A pesquisadora utilizou como ferramentas metodológicas a observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos e de registros fotográficos que compõem as discussões e ilustram a dissertação.

A autora entende que os saberes e práticas culturais dentro do contexto escolar são mais amplos e complexos já que são relações estabelecidas em um contexto de ensino-aprendizagem que por vezes ficam restritos a sala de aula.

Depois de compreender a juventude como possibilidades de ser, a autora realiza sua análise de uma perspectiva transdisciplinar, já que,

A visão transdisciplinar é fundamental para realizarmos nossas análises de cunho cultural, permitindo estabelecer intercâmbios e atravessamentos entre variadas áreas de estudo. Dessa forma, evidencio uma possibilidade de vincular diferentes temáticas de estudos, tais como culturas juvenis e música, intencionando constituir uma rede de significações na qual é possível problematizar, instigar outros olhares a respeito das identidades juvenis. (SANTOS, 2006, p.28)

Ainda, a autora percebe que,

culturas juvenis como modos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam significados, valores e crenças. Nesse sentido, as culturas juvenis são múltiplas e variáveis, expressando aspectos vinculados a determinados contextos históricos, econômicos, sociais e culturais. Nesses contextos, passei a ocupar-me em buscar entender como eram atribuídos significados às práticas que se relacionavam com a música naquela escola, e como tais práticas possibilitavam aos jovens modos de expressar,

visibilizavam condutas referentes a determinadas culturas juvenis, influenciavam no processo de socialização desses estudantes e permitiam que os jovens pudessem recriar seus próprios estilos. (SANTOS, 2006, p.29)

Diante disso, é possível considerar o espaço escolar como um produtivo lugar de socialização, de convívio, de experiência e de constantes trocas de diversos saberes entre as juventudes que o frequentam.

A partir do material recolhido pela pesquisadora, é possível perceber a importância que a música assume nos processos de identificação dos jovens de diferentes maneiras, já que ela pode criar e recriar grupos de pertencimento e de amizade – as tribos – como os grupos do rap, do rock e do pagode, no caso da escola pesquisada. Assim, os jovens incorporam, a partir dessas tribos, características específicas, que são determinadas pelas preferências musicais, modos de vestir e maneiras de agir e de marcar seu próprio corpo e que os sons das tribos operam produção das identidades dos estudantes aqui enfocados, compondo, assim, distintas maneiras de ser jovem na contemporaneidade (SANTOS, 2006).

Por fim, o último trabalho que compõe o levantamento de trabalhos no Banco de Teses e Dissertações da Capes, sobre juventude e escola, se chama *As temporalidades no cotidiano de jovens porto-alegrenses*, de Juliana Brandão Machado, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2006, com orientação da professora Marie Jane Soares Carvalho.

O trabalho analisou o cotidiano de jovens que estudavam no ensino médio de uma escola pública na cidade de Porto alegre, utilizando o conceito de mundo da vida de Schütz (1979, p.72):

(...) significará o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. Ele agora se dá à nossa experiência e interpretação. Toda a interpretação desse mundo se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de conhecimento à mão, funcionam como um código de referência.

Nessa perspectiva, o mundo é onde vivemos e onde acontece nossa experiência e nossa interpretação. Dessa forma, as juventudes são concebidas pela autora a partir de uma perspectiva sociológica em que são tomadas em sua

constituição plural das juventudes para além de um período de transição, reconhecendo as diversas especificidades de uma etapa da vida.

O principal objetivo dessa pesquisa foi o de compreender como o dia a dia dos jovens do ensino médio é estruturado com relação aos aspectos de gênero e ao mesmo tempo de trabalho e estudo. O mundo da vida dos jovens pesquisados compreende essas esferas e há a intenção de entender quais códigos estão presentes no cotidiano dos jovens em suas temporalidades.

A pesquisa foi realizada fazendo um mapeamento dos usos do tempo com cerca de 400 jovens e cada um deles preencheu dois diários de uso do tempo, um que fazia referência aos dias da semana e outro aos finais de semana.

Com a análise preliminar dos dados, foram construídas quatro rotinas típicas dos jovens e utilizadas na seleção dos que seriam entrevistados. Sendo assim, 14 entrevistas foram realizadas, e os jovens puderam relatar a sua rotina e o significado da educação e do trabalho nas suas vidas, e assim emergiram as categorias “tempos para si”, “tempos de estudo”, “tempos de trabalho – formal e doméstico” e “tempos de lazer”.

Percebeu-se que os usos do tempo de estudo e trabalho, principalmente o trabalho doméstico, indicam maior alocação de jovens do sexo feminino do que jovens do sexo masculino. Além do gênero, o princípio de reciprocidade, que indica a responsabilidade de cada membro do grupo doméstico para a sua manutenção, foi percebido como um código de referências para o cotidiano destes jovens (MACHADO, 2006).

4 I'M AT INSTITUTO: OKUPANDO A ESCOLA

Este capítulo faz o *check in*⁵⁰ no local da pesquisa, a escola, que é um dos lugares de ser jovem, de conhecer gente, de construção de si, de conhecer, de experimentar, de fazer amigos, de conhecer coisas. A escola é o espaço em que se passa a maior parte do tempo, principalmente na juventude.

Pode-se dizer, portanto, que se a escola é uma das responsáveis pela criação da noção de juventude, a juventude também reinventa a escola como lugar de sociabilidade juvenil (PEREIRA, 2007).

A partir do momento em que se começa a fazer parte da escola, muito pequenos, os indivíduos começam a participar de uma instituição em que existem regras, e que faz com que se conviva com muitas diferenças. A importância da escola no processo de socialização e de produção das identidades, e das culturas juvenis é importante, porém a escola parece muito distante dos interesses dos jovens. Neste tempo em que as mudanças são muito rápidas e constantes, praticamente diárias, a escola parece permanecer intacta e sólida no meio da fluidez das vivências que ela abriga.

Segundo Dayrell (2007, p.1106),

Para os jovens, a escola mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe.

A importância da escola na construção das juventudes é fundamental visto que é o espaço em que os indivíduos se constituem se percebem e participam nesse período da vida. Apesar de parecer muitas vezes parada no tempo, a escola se constitui no espaço de convivência e de produção social da juventude. No interior dessa instituição podemos perceber diversas formas de se viver e de se perceber no

⁵⁰ Expressão utilizada pelos jovens ao utilizar o aplicativo Foursquare que é uma rede social que permite ao utilizador indicar onde se encontra, e procurar por contatos seus que estejam próximo desse local. Assim, nesse contexto, utilizando o aplicativo, os alunos dessa pesquisa fazem constantes *check in* no Instituto, como eles chamam a escola.

mundo, por esse motivo esta pesquisa se realizará dentro do espaço escolar já que, talvez, a partir dele se possam entender as maneiras de se construir enquanto jovem e assim criar as imagens da juventude.

Mas ainda segundo Dayrell (2007, p.1115),

Assistimos ao desmoronamento dos muros que garantiam uma autonomia das instituições, tornando difícil distinguir o *dentro* e o *fora*, com os contornos cada vez mais tênues. É a mídia que penetra e interfere em todos os espaços institucionais; é a família que se mostra cada vez mais permeável às influências do consumo e seus apelos.

A escola vem sendo permeada por acontecimentos que antes ficavam do lado de fora, que não ultrapassavam os muros dessa instituição e que hoje, cada vez mais, a influência de fatores “exteriores” a essa instituição acabam por fazer parte da formação dos jovens, dos professores e de todos que convivem nesse espaço. É necessário adaptar a escola à mídia, à tecnologia, às inúmeras informações a que somos expostos diariamente.

A partir da década de 1990, com expansão do ensino público, as escolas passam a receber uma quantidade muito grande de estudantes, oriundos de diferentes contextos sociais e que trazem consigo experiências de desigualdade, preconceito, pobreza e exclusão. E que, de certa maneira, trazem para o interior da escola a reprodução da estrutura social excludente, de conflitos e contradições vistos na sociedade levando para a escola novos desafios que precisam ser superados.

Percebe-se que existe ainda, a predominância da representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e os atores⁵¹ juvenis na sociedade. Ainda é comum nas escolas, uma visão da juventude tomada como um “vir a ser”, projetada para o futuro, ou o jovem como sendo egoísta e consumista.

Essas representações, imagens e estereótipos sobre os jovens, que tende a ser visto com falta de perspectiva, como um ser incompleto, irresponsável, faz com que se desconfie deles tornando mais difícil ainda para a escola perceber quem ele é, o que pensa e o que é capaz de fazer, e dessa forma a escola acaba por não

⁵¹ O ator é alguém que representa, que encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Um determinado indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade (SOUZA, 1991).

reconhecer o jovem que existe no aluno e menos ainda compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta (DAYRELL, 2007).

Desta forma, esta pesquisa foi realizada dentro do ambiente escolar no qual estou inserida enquanto professora da disciplina de Sociologia, na tentativa de descrever os jovens no mundo contemporâneo a partir de trabalhos realizados em sala de aula.

Alguns estudos (DAYRELL, 2007; SPOSITO, 1997; ALMEIDA & TRACY, 2003) sobre jovens são realizados no interior da escola, e outros na *noite*, já que esses são os espaços em que a juventude é melhor percebida na produção de sentidos que se relacionem com o mundo.

Durante grande parte do seu tempo, os jovens ocupam o espaço escolar, sendo assim a okupação da escola, com seus corpos, sons e modos de ser.

Okupação com a letra K aparece como indicador das contraculturas juvenis que se desenvolveram a partir dos anos 1970 e que percorreram os países do ocidente. Como práticas da contracultura, por exemplo, está o movimento okupa, também conhecido como movimento squatters⁵². Esse movimento se refere às ocupações ilegais de casas ou de prédios, de espaços de moradia públicos ou abandonados, geralmente feitas por jovens. Nesse sentido, pode-se pensar no K como algo alheio, que vem de fora e que concentrado de significados que caracterizavam seu sujeito como “portador de domínio” (CANEVACCI, 2005, p.40).

Nos anos 1990, o uso da letra k perdeu esse caráter de domínio, produzindo uma ressignificação. Por exemplo, quem veste o k⁵³ é alguém que é alheio, no sentido de que é estranho ao poder da sociedade, está fora das normas, dos partidos e é outro em relação às instituições. (CANEVACCI, 2005) Assim, nesse sentido, entendo que os jovens deste estudo okupam a escola todos os dias. Okupar pode se dar num espaço-tempo sempre em grupos, posto que não parece ser possível uma ocupação solitária. Um ocupar que se dá no trânsito, no entre lugares, nos caminhos, nos interstícios, nas brechas.

⁵² O movimento squatters surgiu na Inglaterra e teve seu ponto alto entre 1969 e 1976, com os hippies. Logo se estendeu para a Alemanha e para a Holanda, onde foram chamados de besetzerse de crackers, respectivamente. Difundiu-se para muitos outros países no final dos anos 1980, sempre estreitamente vinculado aos novos movimentos urbanos.

⁵³ A letra K (maiúscula) utilizada em determinadas marcas, como por exemplo, cK (Calvin Klein) trata-se de um ideograma supra determinado por um forte poder comunicativo. (CANEVACCI, 2005, p.42)

Dessa forma, a escola é okupada todos os dias de diversas formas de ser e de estar, tomando conta dos espaços oferecidos por ela, sendo o local de realização da investigação sobre a juventude que me propus nesse trabalho.

Assim, o contexto em que os dados para as descrições apresentadas a seguir, foram feitos em uma escola pública da cidade de Pelotas. A escola faz parte da Rede Federal de Educação Tecnológica⁵⁴ e tem sua origem em 1917, no prédio abrigava a Escola de Artes e Offícios, que no ano de 1930 passa a ser chamada de Escola Technico-Profissional - instituída pelo município de Pelotas para viabilizar seu funcionamento.

A Escola Técnica de Pelotas (ETP) é criada, em 1942, pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, e inaugurada em 1943 com o início de suas atividades letivas em 1945.

O primeiro curso técnico da ETP foi o curso de Construção de Máquinas e Motores, o qual deu origem ao atual curso de Mecânica Industrial. No ano de 1959, a Escola Técnica de Pelotas passa a ser de autarquia Federal, e em 1965 passa a se chamar Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL).

Em 1994, o então Ministro da Educação, Murílio de Avellar Hingel, encaminhou ao Congresso Nacional a proposta de um Sistema Nacional de Educação Tecnológica e de transformação das Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica. Sendo assim, a transformação da ETFPEL em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas - CEFET-RS ocorre em 1999, o que possibilitou, além da oferta dos Cursos Técnicos de Nível Médio, oferta de Cursos Superiores e de Pós-graduação, com foco nos avanços tecnológicos.

No campus Pelotas, local em que foi realizada a pesquisa, atualmente estão em funcionamento quinze Cursos Técnicos de Nível Médio, cinco Cursos Superiores

⁵⁴ A história da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica começou em 1909, quando o então presidente da República, Nilo Peçanha, criou 19 escolas de Aprendizes e Artífices que, mais tarde, deram origem aos centros federais de educação profissional e tecnológica (Cefets). Tida no seu início como instrumento de política voltado para as 'classes desprovidas', a rede federal se configura hoje como importante estrutura para que todas as pessoas tenham efetivo acesso as conquistas científicas e tecnológicas. Foi na década de 1980 que um novo cenário econômico e produtivo se estabeleceu, com o desenvolvimento de novas tecnologias, agregadas à produção e à prestação de serviços. Para atender a essa demanda, as instituições de educação profissional vêm buscando diversificar programas e cursos para elevar os níveis da qualidade da oferta. Cobrindo todo o território nacional, a rede federal presta um serviço à nação ao dar continuidade à sua missão de qualificar profissionais para os diversos setores da economia brasileira, realizar pesquisa e desenvolver novos processos, produtos e serviços em colaboração com o setor produtivo. (http://redefederal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=51&Itemid=79).

de Tecnologia e uma Engenharia, além de Cursos de Pós-graduação, Formação Pedagógica e Educação a Distância.

O *Campus* Pelotas tem área própria de 40.440m², sendo 48.240m² construídos. A unidade tem 55 salas de aula, 120 laboratórios específicos e 41 oficinas, somando quase 15.000m² de área para o ensino profissional. Para a prática de esportes dispõe de um ginásio coberto, quadras e pista de atletismo com 7.000m² e, ainda, biblioteca, auditório denominado e mais cinco miniauditórios e atende uma média de 4000 alunos por ano.

A escolha dos sujeitos desta pesquisa se deu por eles fazerem parte das turmas com a qual eu trabalhei com a disciplina de Sociologia, no primeiro semestre do ano de 2013. Sendo proposto ao longo da disciplina, trabalhos nos quais eles pudessem relatar suas experiências, além de poder trabalhar com o conteúdo programático estabelecendo relações entre vários aspectos da vida social no tempo contemporâneo, com a experiência individual de cada aluno e nos modos de como eles se percebem enquanto jovens nesse tempo.

Assim, a proposta foi que ao longo de um semestre estes alunos relatassem o seu dia a dia e o modo como se percebem, de maneira que cada aluno teve a tarefa de escrever, a partir de algumas propostas de trabalho, o seu olhar sobre sua experiência com o mundo.

Nesta pesquisa, foram propostos cinco trabalhos que dessem conta de recolher os dados para o trabalho e que também contemplasse a avaliação da disciplina de Sociologia. Sendo assim, os trabalhos foram realizados pelos meus alunos dos cursos técnicos integrados de Eletrônica das turmas da manhã e da tarde, do segundo semestre, que somavam 81 alunos; para os alunos segundo semestre do curso de Comunicação Visual da turma da manhã, que eram 25 e para os alunos do quinto semestre do curso de Técnico em Química que totalizavam 17 alunos.

A seguir, descrevo os caminhos metodológicos utilizados nesta pesquisa bem como se deu a construção dos instrumentos que me permitiram descrever esta juventude no tempo que estamos vivendo agora a partir de uma pesquisa qualitativa com inspiração etnográfica (PEREIRA, 2011).



5 CAMINHAR COM A JUVENTUDE: A ETNOGRAFIA COMO INSPIRAÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever outros olhares sobre a vida cotidiana dos jovens a fim de saber como eles se sentem no tempo contemporâneo. Dessa forma, este texto parte do pressuposto da pesquisa qualitativa, que, segundo Angrosino (2009), visa identificar o mundo “lá fora” e entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais “de dentro”, de diversas maneiras diferentes. As abordagens qualitativas têm em comum o fato de buscarem detalhar a maneira como as pessoas constroem o mundo ao seu redor e o que estão fazendo ou lhes acontecendo, em termos que tenham sentido e possam oferecer uma visão enriquecedora sobre o objeto pesquisado.

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes a partir do final do século XIX, quando os cientistas sociais começam a questionar o uso dos métodos de investigação das ciências naturais como modelo de investigação para as ciências sociais, para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. Essa abordagem qualitativa de pesquisa tem suas bases na fenomenologia que considera os aspectos subjetivos do comportamento humano e sugere que é preciso entrar no universo conceitual dos sujeitos para compreender os tipos de sentidos que estes dão aos acontecimentos e interações que acertam sua vida social diária.

A investigação qualitativa em educação surge principalmente com as origens antropológicas da Escola de Chicago, começando com Franz Boas e sua contribuição para uma antropologia interpretativa, bem como o seu conceito de cultura, já que ele era um relativista cultural acreditando assim que cada cultura deveria ser estudada de forma indutiva. Já Malinowski, que passou grande período de tempo em uma aldeia nativa para observar seu funcionamento, já que a Guerra Fria o impediu de retornar aos Estados Unidos, ficando assim na Nova Guiné, insistia que a teoria da cultura deveria se basear em experiências humanas particulares e na observação, e ser constituída indutivamente. (BOGDAN & BIKLEN, 1994)

Existem várias formas de recolher dados nas pesquisas qualitativas, uns os recolhem através de vídeos, fotografias, documentos, outros com entrevistas, comunicação com alunos, com professores.

Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa possui cinco características: (1) na investigação qualitativa a fonte de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; (2) a investigação qualitativa é descritiva; (3) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; (4) os investigadores qualitativos tendem a analisar seus dados de forma indutiva; (5) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Ao definir a juventude como tema desta pesquisa, o caminho metodológico para a descrição que me interessa precisava de uma metodologia que abrangesse a descrição a partir de um olhar sensível, que não partisse da referência da adultez, mas sim do olhar do próprio jovem sobre ele mesmo.

Dessa forma, realizar um estudo de caso de inspiração etnográfica se aproximou como possibilidade de buscar essa descrição. Sendo assim, esta pesquisa parte da investigação qualitativa, com inspiração antropológica etnográfica que estuda a cultura e a sociedade. Etimologicamente, etnografia vem do grego, *ethno* – outros povos e, *graphein* - descrição, então “descrição cultural” é um significado atribuído a esse tipo de pesquisa.

Para os antropólogos, a etnografia possui dois sentidos: (1) é um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, crenças práticas e comportamento de um grupo social; (2) um relato escrito resultante do uso dessas técnicas de coleta e se necessário revendo as questões que orientam a pesquisa, procurando novos sujeitos e revendo a metodologia no desenvolver do trabalho. A flexibilidade é uma característica desse tipo de pesquisa (ANDRÉ, 2008).

A pesquisa etnografia ainda tem outras características como: a ênfase no processo, no que está acontecendo e não no resultado final, além da preocupação com o significado que os sujeitos dão as suas vivências, a maneira própria como as pessoas veem a si mesmas e as suas experiências e o mundo ao qual elas pertencem. Dessa forma, o etnógrafo deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes.

A etnografia envolve trabalho de campo, parte da descrição e da indução. O pesquisador se utiliza de grande quantidade de dados descritivos, situações, pessoas, diálogos, lugares, ambientes, depoimentos, entrevistas, conversas, enfim, a pesquisa etnográfica pressupõe uma descrição detalhada dos acontecimentos, seja essa descrição uma reconstrução do pesquisador sobre suas observações ou

descrições literais. O que esse tipo de pesquisa pretende é a descoberta de novos ou outros conceitos, novas ou outras relações e formas de entendimento do mundo, da realidade social.

O etnógrafo se encontra diante de diversas formas de interpretação da vida, do mundo e de compreensão do senso comum, de significados variados atribuídos pelos sujeitos participantes da pesquisa sobre as suas experiências e vivências e dessa forma tenta mostrar, através de suas pesquisas, esses múltiplos significados ao leitor.

Segundo Wax, concordando com Geertz, a tarefa do etnógrafo consiste na aproximação gradativa ao significado ou a compreensão dos participantes, isto é, de uma posição de estranho o pesquisador vai chegando cada vez mais perto das formas de compreensão da realidade do grupo o qual ele está participando e estudando, tentando entender e descrever os significados (ANDRÉ, 2008).

Segundo Geertz (1989, p.15),

(...) o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.

Assim, procurando os significados e as imagens de se ser jovem no tempo contemporâneo, utilizei a pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso de inspiração etnográfica, já que esse tipo de pesquisa pode nos revelar diversos olhares sobre o mundo a partir do olhar do sujeito investigado e dos significados que ele atribui ao mundo ao seu redor.

Porém, a etnografia vai muito além das explicações aprendidas nas ciências sociais e nos manuais de pesquisa que busquei para construir uma possibilidade de investigação que atendesse os objetivos deste trabalho.

Assim, além de procurar e ler muitos trabalhos que explicassem os processos da etnográfica como fonte de inspiração, também li alguns textos etnográficos para tentar compreender como se dava o processo de construção de uma pesquisa etnográfica. Dessa maneira, me deparei *lá pelas tantas*⁵⁵ com um texto que dizia que “a pesquisa é um exercício de captura do outro” (PEREIRA, 2011, p. 54) e que no

⁵⁵ Expressão coloquial utilizada no Estado do Rio Grande do Sul, e talvez em outros Estados, no sentido de: “até que em um determinado momento”.

caso dessa pesquisa que trabalha com juventude, eu precisava uma maneira de capturá-los evitando qualquer tipo de engessamento dos jovens que eu pesquisei. E ao iniciar a leitura de Massimo Canevacci, logo no início do seu livro *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles* (2005) me deparei com uma trecho que ilustrou o meu sentimento de capturar sem prender.

Diz ele:

O método é uma gaiola enferrujada que pré-criou e encerrou seus sujeitos, organizando-os em objetos puros dos quais extrair regras, leis, previsões, tipologias, prescrições e tratamentos. (...) Não existe uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja possível de resumir a um número, a um código ou a uma receita. (CANEVACCI, 2005, p. 8)

Assim, apesar de ter sido acadêmica do Curso de Ciências Sociais, ainda não me sentia a vontade para me dizer inspirada pela etnografia, já que a sensação permanente de não estar apropriada dos conceitos e dos métodos para realizar um estudo desta complexidade. Sentia-me perdida em meio há tantos livros, textos, manuais e etnografias.

Então, como fez Pereira (2011) achei interessante dizer que este estudo é qualitativo, um estudo de caso com inspiração etnográfica. O que não significa uma falta de rigor metodológico, mas um cuidado com a etnografia e com as imersões que precisei fazer junto aos jovens na busca de significados que a juventude que eu pesquisei atribuía ao seu estar no mundo. A opção pelo estudo de caso deve-se por compreender que os modos de ser jovem de meus sujeitos estão inscritos num local muito particular, o IFSul e que não tive o tempo necessário para produzir uma descrição densa como uma etnografia exigiria.

Outro aspecto que considero relevante é a forma de descrever e analisar os dados coletados. Ao final de um semestre havia muitos, para os quais eu olhava com sentimento de vazio (apesar de estar cheio de histórias, sentidos e significados), e então precisei mais uma vez voltar para leituras que pudessem me fazer pensar um modo de começar a escrita.

Nesse contexto de insegurança me encontrei com Clifford Geertz (2008), em seu livro *A Interpretação das Culturas*, que já no primeiro capítulo explica o fazer do antropólogo e da etnografia na tentativa de interpretar as culturas a partir de uma descrição densa.

Para ele, em antropologia ou em antropologia social o que os praticantes fazem é a etnografia, e entender o que é etnografia, ou mais especificamente, o que é a prática etnográfica, que se pode começar a compreender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento.

Assim, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, mas o que a define é o tipo de esforço intelectual que ela representa: a elaboração de uma descrição densa, que é o objeto da etnografia. (GEERTZ, 2008, p.15).

A descrição densa é entendida como uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em que a análise vai escolher entre as estruturas de significação, já que os dados, segundo Geertz, são a nossa própria construção das construções de outras pessoas, como acrescentou Pereira (2011), capturando o outro.

Dessa maneira, a etnografia é uma descrição densa e o etnógrafo enfrenta uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, sobrepostas, amarradas umas as outras, estranhas a ele, irregulares e inexplicáveis, e que ele precisa de alguma forma entender para depois apresentar.

Segundo Geertz, fazer etnografia é:

Como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura” de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2008, p.20)

Para isso, é preciso saber que essa leitura parte do significado de cultura, para Geertz, ela é pública, composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento. Consiste em estruturas de significado que são socialmente estabelecidas e cabe a antropologia o alargamento do universo do discurso humano.

Assim, a cultura é semiótica⁵⁶ e compreender a cultura de um povo, apresentar a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade. Isso significa que descrições das culturas devem ser feitas em termos de construções imaginativas

⁵⁶ Ciência geral dos signos e da semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de significação.

que fazemos sobre elas, sendo assim, devem ser encaradas como interpretações criadas pelo autor a partir das descrições feitas por ele. Isso significa que é preciso compreender que existe uma linha entre o modo de representação e o seu conteúdo substantivo da descrição que o etnógrafo faz.

*Antropólogos não estudam **as** aldeias, mas sim **nas** aldeias* (GEERTZ, 2008). É possível estudar coisas diferentes em lugares diferentes, então, neste trabalho pesquisei os jovens na escola, a fim de tentar descrever e talvez interpretar suas possibilidades de ser que possam construir imagens que sejam descritas a partir do que eles pensam, dizem e produzem, com uma sensibilidade que possibilitasse pensar não apenas realista e concretamente a juventude, mas sim, criativamente e imaginativamente com eles.

5.1 Os objetivos, sujeitos e atividades da pesquisa

Então, tendo como questão Quais as imagens sobre os modos de ser jovem são produzidas pelos jovens que estudam no IFSul? Cujo objetivo era o de descrever imagens de juventude produzidas pelos próprios jovens, esta pesquisa iniciou seu trajeto.

Para dar conta da descrição das imagens da juventude que este trabalho se propôs, foi necessário pensar quem seriam os jovens e como seriam capturadas as imagens de suas realidades e os modos de ser jovem dos sujeitos escolhidos.

Visto que, como professora da disciplina de Sociologia no Instituto, eu tinha contato com jovens que estavam cursando o ensino técnico integrado na escola, a escolha dos sujeitos não foi uma tarefa difícil, já que das sete turmas com as quais eu trabalhava no primeiro semestre de 2013, três eram do curso de Ensino de Jovens e Adultos, e as outras quatro de adolescentes que estavam frequentando o ensino médio em idade regular. Dessa forma, os alunos das turmas dos cursos técnicos em Eletrônica, Comunicação Visual e Química, se encaixavam na categoria juventude, já que eram adolescentes de 14 a 18 anos. Sendo assim, os alunos dessas quatro turmas seriam os sujeitos jovens, segundo a faixa etária que se utiliza para definir juventude (SPOSITO & CARRANO, 2003) a serem pesquisados.

Os alunos de três turmas cursavam o segundo, e no outro curso, os alunos estavam no quinto semestre. Duas turmas eram de alunos do Curso Técnico Integrado de Eletrônica, turma da manhã, (TRO2M) e turma da tarde, (TRO2V), e estavam fazendo a disciplina de Sociologia II, como eu havia sido professora deles no semestre anterior, a chegada nessas turmas foi mais fácil, já que todos nós nos conhecíamos. Essas duas turmas também se caracterizavam pela quantidade de alunos, eram as duas maiores, sendo a turma da manhã composta por 42 alunos e a turma da tarde por 39.

O Curso Técnico Integrado de Comunicação Visual (CVI2M) era o curso relativamente novo e que o currículo já tinha sido alterado para atender a Lei 11.684 que inclui as disciplinas de Sociologia e Filosofia como disciplinas obrigatórias nos três anos do ensino médio. Então, esse curso possui na sua grade curricular 4 semestres com a disciplina de Sociologia e 4 com a de Filosofia. Nessa turma, os alunos estavam no primeiro semestre em que a disciplina de Sociologia é trabalhada, portanto, o conteúdo era diferente dos demais devido a divisão por conta dos 4 semestres. Essa turma tinha 24 alunos e estavam no segundo semestre do curso, além de ser a segunda turma de Comunicação Visual do IFsul. Nessas três turmas os alunos eram mais novos, na faixa etária que compreendia idades de 14 até 16 anos, já que estavam cursando o que equivaleria ao primeiro ano do ensino médio.

Já no curso Técnico Integrado em Química (QUI5V), os alunos estavam cursando o que seria equivalente ao terceiro ano do ensino médio, então a faixa etária dessa turma era maior do que a dos demais alunos, regulando entre 16 e 18 anos. Essa turma tinha 17 alunos, e na metade do semestre um deles desistiu, ficando então com 16 alunos. Nesse curso a disciplina de Sociologia, bem como a de Filosofia, estava presente em apenas um semestre do curso que tem oito semestres, então com o tempo de 2 horas aula por semana, era necessário dar conta das dez unidades de que era composto o conteúdo da disciplina.

Nas turmas de CVI2M e QUI5V, eu não conhecia os alunos, porém a chegada nessas duas turmas foi muito tranquila, como já havia sido nas duas turmas de TRO2.

Nas duas primeiras semanas de aula do primeiro semestre de 2013, eu na condição de professora da disciplina, expliquei o que seria o conteúdo de Sociologia em cada uma das turmas. Nas turmas do curso de eletrônica, coincidentemente o

primeiro conteúdo a ser trabalhado na disciplina era Cultura e as diversas abordagens sobre o tema, o que facilitou o desenvolvimento das atividades ao longo do semestre. Já nas outras duas turmas, o conteúdo a ser trabalhado era diferente, ambos começando pelos clássicos da Sociologia, Marx, Weber e Durkheim, então era necessário que o semestre não ficasse somente em torno da elaboração dos trabalhos que seriam necessários para a descrição das juventudes contemporâneas, ou melhor, dessa juventude.

Porém, ainda era necessário pensar propostas que pudessem dar oportunidade dos jovens se descreverem e de se expressarem de uma forma que fosse possível criar uma descrição que contasse um pouco mais sobre essa juventude.

Assim, cinco atividades foram pensadas, em conjunto com a minha orientadora, para que a partir de temas do cotidiano da juventude como: a relação com a família, amigos e escola, bem como com a tecnologia, a música, a religião, a sexualidade, o consumo, possibilitassem a construção um texto com inspiração etnográfica que descrevesse um pouco da cultura desses jovens. A escolha desses temas como eixos para a elaboração dos instrumentos de coleta desta pesquisa teve a ver com o que a literatura que trata de juventude relata em pesquisas e publicações relacionadas aos jovens (SPOSITO, 1993, 1997; DAYRELL, 2001, 2003, 2007, VELHO, 2006; ABRAMO, 1997; PAIS, 2006).

Então, cinco propostas foram pensadas a fim de dar conta da coleta de dados para a descrição dos modos de ser jovem neste tempo, são elas: um CD, colagens sobre o consumo, um diário de final de semana, fotografia + texto e, por fim, um documentário.

Na atividade um, a entrega do CD, a proposta era que os alunos gravassem as músicas que eles escutavam, dançavam e gostavam, assim, a ideia desse trabalho era que o aluno gravasse um CD com as músicas que ele costumava ouvir, as que gostavam e as músicas que ele dançavam. Junto do CD, o aluno deveria entregar uma lista com a ordem das músicas gravadas, contendo nome e banda/cantor/ autoria.

Na atividade dois, foi proposto aos alunos que eles realizassem uma colagem em sala de aula com a ideia de colocar os seus desejos no papel, colando os seus consumos diários e os seus desejos de consumo a partir do questionamento: O que consumiríamos se o dinheiro fosse infinito? Para a realização dessa atividade, foi

pedido aos alunos que levassem para a sala de aula revistas, imagens, desenhos e até mesmo palavras, que dessem conta da proposta de trabalho.

Na atividade três a proposta era a escrita de um diário de final de semana, a ideia dessa atividade era que os alunos contassem o seu final de semana. Partindo de perguntas como: O que tu fazes na internet? Que programas acessas e que tempo permaneces nesta? Que *sites* tu visitas? O que tu compartilhas no *Facebook*? Quantas horas tu dormes? E tu saís com teus amigos? Vais para festas? Vais tomar um chimarrão, na praia, na Av. Dom Joaquim? E com a tua família, tu fazes alguma atividade? Quantas horas tu dedicas a cada atividade?

No diário de final de semana os alunos deveriam contar, com a maior riqueza de detalhes as suas atividades. Além das descrições os alunos poderiam utilizar imagens que ilustrassem as atividades que eles realizavam, além de letras de músicas e o que porventura eles pensassem ser importante para a descrição dos seus dias no fim de semana.

A atividade quatro foi chamada de fotografia + texto e a ideia deste trabalho era que o aluno pudesse mostrar através de fotografias e pequenos textos que retratassem a rotina na sua casa e que explicasse estas tarefas das quais eles eram responsáveis com imagens que tivessem sentido.

A última atividade proposta para os alunos foi a única que poderia ser realizada em grupo, sendo assim, cada grupo deveria fazer um documentário sobre o tempo na escola. Como o grupo via a escola? Para isso, os alunos precisaram se organizar em grupos de afinidades, escolhidos por eles e com no máximo 6 componentes, para criar um roteiro que mostrasse a sua percepção do ambiente escolar, já que é o lugar em que eles passam boa parte tempo. A partir do roteiro, cada grupo gravou um documentário que retratou a maneira como o grupo via a escola e se percebia dentro dela.

Apresentadas aos alunos as propostas de avaliação, que também eram os instrumentos de coleta desta pesquisa, ainda era preciso que eles entendessem que os materiais seriam utilizados com esse fim, por isso além de explicar cada atividade, foi preciso saber se eles aceitavam fazer parte da pesquisa enquanto sujeitos pesquisados. Dessa forma, cada um dos alunos assinou um termo de consentimento livre e esclarecido de que os trabalhos feitos por eles e entregues a mim seriam utilizados como substância essencial na construção deste texto. Do total de alunos, apenas uma aluna não me autorizou a utilizar os trabalhos que ela

entregou, sendo assim, recebi como forma de avaliação, mas eles não contaram no corpus da descrição feita a seguir.

As três primeiras atividades foram entregues na segunda semana de aula para que os alunos pudessem se organizar nas entregas, já que isso equivaleria à nota da primeira etapa⁵⁷ do semestre. As atividades tinham datas marcadas previamente, mas sempre com a possibilidade de negociação do prazo caso os alunos sentissem necessidade, já que paralelamente à pesquisa, como professora ainda precisava dar conta do conteúdo da disciplina. As outras duas atividades englobavam a nota da segunda etapa e foi entregue aos alunos na metade do semestre, com um prazo bem alargado para que eles pudessem realizar as propostas.

A realização das atividades nas turmas durou os quatro meses que compreendem o semestre letivo na escola, nesse caso o primeiro semestre do ano de 2013 que iniciou no final de março e terminou no fim de julho.

A partir de agora, conto como se deu a produção dos trabalhos e os atravessamentos que este tema me causou enquanto pesquisadora, além de tecer a análise de cada uma das atividades.

⁵⁷ O semestre na escola é dividido em duas etapas: os dois primeiros meses compreender a primeira etapa e os outros dois meses, a segunda.



6 CONTANDO, DESCREVENDO, ANALISANDO

Apresentados os trabalhos aos alunos, foi preciso saber como eles receberiam as ideias propostas. Inicialmente, houve certa resistência e um não entendimento da intenção das propostas como trabalhos avaliativos. Na percepção deles, “não tinha a ver com Sociologia”. Então expliquei os motivos que me levaram a realizar tais propostas de trabalho. Mas a resistência se dava quando eles entendiam as propostas como uma imposição e, então, a partir do momento em que negociações de datas e conversas - esclarecendo a intenção das tarefas - foram acontecendo no decorrer das aulas, parece que a resistência de contar de si nos trabalhos foi diminuindo e realizar as atividades não seria de todo ruim como pensavam inicialmente. A resistência deu-se principalmente naqueles trabalhos em que os alunos deveriam contar o seu final de semana e mostrar suas rotinas diárias em casa a partir de fotografias. Estranhei as reivindicações sobre a necessidade de contar o que eles faziam, já que a exposição da rotina dos alunos parecia-me normal devido ao uso intenso das redes sociais por estes jovens.

Percebi que era uma intrusa, uma estranha, uma adulta querendo saber da vida deles. Então a dificuldade não era contar e mostrar o que eles faziam, mas sim contar para mim, afinal eu era professora e isso poderia causar algum constrangimento.

A atividade da gravação do CD, foi recebida com mais entusiasmo e a principal pergunta, em todas as turmas, era: Mas eu só preciso gravar um CD? E a resposta era: Sim, vocês só precisam gravar um CD com as músicas que gostam, ouvem e dançam e fazer a lista com os títulos das músicas e nome dos intérpretes. Essa atividade foi empolgante tanto para eles quanto para mim, e fez com que me aproximasse dos alunos enquanto professora e pesquisadora.

À medida que as atividades eram realizadas, cada vez mais me aproximava da juventude com olhares que ficaram desprendidos dos textos que já tinha lido sobre o tema. As ideias *a priori* que me acompanhavam foram ficando cada vez mais distantes, já que a realidade que se apresentava era diferente das estudadas antes da pesquisa. Então, rebeldia, violência, irresponsabilidade, eram categorias que estavam passando longe dos meus olhos cada vez que me aproximava dos alunos e dos trabalhos que eles entregavam.

O dia de entrega dos CD's foi um verdadeiro alvoroço, com muitas expectativas por conta dos alunos, dos colegas e minha. Era a primeira atividade que eu receberia em mãos e que logo mais serviria na tentativa de descrever uma juventude que parece ser diferente das juventudes que eu estudei até chegar naquele momento. A euforia para saber que músicas cada um havia colocado no CD era grande e isso tomou mais de uma aula, já que as capas dos CD's foram confeccionadas, as músicas escolhidas com tanta dificuldade, segundo o relato dos alunos, em função da imensidão de sons que ouvem. Ao gravar os CD's, parece que muitos deles começaram a pensar sobre si, já que tiveram que escolher músicas que os representassem.

Minha dificuldade foi saber como interpretar essas músicas e as demais atividades em um texto acadêmico, já que tenho certa dificuldade na escrita rigorosa, como a academia requer.

Ao final da entrega dessa atividade, havia mais de 100 CD's, com mais de duas mil músicas gravadas ao total, que precisavam ser organizadas e pensadas de forma que pudessem ser analisadas mais tarde.

Assim, as aulas foram passando e as entregas de atividades começaram a se tornar dias de muita expectativa, tanto para mim, quanto para os alunos.

Para as colagens, havia planejado o tempo de duas horas aula em cada turma, porém ao iniciar essa atividade percebi que esse tempo não seria o suficiente, já que os alunos de maneira geral gastaram muito tempo procurando imagens que representassem seus desejos de consumo. Assim, duas horas aula, foram transformadas em quatro ou até mesmo seis períodos nas turmas com maior número de alunos, como no curso de eletrônica. Essa atividade fez com que os alunos interagissem, conversassem e aproximassem-se geralmente com assuntos que se relacionavam à confecção do trabalho. Interessante foi a maneira como praticamente todos se comportaram ao desenvolver essa atividade em sala de aula, já que a procura pelos itens que eles consumiam, resumia-se a comida, tênis e celulares, portanto, na avaliação deles, o que eles consumiam era pouco perto do que eles desejavam se o dinheiro fosse realmente infinito.

A cada dia em que as atividades desenvolviam-se, a interação entre os alunos aumentava, bem como a relação deles comigo estreitava-se cada vez mais.

Conquistei a confiança para que a entrega dos diários fosse uma tarefa menos dolorosa⁵⁸, para eles.

Os alunos foram “presenteados” por mim com cadernos nos quais eles confeccionariam os seus diários e assim poderiam fazer com eles o que achassem melhor. A maioria chegou personalizada, mostrando um pouco do seu escritor começando pelas capas.

As escritas dos diários tiveram seus prazos estendidos e, sem dúvida, foi a atividade que pareceu ser mais difícil de ser realizada. A ideia de contar um final de semana por ora parecia ser inútil, no sentido de “o que ela vai fazer com isso?” por outras era uma possibilidade de desabafar. A assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido criou certa confiança de sigilo sobre o que apareceria nos diários, já que eu me comprometi a mostrar somente o que tinha sido autorizado por eles, como no caso dos vídeos.

Surpreendentemente, alguns alunos acabaram expondo suas vidas de maneira muito intensa na escrita dos seus diários. Tamanha a densidade de histórias e revelações que os diários trouxeram, optou-se que eles não fizessem parte da descrição que esta pesquisa se propôs, primeiro porque o tempo é relativamente curto para uma descrição densa das categorias que pudessem surgir na escrita sobre os diários. Se eu li os diários? Sim, li todos os diários e foi com esse trabalho que o desafio maior dessa pesquisa surgiu para mim enquanto pesquisadora.

Já foi dito o quanto eu ainda me percebo jovem e que eu compreendo juventude como uma das diversas maneiras de fazer parte do mundo. Acontece que, no papel de pesquisadora e nesse caso de professora dos meus sujeitos, a entrega dos diários revelou uma situação com a qual eu não havia tido experiência até então. Foi tão forte a ligação com a maioria dos alunos que parei de escrever, ou melhor, nem comecei a escrever. Minha relação com a maioria dos alunos mudou depois das entregas dos cadernos. A movimentação na sala dos professores era intensa e sempre procurando por mim para saber o que eu pensava sobre o que tinham me contado nos registros dos seus finais de semana. Acabei por entrar em um espaço que me colocou para além de professora, mas fez com que eu penetrasse como mais uma jovem que fazia parte daquele grupo de jovens.

⁵⁸ Dolorosa no sentido de que uma professora saberia coisas muito íntimas das suas vidas.

Essa sensação de pertencimento fez com que eu me sentisse na obrigação de dar conta de todas as necessidades que alguns de meus alunos tinham com relação a suas famílias, namoros, colegas, enfim, em praticamente todos os espaços das suas vidas. Assim, o distanciamento necessário para começar a escrever e descrever a juventude foi inundado de outras coisas das quais eu não poderia nem ignorar e nem deixar invadir-me. A cada dia as demandas pareciam aumentar, e eu me sentia cada vez mais responsável em participar de tudo isso, já que eu havia mobilizado nesses alunos.

Assim, ainda restavam duas atividades a serem realizadas e a relação com os alunos olhando-os do mesmo lugar deles era mais forte e me desprender de tudo isso foi cada vez mais difícil.

Então a atividade fotografia+texto começou a chegar e na mesma intensidade com que os diários descreverem os finais de semana, as fotos mostravam olhares sobre eles mesmos e uma reflexão sobre suas responsabilidades enquanto jovens.

Ainda restava o documentário, que também sofreu um pouco de resistência já que exibiam imagens deles dentro da escola. A gravação dos documentários movimentou os grupos e as quatro turmas envolvidas esforçaram-se para em no mínimo 5 minutos e no máximo 15, mostrar como era estar na escola e como eles se percebiam nesse ambiente. A resistência do início se transformou em compartilhamentos em algumas redes sociais como o *You Tube*⁵⁹ e o *Facebook*.

Mas ao término do semestre, minha expectativa era de que eu pudesse distanciar-me para começar a escrita acadêmica sobre o objetivo de pesquisa proposto.

Assim, não estudei os jovens, mas estudei com os jovens, me aproximando cada vez mais do sentimento de juventude que vive em mim colocando-me, muitas vezes no mesmo lugar em que eles estavam. Porém, precisava me afastar de todo o “apaixonamento” exagerado que eu construí ao longo desse caminho, assumindo o papel de pesquisadora ao invés de ser mais uma participante dessa cultura.

Mas não foram somente os trabalhos que me aproximaram dos jovens alunos que fizeram parte da investigação. No tempo em que vivemos estar em rede é

⁵⁹ YouTube é um *site* que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital.

praticamente uma necessidade básica. Então, participar das redes sociais que eles utilizam intensificou todo esse processo de estar junto deles.

Assim, afetos foram criados e ultrapassaram os limites entre professora/pesquisadora/jovem/amiga/aluna. Fazer parte de outros espaços os quais eles pertencem, não só o da escola, colocou-me em contato com muitas outras maneiras de olhar e estar no tempo agora.

A maneira de me vestir (e me visto), o jeito de falar, as interações e as (con)vivências de estar com os jovens e entre eles, de certa maneira atrapalhou a descrição sobre os objetos da pesquisa, logo após a coleta dos dados que dariam o fôlego e o ritmo de uma escrita inspirada pela etnografia, ainda que em um estudo de caso.

Foi preciso um longo tempo, de angústias e solidão, para que eu pudesse me colocar no papel de observadora de uma cultura que parece precisar de muitas descrições, a fim de possibilitar algumas outras, mesmas ou novas imagens de juventude.

Agora, era preciso tentar construir uma teoria que emergisse da descrição densa da cultura juvenil, dessa cultura jovem, nesse contexto, nesse tempo que abrangesse interpretações dos dados coletados não pela visão de um adulto, mas o mais próximo possível do que os próprios jovens descreveram do que é estar nessa condição.

Citando Geertz, vale lembrar que:

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros de que você não está encarando de maneira correta. Mas essa é a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas (...) não há conclusões a serem apresentadas; há apenas uma discussão a ser sustentada. (GEERTZ, 2008, p.39)

Nessa perspectiva antropológica, lembrando que a ideia desta pesquisa não é responder às questões profundas, mas sim colocá-las à disposição, na tentativa de uma interpretação da uma cultura dos jovens pesquisados, a fim de descrever suas imagens, começo agora a descrição de cada atividade realizada, com o intuito de, a partir de cada uma delas e a partir das narrativas postas nos trabalhos, criar possibilidades de significação dos modos de ser jovem no tempo contemporâneo. As

descrições foram escritas a partir da totalidade dos trabalhos, na tentativa de descrever as percepções gerais de cada atividade.

São descritas a seguir, quatro atividades das cinco propostas, já que os diários acabaram sendo uma atividade que demandaria um tempo muito maior para a leitura e interpretação dos 120 cadernos entregues pelos alunos e assim fazer uma descrição detalhada do que eles nos dizem. A ideia é que eles sejam utilizados para a continuação desta pesquisa em outro momento.

6.1 Apresentação e análise dos CDs: Que músicas tu escutas?

Para descrever a juventude pesquisada neste trabalho, foi necessário pensar atividades das quais os jovens conseguissem se descrever e expressar suas percepções de mundo. Ao longo da história, principalmente a partir dos anos 50, a música sempre esteve ligada à juventude como modo de expressão e de identificação. Para começar a pensar os jovens foi preciso que eles mostrassem sua relação com as músicas que eles escutam, gostam, dançam e ouvem.

Dessa forma, a primeira proposta foi a de identificar os gêneros musicais que fazem parte do dia a dia dos jovens pesquisados.

Logo aos chegar às turmas com as propostas de atividades e explicá-las detalhadamente inúmeras vezes, já que os alunos pareciam querer uma explicação mais consistente do porquê na aula de Sociologia eles falariam deles através de seus trabalhos, as atividades propostas começaram a fazer parte do dia a dia em todas as turmas, seja pela dúvida constante que elas geraram, ou pela exibição do material produzido para os colegas.

Ouvi ao longo das primeiras semanas a seguinte frase: não acredito que vamos ganhar nota por entregar um CD com músicas, já que ter a nota necessária para ser aprovado na disciplina parecia mais importante do que o conhecimento que eles pudessem adquirir ao longo da disciplina.

Com a simples proposta que perguntava: que músicas tu escutas? As próximas semanas foram cheias de novidades musicais.

Então, além da clássica pergunta: quanto vale entregar o CD? Todas as outras perguntas se relacionavam ao trabalho em si. Perguntas do tipo: que músicas

eu posso colocar? Pode *rap*? Pode música internacional? Pode *Funk proibidão*⁶⁰? Sim, disse eu, pode tudo o que vocês quiserem colocar, o importante é que vocês se identifiquem com as músicas que vocês escolheram.

Apesar de ter pedido a atividade separadamente para cada turma, a proposta se espalhou rapidamente pelo Caldeia⁶¹, fazendo com que praticamente todos os alunos que frequentavam esse prédio e que não eram meus alunos começassem a se interessar pela ideia.

Assim, como observei sempre ao andar pelos corredores da escola, percebi uma troca entre os meus alunos, e também outros movimentos me chamaram a atenção: geralmente existe uma rivalidade⁶² entre os cursos, começando pela atividade do CD, percebi que eles passaram a relacionar-se se identificando dizendo: “eu faço Sociologia com a Livian”.

Que a música tem o poder de unir pessoas é quase um consenso, principalmente os jovens, como já dito no capítulo 2 dessa dissertação, já que podemos associar algumas transformações aos movimentos jovens que de uma maneira ou outra se vinculavam à música.

Nos corredores da escola também percebi a utilização constante dos aparelhos celulares para a reprodução de músicas, enquanto percorrem os corredores em busca da sua sala de aula, e além dos corredores, fones de ouvido, aparelhos eletrônicos invadem cada vez mais as salas de aula. No caso dos meus alunos, além das músicas nos fones de ouvido, o acesso a internet está praticamente em todos os smartphones que eles levam junto de si, como se fosse parte que integrasse o todo do corpo, já parece uma extensão de seus corpos e raramente, algum aluno não tinha um aparelho junto de si. Assim, conectados à internet e com a proposta de escolher músicas para o trabalho de Sociologia, as aulas foram invadidas de diversos tipos de som, cada classe um som, um grupo, uma identificação.

⁶⁰ O proibidão é uma vertente do funk que explora de forma demasiadamente explícita os temas da violência e do crime – inclusive com narrativas sobre os conflitos entre traficantes nas favelas, elogios a facções ou traficantes, exaltação do poder bélico de determinadas comunidades etc. – ou da sexualidade/erotismo, muitas vezes narrando, sem nenhum pudor, situações eróticas vividas ou desejadas pelos intérpretes. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-bom-e-o-feio-funk-proibidao-sociabilidade-e-a-producao-do-comum-de-ecio-p-de-salles/>

⁶¹ Prédio em que os alunos assistem às aulas da formação geral (que compreende as disciplinas do ensino médio), que foi nomeado em homenagem ao professor.

⁶² Rivalidade no sentido de história do curso e que é acirrada quando acontecem os jogos escolares chamados Intercursos.

Assim, munidos da proposta de trabalho, celulares, internet e You Tube começou a seleção musical que embalaria os próximos meses da escrita dessa pesquisa, afinal, no total de CD's, a soma das músicas e dos ritmos passaram de mil sons diferentes.

Começam as primeiras dificuldades dos alunos: “sora, porque só 15 músicas?” “Isso é muito pouco, eu gosto de muitas mais” – olha - disse eu, escolham as preferidas de vocês. “ah sora! É muito difícil...”.

É então que eu começo a mostrar alguns vícios que me acompanham desde as Ciências Sociais nas pesquisas, e comecei a tentar prever o que os alunos iriam colocar nos CD's, eu precisava de hipóteses.

Tentei ao máximo me desprender de imagens construídas por alguns dos trabalhos que eu li para compreender como a juventude foi se transformando em categoria analítica e, claro que muitas vezes eu pensei: “só vou ouvir *funk*”.

Com a chegada das datas de entrega dos CD's, que aconteceriam na mesma semana já que entreguei antecipadamente a proposta, com vistas de uma melhor organização tanto da disciplina como da coleta dos dados dessa pesquisa, comecei a receber os discos.

Já estava embalada pelas canções compartilhadas em sala de aula, começou então a trilha sonora com a qual eu conviveria ao longo dos meses, e para a minha surpresa, não era só *funk*⁶³.

Então a primeira semana de maio de 2013 estava cheia de trilhas sonoras.

Durante a entrega dos discos, principalmente na turma da Comunicação Visual, a expectativa - além das músicas que estavam gravadas no CD – eram as capas, e as capas foram um *show* a parte. Nas outras turmas o cuidado com a apresentação das capas do trabalho não foi a grande preocupação, principalmente por serem turmas com maior número de meninos, que pareciam querer mostrar mais os seus gostos musicais do que a capa que envolveria o CD. Cabe aqui dizer, que mesmo não tendo um olhar sobre gênero durante a elaboração das atividades, é possível perceber que os próprios alunos fizeram certa divisão entre meninos, meninas e homossexuais, então a entrega dessa atividade ultrapassou a escolha das músicas que fossem representativas para eles, mas trouxe para a sala de aula discussões sobre gênero e etnia, já que frases do tipo: “isso é música de negro, ou

⁶³ Preciso explicar que entre algumas pessoas que eu convivo todos os dias, o funk, tanto como estilo musical, como gosto é mal visto, já que geralmente é associado às drogas, sexo e ostentação.

de brando, ou ainda, isso é música de gay” aconteciam naturalmente entre eles. Não sei se esses estereótipos pareciam ser claros para eles, mas o que chamava atenção além de eles classificarem assim as músicas e os gostos musicais dos colegas, não parecia ter um tom ofensivo, porém, era perceptível que os alunos negros, que eram minoria⁶⁴ nas salas de aula que eu fazia parte, se colocassem nessa condição de classe, com afirmativas do tipo: “*sim, sou negro, gosto de rap*”, por exemplo.

Pesquisas que trabalham com juventude e música (DAYRELL, 2002; 2003; LIMA, 2002) geralmente são associadas ao *rap* e ao *funk*, principalmente por serem feitas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que pertencem à mesma região - no caso a sudeste - e que tem esses estilos musicais mais difundidos, estes acabam por construir as identidades desses jovens. Porém cabe ressaltar que geralmente essas pesquisas foram realizadas em espaços e cenários diferentes dos jovens pesquisados aqui, comumente essas pesquisas acontecem em periferias dos grandes centros urbanos. Assim, a proposta da atividade era saber que tipo de músicas os jovens desta pesquisa ouvem e se identificam.

Então os alunos entregaram seus CD's, alguns ultrapassaram o limite de músicas pedido e outros fizeram um enorme esforço para colocar o limite de no máximo 16 músicas em cada disco.

Muitos se preocuparam com a apresentação do CD, e outros entregaram mais de um CD, com as 16 músicas pedidas. Ao final da entrega a soma de músicas era de 1275, lembrando que nem todos os alunos entregaram seus CD's, assim como outras das atividades, e acabaram realizando reavaliação no final da disciplina.

Para saber que músicas os jovens ouviam, elas foram tabuladas em uma planilha do *Excel* para que fosse possível discriminar as músicas e os gêneros musicais que os jovens escutam.

A partir daí se discute a categoria gênero musical, entendendo que as músicas têm muito a dizer sobre os estilos de vida dos jovens. Composto suas identidades, sua capacidade de agregá-los promovendo diversas maneiras de

⁶⁴ Digo minoria a partir da minha observação em sala de aula, já que em nenhum momento dessa pesquisa procurou-se saber questões de gênero ou etnia.

identificação, seja através do próprio som ou pelas maneiras de vestir e de marcar o corpo. (SANTOS, 2006).

Cotidianamente a música tem ocupado espaço na vida das pessoas e principalmente dos jovens. Grandes movimentos sociais de juventude foram marcados pelas suas expressões musicais (BRANDÃO & DUARTE, 2004; CARMO, 2000) Os meios de comunicação de massa também se encarregam de, quase que diariamente, ditar modas e comportamentos pensando em interesses econômicos e com isso os jovens contemporâneos parecem ter cada vez mais estímulos sonoros e visuais em um mundo diversificado, repleto de luzes, sons imagens e culturas (CARMO, 2000).

Se a música já fazia parte da juventude em outros momentos históricos, no contexto atual, a expansão dos meios de comunicação, das grandes mídias e principalmente do acesso a internet trouxe novas ou outras relações com a música. Estamos presenciando um tempo de compartilhamento, em que não se precisa mais ir até uma loja de discos para ter um, aliás, estas parecem estar com os dias contados. Na cidade de Pelotas, algumas lojas de discos tradicionais ou diminuíram ou estão perdendo seus espaços para outros negócios. Em tempos de internet, o acesso a inúmeras culturas é ampliado e a relação dos jovens com a música se intensifica na medida em que estes têm acesso a *downloads*⁶⁵ por diferentes programas de computador.

Nesse cenário, apresento a partir dos CDs que os jovens desta pesquisa entregaram como a primeira atividade, a incidência por gênero musical.

⁶⁵ É um termo que corresponde à ação de transferir dados de um computador remoto para um computador local. Essa cópia de arquivos pode ser feita tanto a partir de servidores dedicados quanto pelo simples acesso a uma página da Internet no navegador.

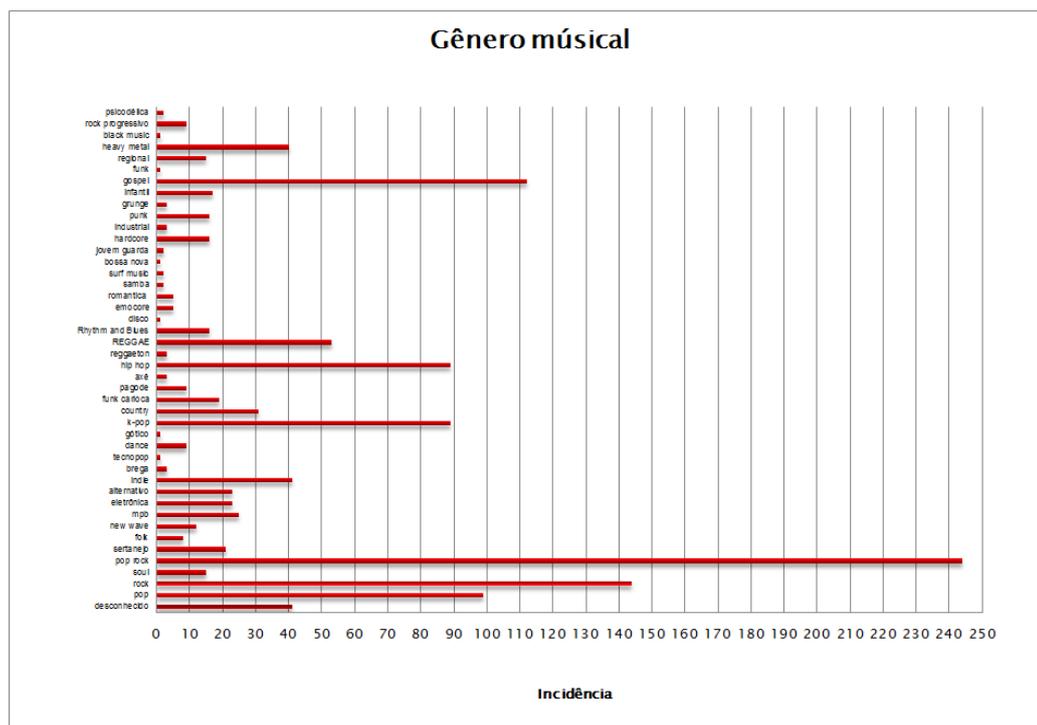


Gráfico 1: Incidência por gênero⁶⁶

O gráfico 1 mostra o panorama geral dos gêneros musicais que surgiram nas músicas entregues pelos alunos. Esse gráfico foi feito a partir da divisão por gênero utilizada em sites especializados em música, dessa forma os gêneros aparecem subdivididos em diversas categorias, totalizando 44 tipos diferentes. O que se pode perceber pelo gráfico é que os jovens desta pesquisa têm gostos musicais ecléticos e que não ouvem apenas alguns estilos musicais, mas sim vários. Nos CD's entregues é possível perceber que não existe um padrão, do tipo, o CD é composto somente por um gênero musical, eles possuem músicas de diversos estilos compondo os gostos dos alunos por diversos tipos de músicas.

Cabe ressaltar que as músicas praticamente não se repetiam, e que o maior número de repetições de algumas delas foi de cinco vezes, o que mostra que os adolescentes ouvem diferentes músicas.

Esse gráfico serve apenas para demonstrar que os jovens escutam variados tipos e que não parece existir um padrão de gosto, mesmo que exista uma moda musical. Tanto que, por exemplo, o número de músicas do gênero gospel apareceu mais vezes do que o número de músicas de *funk*.

⁶⁶ Este gráfico encontra-se em melhor resolução nos apêndices do trabalho.

Mostrado um panorama geral dos gêneros musicais, agrupei as subdivisões dos mesmos para que se possa ter uma melhor compreensão dos tipos de músicas que os jovens desta pesquisa escutam.

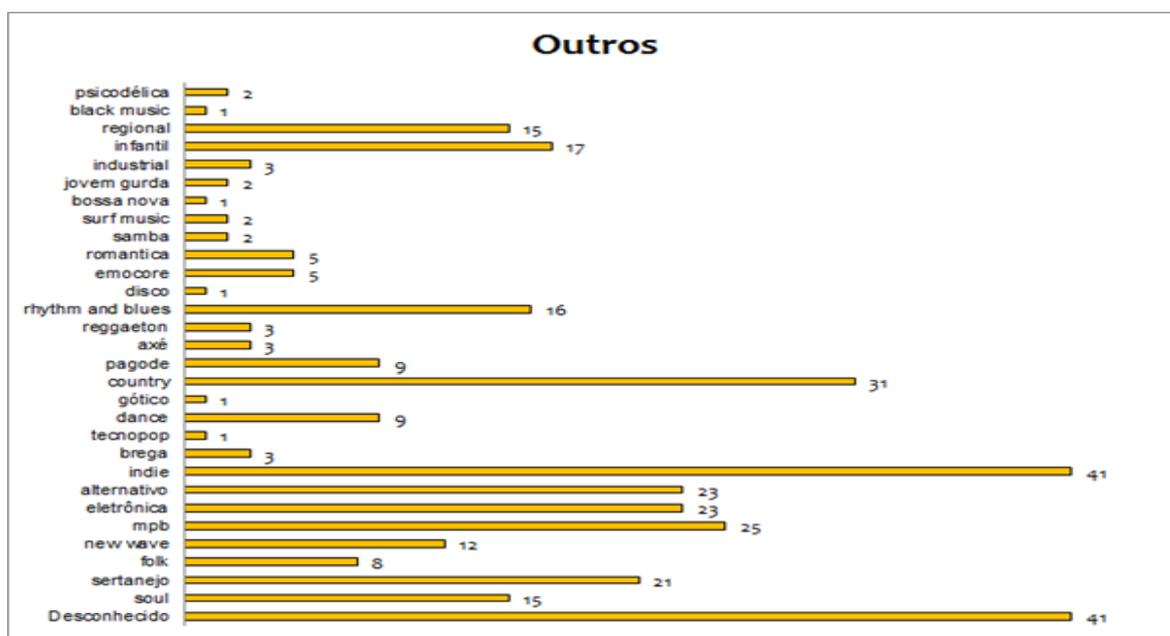


Gráfico 2: agrupamento do gêneros outros

No gráfico 2 podemos visualizar como se deu o agrupamento do gênero outros, que engloba os gêneros que geralmente não são citados na literatura que trata do tema juventude, já que os principais trabalhos geralmente utilizam o *funk* e o *rap* (DAYRELL, 2003) e alguns os *punks* e os *darks* (ABRAMO, 1997) como estilos e identidades das juventudes.

Assim, o gráfico mostra que além dos gêneros que a literatura relata como principais tanto para a socialização e construção das identidades juvenis, os jovens desta pesquisa ouvem diversos outros tipos de música.

O *rock* foi agrupado a partir das suas divisões que surgiram nos CDs, o gráfico 3 mostra os tipos de *rock* que foram agrupados em um único gênero, já que todos pertencem ao mesmo estilo musical. O gênero *rock* apareceu com a maior incidência se considerarmos o agrupamento feito no gráfico 3. E, mesmo somando todos os gêneros do tipo “outros” o *rock*, ainda sim, possui o maior número de músicas, somando 472, enquanto a divisão outros, soma 341.

Pensando na história do rock e sua ligação com a juventude, pode-se talvez estabelecer uma relação que começa nos anos 50 e apesar de se transformar ao longo

dos anos e das mudanças históricas ocorridas, esse estilo musical permanesse como sinônimo de contestação da juventude. No caso do rock, as bandas como Legião Urbana e Charlie Brown Jr. estão entre as mais ouvidas. Ambas as bandas tiveram grande expressão no cenário musical brasileiro, cada uma em uma década.

A Legião Urbana, banda de Brasília que surge em 1982, fez sucesso cantando críticas sociais e políticas que faziam a uma geração e ao período do qual fizeram parte. A banda acabou quando o seu vocalista, Renato Russo faleceu em 1996. Mesmo depois do final da banda, suas músicas seguem conquistando o público principalmente pelo caráter contestador e revolucionário. Já o Charlie Brown Jr. é formada dez anos depois da Legião urbana, em 1992. A banda dos garotos de Santos, misturava vários ritmos e criou um estilo próprio, fazendo sucesso nacional a partir de 1999. Apesar de várias idas e vindas ao mercado nacional de música, sempre esteve presente marcando uma geração principalmente do final dos anos 90 e início dos anos 2000, com letras que traziam diversas temáticas que envolvesse a juventude e os *Skatistas*. Em 2014, após uma volta da banda com a antiga formação, a morte do vocalista Chorão e logo em seguida o suposto suicídio do baixista Champignon fez com que a banda acabasse de vez. Na escola, o episódio da morte dos integrantes da banda abalou os alunos já que esta banda era uma referência em música para a maioria deles.

O rock parece manter uma forte relação com os estilos de vida dos jovens, que apesar de ouvir vários gêneros musicais, praticamente todos os CD's trouxeram no mínimo 1 música desse tipo.

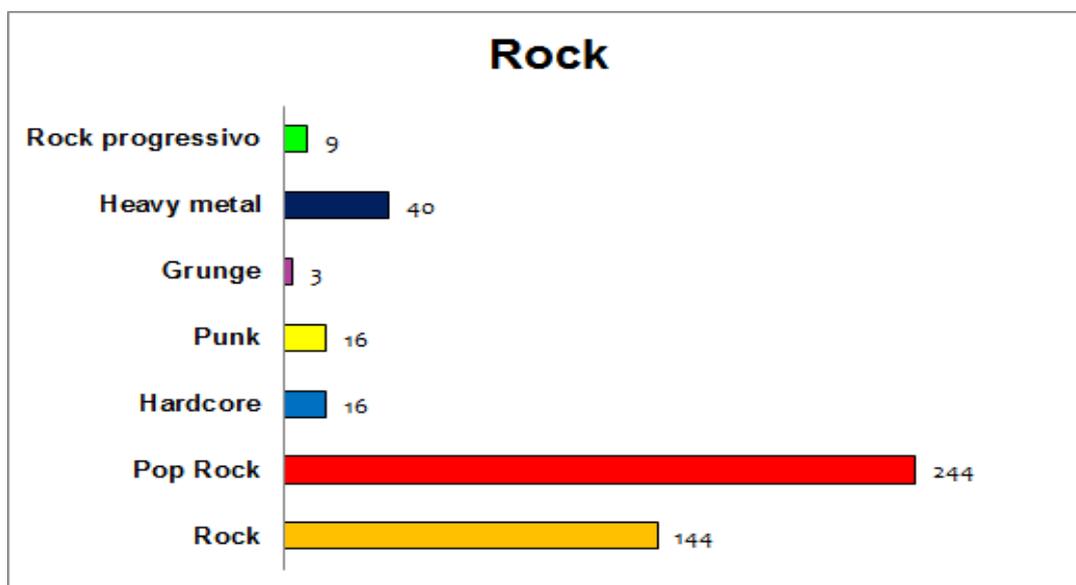


Gráfico 3: agrupamento do gênero rock

Ainda, o *funk* foi agrupado nas suas duas subdivisões que apareceram nos CDs, o *funk* e o *funk carioca*, sendo assim a soma das divisões desse gênero totalizou 20 músicas do total de 1225, como mostra o gráfico .

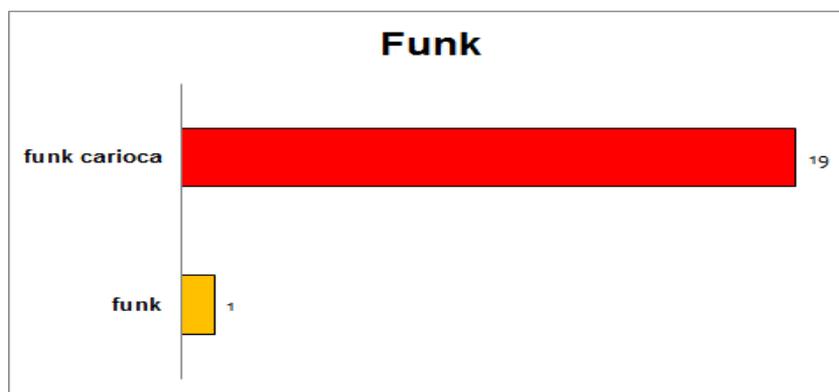


Gráfico 4: agrupamento do gênero funk

Se considerarmos os trabalhos que tratam do tema juventude, grande parte das pesquisas relatam que o *funk* é um dos principais gêneros associado às juventudes, principalmente às juventudes de periferias dos grandes centros urbanos. Considerando que o *funk* é um fenômeno relativamente novo, já que no Brasil o movimento começa a ganhar força a partir dos anos 90, retomando a música de protesto com outro ritmo e cadência além de um novo discurso (CARMO, 2000), os jovens produzem uma crítica social em forma de música entendendo o *rap* e o *funk* como formas musicais para defender ideias.

No Brasil, o *hip hop* juntamente com o *funk* traz seus signos e emblemas que estão cada vez mais presentes na indústria cultural o que, de certa maneira, alterou um pouco do movimento criando novos estilos dentro desses dois gêneros. Em grande parte o *funk carioca* foi por muito tempo uma manifestação cultural suburbana que remete aos anos 70, quando aos domingos aconteciam os bailes na Zona Sul do Rio (CARMO, 2000).

Segundo Vianna (1990) o mundo do *funk* não pode de maneira alguma ser considerado uma imposição dos meios de comunicação de massa. Considerando que se passaram 24 anos da publicação do seu trabalho sobre o mundo *funk carioca*, percebesse que o *funk* ganhou outras proporções se espalhando e “virando moda”, sendo associado às manifestações culturais de algumas juventudes, como no caso das pesquisa de Dayrell. Mais do que isso, o *funk* foi sendo modificado e

sua veia de protesto, do início dos anos 90, tornou-se relato de ostentação, no caso do *funk* paulista.

E pensando que as práticas juvenis estão relacionadas com a música, de modo que a escolha de um estilo musical articula-se com a maneira de pensar, agir e ser dos jovens, contribuindo na construção das suas identidades (ARROYO, 2009) os gêneros musicais que os jovens pesquisados escutam podem dar uma pista das suas maneiras de estar e de se perceber no mundo.

Segundo Dayrell (2002), o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil e nesse contexto a música é a atividade que mais envolve e mobiliza os jovens. E dessa maneira os jovens também podem ser produtores culturais e principalmente consumidores, em que a música é um dos principais produtos consumido. Visto que hoje em dia se tem uma facilidade maior de consumir música pelas possibilidades que a internet nos dá, percebemos através dos gráficos que nem todas as juventudes podem ser associadas ao mesmo estilo musical (e que parece predominante nos dias de hoje).

O gráfico 5 mostra a quantidade de música por gênero dos CDs dos alunos pesquisados.

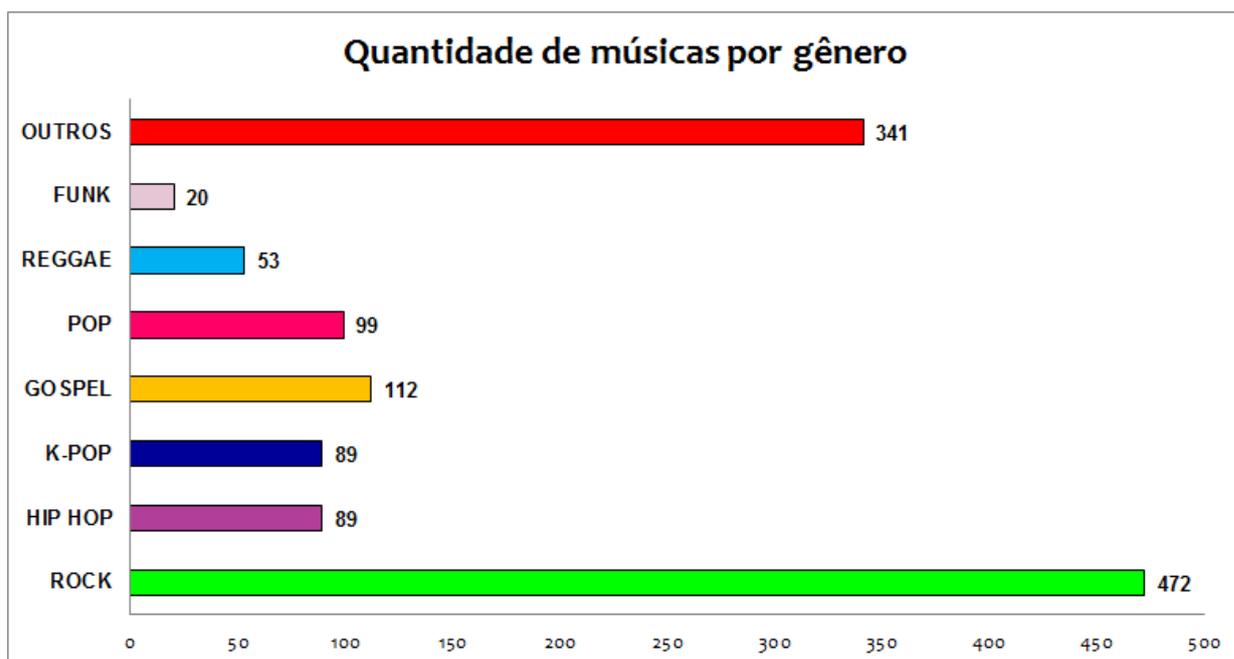


Gráfico 5: quantidade de músicas por gênero

Podemos perceber dentre os jovens que participaram dessa pesquisa, que o gênero musical mais ouvido é o *rock* o que, de certo modo, contradiz o que as atuais pesquisas sobre juventude e música nos mostram, considerando que grande parte delas utilizam o funk e o rap como principais estilos escolhidos pelos jovens.

Analisando o gráfico, percebemos que o *funk* tem a menor incidência de músicas o que, de certa maneira, é estranho, já que na prática de sala de aula e nos contextos nos quais eu participo com os jovens, o *funk* é um tipo de música muito presente, sempre fazendo parte das festas e do dia a dia dos alunos, que inclusive utilizam expressões de letras de música nas suas conversas e escritas. O *funk* é um gênero muito presente diariamente na vida dos jovens, porém, apenas 20 músicas fizeram parte do universo total das 1275 músicas somadas dos CD's.

O rap aparece junto com o gênero *K-pop*⁶⁷ que é um gênero que vem crescendo na sua popularidade entre os jovens, junto com a cultura japonesa e os cosplayers⁶⁸ (NUNES, 2012). No caso dos Cds entregues, o *rap* além dos tradicionais músicos que já são conhecidos por esse estilo de música, muitos artistas locais foram citados. Boa parte das músicas de rap são de artistas da cidade de Pelotas e que os alunos conhecem dos festivais de música que são promovidos na cidade, em que estes artistas se apresentam, também, com o acesso a internet, esses artistas conseguem compartilhar seus trabalhos tanto no you tube, quanto nas redes sociais, ganhando cada vez mais uma visibilidade maior e fazendo com que mais pessoas tenham acesso ao seu trabalho. No caso de Pelotas Blood Fill, Zudzila Luz e Guido CNR são destaques entre o gênero rap que apareceram nos Cds.

Superando o *rap*, o *reggae* e o *funk*, surge o gênero gospel, com 112 músicas do total de 1275, o que é um número significativo já que alguns trabalhos mostram o crescimento de uma juventude evangélica, principalmente, e religiosa que se expressa através da música (MARTINOFF, 2012; PINHEIRO, 2007). Segundo esses autores existe uma nova geração, que surgiu há pelo menos duas décadas, que inclui espaços para jovens no interior das instituições religiosas, que tentam dar conta dos anseios e interesses da juventude, tais como drogas, sexo, esporte,

⁶⁷ Música pop coreana. é um gênero musical consistindo de dança, música eletrônica, eletropop, hip hop, rock e R&B originários da Coreia do Sul

⁶⁸ São os participantes ou jogadores da atividade de Cosplay que é a abreviação de costume play ou ainda de costume roleplay (ambos do inglês) que pode traduzir-se por "representação de personagem a caráter", "disfarce" ou "fantasia", para referir-se a atividade lúdica praticada geralmente por jovens e que consiste em disfarçar-se ou fantasiar-se de algum personagem real ou ficcional, concreto ou abstrato, como, por exemplo, animes, mangás, comics, videogames ou ainda de grupos musicais

consumo e estilos de vida, fazendo com que alguns jovens se aproximem das igrejas, já que essa nova geração é atraída por estímulos não tradicionais da religião. Nos CD's entregues, pode-se perceber que os que possuem músicas gospel, praticamente só tinham esse gênero musical, e dentre os principais artistas encontram-se Oficina G3, Rosa de Saron e Thalles Roberto.

No caso da música *pop*, percebe-se que é o estilo de música mais comercial e que faz parte de praticamente a maioria das rádios e programas de televisão, então esse gênero aparece muito forte, inclusive maior do que o rap, porém ainda assim fica atrás do estilo gospel.

Já o *rock*, aparece muito a frente dos outros gêneros. Tradicionalmente na história da juventude (BRANDÃO & DUARTE, 2004; CARMO, 2002) o *rock* é associado a essa fase da vida, tendo início nos anos 50, e geralmente associado ao rebelde sem causa, a juventude transviada e a violência. Esse esteriótipo foi popularizado pelo cinema e assimilado a padrões e estilos de vida da classe média norte-americana. O *rock* não saiu de cena desde que ele chegou associado a juventude. Com o passar dos anos, seu objetivo foi se transformando e esse gênero musical sempre esteve presente nos estilos de vida, principalmente a partir dos anos 60, com os *Beatles* e os *Rolling Stones*. No Brasil e nos CD's que os alunos entregaram, a principal referência do rock aparece na figura do Renato Russo, e da Legião Urbana, sendo a banda que teve grande número de músicas citadas e repetidas. As letras fortes e que contestam padrões da política e dos modos de vida que as pessoas e a juventude vivem, parece fazer com que os jovens se identifiquem com esse estilo musical.

Dessa forma, pode-se concluir que a juventude não tem um padrão ou estilo musical, já que dos Cds entregues diversos gêneros apareceram, podemos dizer que alguns identificam mais os jovens pesquisados, mas os gostos variam de acordo com os grupos aos quais eles se associam e com as suas experiências com o mundo, a escola e a família.

No caso do *funk*, que é tema de pesquisa de alguns autores que associam esse estilo de música com a juventude, pode-se perceber que nos jovens pesquisados, esse tipo de música não apareceu como predominante nos seus gostos, mesmo que na prática de convivência, percebemos que ele está presente no dia a dia, nas expressões, nas festas. Já o *rock* aparece como principal gênero, já

que mesmo a soma dos outros tipos de música não supera o número das músicas classificadas como *rock*.

6.2 Apresentação e análise das Colagens: O que tu consumirias se o dinheiro fosse infinito?

Esse trabalho foi muito bom de realizar. Todos, em todas as turmas, participaram efetivamente da realização da atividade e colaboraram com os materiais que eu solicitei para que o trabalho pudesse ser realizado, como jornais, encartes e revistas, além de tesoura e cola. Nas quatro turmas ninguém faltou nas aulas que foram destinadas para a realização do trabalho.

Durante a atividade, notei em todas as turmas, inclusive nas mais agitadas (que eram as turmas maiores, do curso de eletrônica, cada uma com 30 alunos) todos se envolveram na realização da colagem. Foi muito legal poder realizar essa tarefa que fez com que várias discussões surgissem ao longo das aulas.

A previsão de tempo para a realização dessa atividade era de duas aulas, mas em todas as turmas, acredito que pela empolgação da proposta de atividade e pelo envolvimento de todos, estendeu-se o tempo. As duas aulas destinadas acabaram ficando para olhar o material que foi levado e também começar os recortes. Nas turmas dos cursos técnicos integrados de Química e de Comunicação Visual, que eram as menores turmas e também turmas predominantemente femininas, foram utilizadas quatro aulas e nas turmas do curso integrado de eletrônicas, turmas que eram maiores e predominantemente masculinas, seis aulas.

Outro ponto observado durante a realização da atividade foi que, na turma da comunicação visual, além da proposta de recorte sobre o consumo e as possibilidades de consumo, os alunos se preocuparam com a estética das colagens, e muitos dos trabalhos além de contemplar a proposta apresentou uma “composição” que me parece que explicava os motivos da escolha dos objetos.

A maioria dos trabalhos, nessa turma, na proposta do consumo infinito, me parecia mais ser projetos de vida e de futuro, não apenas os desejos imediatos de consumir infinitamente.

Muitos trabalhos mostravam as expectativas em relação à profissão, ao modo de vida e aos gostos musicais dos alunos. Viagens pelo mundo apareceram de várias formas em praticamente todos os trabalhos e outro ponto, que me chamou

muito atenção, era a questão do consumo de comida. Comida aparecia tanto na folha do que ele pode consumir, quanto na folha do que ele consumiria infinitamente, a diferença era o tipo de comida, na que ele pode consumir, estavam alimentos “comuns” pão, leite, arroz; na folha do consumo infinito aparecia muita comida, de todos os tipos, principalmente *fast food*, e doces, de todos os tipos. Isso aconteceu em todas as turmas e muito mais nas colagens dos meninos.

O que se pode observar é que as colagens dos meninos envolviam comida, mulheres e carros, com algumas exceções que apareciam viagens e casas, mas o que se destacava era a relação entre carro, mulheres e muita comida. Já as meninas, na maioria das colagens além de comida, mostravam nas possibilidades de consumo infinito, casas, viagens e expectativas profissionais.

As colagens sobre o consumo infinito, quase ficaram infinitas, pois ultrapassaram a proposta de uma folha. Alguns entregaram três folhas, outros, colagens dos dois lados das folhas. Já a folha do que eu posso consumir, eram mais pobres de elementos, geralmente mostrando comida, cadernos, celulares e esmaltes, no caso das meninas.

Outra coisa que chamou a atenção é o consumo de tecnologia, principalmente, telefones celulares. Todos os alunos têm celulares, porém quase nenhum está contente com o seu modelo de celular e desejam os últimos modelos, principalmente os de marcas famosas tipo *iphone* e *galaxy* da Samsung, *tablets*, celulares, computadores e videogames foram os aparelhos tecnológicos que mais aparecerem nas colagens.

Também dá para perceber a diferença no trabalho em si, nas turmas em que os meninos eram em maior número, apesar do número de aulas destinadas, nesse caso 6, o trabalho em si era pensado, a proposta era atendida, mas a estética e o “capricho” nem tanto, então muitas colagens não tiveram os objetos bem recortados e colados na folha, alguns acabaram ficando sujos de cola e manchados, e parecia que apesar da proposta ter sido interessante, alguns a realizaram (alguns mesmo) como mais uma atividade avaliativa, e sem reflexão. Eventualmente, algum aluno não entregava alguma tarefa, no caso das colagens poucos alunos deixaram de entregar, visto que foi uma atividade realizada em sala de aula.

Do total das colagens coletadas 112 de 120, foram extraídas categorias gerais de análise sobre o consumo dos jovens dessa pesquisa. Assim, no quadro abaixo podemos identificar as principais categorias retiradas das colagens. Para

cada categoria, criou-se uma sigla a fim de identificá-las para descrever em um quadro geral de análise.

CATEGORIAS DE CONSUMO	
ITENS	SIGLAS
Alimentos em geral	ALI
Moda – itens de vestuário	MOD
Viagens	VIG
Tecnologia	TEC
Joias	JOI
Sapatos	SAP
Carros/motos	CM
Casas	CAS
Música	MUS
Dinheiro	DIN
Cosméticos (perfumaria)	COS
Corpos – dos outros	CO
Corpos – transformação	CT
Bebidas alcoólicas	BEA

Tabela 1: Categorias de Consumo

As categorias da tabela acima emergiram como categorias gerais dos trabalhos das colagens entregues pelos alunos e que tiveram maior número de repetições nas diversas colagens.

Dessa forma, alimentos em geral, moda, viagens, tecnologias, joias, sapatos, carros e motos, casas, música, viagens, dinheiro, cosméticos, corpos – dos outros, transformação dos seus próprios corpos, bebidas (principalmente alcoólicas) e perfumaria, foram os principais elementos destacados dessa atividade.

Em todas as colagens, a categoria alimento aparece tanto no consumo quanto no que consumiria, a diferença entre os alunos está na qualidade ou na marca. Geralmente todos consomem alimentos diariamente, mas os itens de alimentos aparecem de maneira mais sofisticada na colagem consumiria, incluindo principalmente marcas, restaurantes e comidas diferentes, que não fazem parte do

dia a dia dos alunos. Assim, consumir alimentos tem diferença entre o que os jovens podem consumir e os alimentos que eles consumiriam se o dinheiro fosse infinito. Alimentos, comidas, restaurantes, e diversas variedades de comidas em geral, aparecem em todas as colagens, ao menos em uma das propostas (consome ou consumiria).

O mesmo acontece com a categoria moda, no caso do consumo dos jovens, a moda aparece em grande parte dos trabalhos, principalmente nos trabalhos das meninas, mas existe uma diferença entre a moda que elas consomem e a moda que gostariam de consumir. A moda que elas consomem são roupas comuns, normais, como camisetas básicas e calça jeans, eventualmente uma roupa é diferente, as roupas consumidas parecem não custar muito e estar ao alcance do que elas podem adquirir; já a moda que elas consumiriam, estão ligadas a grandes marcas, a grifes e artigos da moda que estão em campanhas publicitárias de grandes lojas.

A categoria viagem aparece apenas nos trabalhos relativos ao que eles consumiriam se o dinheiro fosse ilimitado, a maioria dos alunos colocou imagens de lugares, do mundo, livros com nomes de cidades, o que mostra que os jovens têm desejos de conhecer vários lugares e viajar como desejo de consumo.

A outra categoria que emergiu das colagens foi a categoria tecnologia. Essa categoria apareceu tanto nos trabalhos sobre o que os jovens consomem e consumiriam, assim como as categorias alimentos e moda, essa categoria está ligada a grandes marcas da tecnologia em telefones, computadores e aparelhos eletrônicos. Os jovens consomem tecnologia em sua maioria, porém se eles pudessem consumir escolheriam tecnologias ligadas a grandes marcas, principalmente no que diz respeito aos aparelhos telefônicos, e smartphones.

A categoria joia aparece nas colagens principalmente das meninas, mas também em poucas colagens dos meninos, relacionados a joias como brincos e associados a jogadores de futebol. No caso das meninas elas consomem bijuterias e não joias e mais uma vez o consumo desses artigos aparece relacionada a grandes grifes e marcas e não apenas ao aspecto estético das peças, assim as meninas não querem consumir apenas as joias, mas aparentemente, elas querem poder consumir a marca das joias.

O mesmo acontece com a categoria sapatos. A maioria das meninas coloca sapatos como itens necessários ao consumo e ao consumismo. Todas consomem sapatos, mas o desejo de consumir muitos, diversos e diferentes sapatos aparece

em praticamente todas as colagens relacionadas ao que elas gostariam de consumir. Da mesma forma que acontece em outras categorias, os sapatos também vêm associados a itens de marcas reconhecidas e de grife, mostrando que o desejo não parece ser apenas pelo item sapato, mas sim pela marca que fabrica o sapato.

Carros e motos aparecem em grande parte das colagens, nenhum consome carro no sentido de possuir o veículo, porém utilizam de certa forma, o dos seus pais ou de alguém próximo. Mas o desejo de no futuro poder consumir carros ou motos é visível em muitos dos trabalhos entregues pelos alunos. Carros e motos também estão ligados a marcas, nesse caso, carros e motos potentes de marcas famosas.

Casa também surge como uma categoria de consumo e de consumismo. De consumo porque todos têm suas casas nas quais moram, porém, casas luxuosas, grandes e até mesmo castelos, aparecem como item de desejo de consumo.

A categoria música aparece em grande parte dos trabalhos, tanto como produto consumido como desejo de consumo. No caso do consumo de música pelos jovens, elas aparecem em formatos digitais, em mp3, CDs e shows locais. Já no desejo de consumo musical, shows e coleções de discos aparecem como outras possibilidades de se consumir música.

Dinheiro é uma categoria interessante que surgiu principalmente como desejo de consumo. Os jovens consomem dinheiro, porém nas colagens esse dinheiro consumido aparece limitado e contado, e usado para consumir outros itens, principalmente comida. Mas ele aparece como desejo de consumo ilimitado, mesmo a proposta do trabalho perguntando: “o que tu consumirias se o dinheiro fosse infinito?” o dinheiro apareceu como desejo de consumo de muitos dos jovens.

Cosmético surge englobando diversos artigos relacionados aos cuidados pessoais, de higiene, beleza e perfumaria. Aparece em muitos dos trabalhos o uso de perfumaria, mas assim como grande parte das categorias, ela aparece relacionando cosméticos e os produtos relacionados a marcas famosas, principalmente no caso dos perfumes.

Corpos dos outros aparece como categoria em muitos trabalhos. Essa categoria quer dizer que os jovens consumiriam os corpos dos outros, outras pessoas, desejos de consumo, relacionando ao desejo sexual. Tanto meninos como meninas mostraram desejos por consumir homens e mulheres bonitos e usar os corpos para seus desejos particulares.

Já corpos transformados, surgem, pois muitos dos jovens demonstram nas suas colagens sobre o que eles gostariam de consumir, corpos perfeitos, malhados, cabelos lisos, coloridos, bonitos, geralmente relacionados a padrões estéticos de beleza comercial.

A última categoria emergente das colagens é bebidas alcoólicas. Tanto no consumo, quanto nos desejos de consumo, as bebidas alcoólicas aparecem nas colagens. No caso do consumo, as bebidas são as mais comuns, como cerveja e vinhos, geralmente marcas populares. Já nos desejos de consumo, bebidas sofisticadas como champanhe, principalmente de determinadas marcas também associadas a ostentação e a poder aquisitivo.

Descritas as categorias, passo ao quadro de consumo das colagens dos jovens.

ALUNO	CONSOME	CONSUMIRIA
1	COS; TEC; ALI	TEC; CM; VIG; SAP; MOD
2	ALI; TEC; MOD; SAP	CM; TEC; MOD; VIG
3	ALI; BA;	COS; VIG; CM; CO; MOD
4	TEC; ALI;	MOD; VIG; CM; MUS
5	ALI; COS; TEC; MOD	CM; VIG; MOD. CO; DIN;
6	TEC; MOD; BA; ALI;	COS; MOD; VIG, CAS; CM; JOI;
7	ALI. BA;	COS; TEC; MOD; VIG; CM; CO
8	TEC; MOD; ALI; MOD;	VIG; MOD; CM; COS; SAP; TEC; CT
9	MOD; SAP; COS;	CAS; MOD; TEC; VIG
10	MOD; TEC; ALI; SAP; COS;	TEC; MOD; VIG; MUS; CO; CAS; CT
11	ALI; MOD; COS;	JOI; TEC; VIG; CO; CM; COS; SAP; MOD
12	COS; ALI; MOD;	VIG; CM; MOD; COS; SAP; COS; CAS;
13	TEC; MUS; ALI;	CM; VIG; CO; DIN; COS;
14	MOD; ALI; TEC;	TEC; COS; JOI; CAS; VIG; CM; SAP; MOD; COS;
15	ALI; BA; MOD; SAP; COS;	CO; MOD. SAP; VIG; JOI; CT; CAS; CM
16	ALI; SAP; TEC; COS; MOD	MOD; VIG; SAP; CAS; TEC; CO; COS;
17	TEC; MOD; ALI; SAP;	VIG; MUS; DIN; SAP; MOD; ALI;
18	COS; MUS; ALI; TEC;	CO; MUS; VIG; MOD; COS;

19	ALI; TEC; SAP; MOD	MOD; CO; TEC; MUS; VIG; SAP; CAS;
20	MOD; MUS; ALI; COS;	CO; MUS; VIG; ALI; MOD;
21	ALI, COS; BA; MUS;	CO; VIG; MOD; CM; TEC; ALI;
22	ALI; TEC; MOD;	MOD; SAP; TEC; VIG; MUS;
23		
24	TEC; ALI;	MUS; VIG; MOD;
25	COS; ALI; MOD;	COS; CO; MOD; VIG; TEC; DIN; SAP;
26	ALI; TEC;	MOD; ALI; TEC; VIG; MUS; CAS; CO
27	MOD; COS; TEC;	MOD; MUS; TEC; VIG; CM; CO
28	ALI; TEC;	CM; TEC; ALI; VIG; MOD; CAS;
29	ALI; TEC;	DIN; ALI; TEC; VIG; MUS
30	COS; TEC; ALI;	ALI; TEC; CM; MUS; CO; SAP; VIG;
31	ALI; TEC;	CO; VIG; MUS; TEC; MOD;
32	ALI; MUS; TEC; BA;	TEC; MUS; SAP; CO; VIG; MOD;
33	MOD; TEC; ALI;	MUS; TEC; MOD; ALI.; VIG; CT
34	ALI; MOD; MUS;	MOD; SAP; MUS; CM; DIN; COS; CO
35	TEC; ALI;	TEC; MUS; ALI; CO; VIG; CM; DIN
36	ALI; SAP; COS; DIN	DIN; VIG; MUS; MOD; CO
37	MOD; ALI;	COS; MOD; CO; CT; DIN; SAP; ALI;
38	MOD; SAP; TEC; MUS;	MUS; MOD; TEC; VIG;
39	ALI;	SAP; TEC; CO; MOD; CM; TEC; MUS
40	COS; SAP; ALI;	MOD; SAP; TEC; CO; JOI; BA;
41	COS; ALI; SAP; TEC;	CM; TEC; MOD; ALI; VIG;
42	ALI; TEC;	MOD; VIG; CM; CAS;
43	TEC; ALI; MOD;	LI; MOD; TEC; SAP; VIG;
44	TEC; ALI;	IN; VIG; CAS;
45	TEC;	TEC; CO;
46	ALI; TEC; COS;	COS; ALI; TEC; MOD; CM; CAS;
47	BA; ALI; TEC;	CO; CM;
48	SAP; TEC; COS;	SAP; TEC; COS; JOI;
49	MOD; ALI; TEC; DIN;	CM; MUS; DIN; TEC;
50	COS; VIG; TEC;	VIG; CAS; DIN;
51	ALI; TEC; COS;	MUS; VIG; CA; TEC;

52	TEC; ALI;	VIG; MOD; MUS;
53	TEC; SAP; MOD; COS; ALI;	CM; CO; DIN;VIG; MUS;
54	MUS; TEC; ALI;	TEC; MOD; CM; CO;
55	ALI; TEC;	CO; BA; CM; TEC;
56	MUS; TEC; ALI;	MOD; CM; CAS; VIG; TEC;
57	ALI; TEC;	CAS; MUS; TEC; VIG;
58	ALI; TEC; MOD;	TEC; CM; DIN; CAS;
59	TEC; ALI;	TEC; CO; CM
60	ALI; TEC;	CM; TEC; MUS; ALI;
61	ALI;	TEC; CM; CO; DIN;
62	ALI;	MOD; SAP; COS; ALI;
63	ALI; TEC;	TEC; CM;
64	ALI;	TEC; MUS; ALI;
65	ALI; TEC;	CM; TEC; MUS;
66	SAP; TEC; COS;	CM; MUS; JOI; SAP; CAS; VIG;
67	ALI;	DIN;
68	TEC; ALI;	CM;TEC; MOD;
69	ALI;	TEC; SAP; JOI; COS; MOD;
70	ALI;	ALI; TEC; DIN;
71	ALI;	ALI; TEC;
72	TEC;	VIG; CM; MUS;
73	ALI; TEC;	CO; CT; JOI; MOD; VIG
74	ALI. SAP; MOD;	COS; JOI; VIG; CAS; TEC;
75	BA; ALI; TEC;	CO; CM, TEC; VIG; CAS;
76	ALI; COS; TEC; MOD	TEC; DIN; ALI; CO
77	TEC; ALI; BA;	DIN; TEC; CO; CT; MOD
78	TEC; ALI;	DIN; TEC; ALI; CO; MOD
79	ALI; COS; TEC; MOD	SAP; MOD; TEC; ALI; VIG; CAS;
80	ALI;	DIN; CM;
81	ALI;	TEC; MUS; ALI; BA;
82	BA; ALI; TEC;	TEC; DIN; VIG; CAS;
83	BA; ALI; TEC;	TEC; DIN; BA; ALI; CO;
84	ALI; TEC;	TEC; ALI; CT; MOD; MUS; DIN;

85	COS; ALI; MOD;	MOD; SAP; COS; VIG; CAS;
86	MOD; ALI; TEC;	ALI; TEC; BA; VIG; CAS; CM
87	COS; TEC; ALI	TEC; CM; VIG; SAP; MOD
88	ALI; TEC; MOD; SAP	CM; TEC; MOD; VIG
89	COS; ALI; MOD;	ALI; TEC; VIG.; CM; MOD;
90	ALI; TEC;	CM; TEC; MUS; ALI;
91	ALI;	TEC; CM; CO; DIN;
92	ALI;	MOD; SAP; COS; ALI;
93	MOD; COS; TEC;	MOD; MUS; TEC; VIG; CM; CO
94	ALI; TEC;	DIN; ALI; TEC; VIG; MUS
95	COS; ALI; MOD;	TEC; ALI; CT; MOD; MUS; DIN;
96	ALI; TEC;	MOD; VIG; CM; CAS;
97	TEC; ALI; MOD;	LI; MOD; TEC; SAP; VIG;
98	TEC; ALI;	DIN; VIG; CAS;
99	ALI; TEC;	MOD; ALI; TEC; VIG; MUS; CAS; CO
100	MOD; COS; TEC;	MOD; MUS; TEC; VIG; CM; CO
101	ALI; TEC;	CM; TEC; ALI; VIG; MOD; CAS;
102	ALI; TEC;	DIN; ALI; TEC; VIG; MUS
103	BA; ALI; TEC;	DIN; VIG; CAS;CT; CO;
104	ALI; TEC;	CAS; MUS; TEC; VIG;
105	ALI; TEC; MOD;	TEC; CM; DIN; CAS;
106	TEC; ALI;	TEC; CO; CM
107	ALI; TEC;	CM; TEC; MUS; ALI;
108	ALI; COS; TEC; MOD	MOD; MUS; TEC; VIG; CM; CO
109	ALI; TEC;	MOD; ALI; TEC; VIG; MUS; CAS; CO
110	MOD; COS; TEC;	MOD; MUS; TEC; VIG; CM; CO
111	ALI; BA;	COS; VIG; CM; CO; MOD
112	TEC; ALI;	MOD; VIG; CM; MUS; DIN;

Tabela 2: Consumo por jovem

Apresentadas as categorias e a tabela com a identificação de cada colagem é preciso se pensar sobre o consumo na juventude.

A partir da sociedade moderna, o consumo pode ser entendido como uma das dimensões relevantes nas práticas culturais dos seres humanos, principalmente na maioria das sociedades atuais, em que o crescimento urbano, o desenvolvimento tecnológico e a ampliação do acesso aos meios de comunicação direcionam vários aspectos da produção da cultura (CATANI, GILIOLI, 2008).

O consumo cultural ganhou novo impulso a partir do pós-segunda guerra com o estímulo à indústria cultural, o aumento do poder aquisitivo nos países periféricos, a ampliação dos meios de comunicação e a globalização, que se beneficiaram por um novo ciclo econômico dentre os quais a juventude se destaca, sendo os jovens protagonistas nos mercados da música, da moda e do esporte, entre tantos outros.

Existe uma imagem construída da condição juvenil como etapa da vida em que se pode desfrutar do tempo livre, do lazer, do vigor, da sexualidade e da criatividade artística, fazendo com que a própria publicidade associe a juventude ao ato de consumir, contribuindo para uma série de exclusões e diferenciações entre múltiplas condições juvenis. Dessa forma, os movimentos sociais juvenis (*punks, darks, hippies*, entre outros) e os diversos comportamentos acabam sendo incorporados pela indústria, inclusive a imagem de revolucionário, transformando-os em produtos reproduzidos em séries.

Alguns estudos (PEREIRA, 2011; BARCELOS, 2007; SCHMID, 2006) tratam do tema juventude e consumo, descrevendo sobre os consumos da juventude que geralmente ficam marcados nos seus corpos, pelas roupas, pelos estilos, pelas músicas e até mesmo pelas drogas e pelo álcool, e os consumos de atitudes e convocação da mídia por fazerem parte de algum grupo e a pertencer a ele, geralmente no ambiente escolar, já que a escola é o local em que a maioria desses jovens passa grande parte do seu tempo.

Segundo Bauman (2010), consumismo é mais do que consumo e a cultura também se transforma em um armazém de produtos destinados ao consumo e que cada vez mais são oferecidos em diversos lugares e momentos da vida dos seres humanos, especialmente dos jovens, que desde a década de 50, já vem sendo considerado um consumidor por natureza. Não é à toa que grandes marcas pensam suas campanhas publicitárias voltadas para as juventudes que podem consumi-las, provocando o desejo e enfatizando as desigualdades sociais que ainda existem no mundo contemporâneo.

Enquanto uns gozam dos privilégios de consumir, outros perdem a vida na tentativa de consumir e parece que às vezes ela, a vida, se resume a buscar satisfazer desejos praticamente impossíveis de alcançar. Para Bauman (2010) os seres humanos estão vivendo um momento de adestramento para “a arte de viver em dívida” para que não adiemos nossos desejos.

Para Schmid (2006) os jovens, ao serem convocados a terem atitude, também são convocados a consumir essa atitude, e a mídia tem papel fundamental nesse processo chamando os jovens para essa “missão”. Isso tem efeito na produção das identidades e das subjetividades fazendo com que os jovens criem suas identidades a partir de uma mídia globalizada.

Assim, os próprios estilos de vida são construções que passam pelo consumo. A moda, as músicas, a comida, as casas, o consumo de álcool, são produzidos também pela cultura midiaticizada e globalizada na qual estamos inseridos. A produção dos nossos desejos passa pela produção de uma indústria que cria tipos de consumo para cada tipo de pessoa. A juventude é alvo constante do mercado de diversos produtos, já que está estabelecido que nessa fase da vida agíssemos por instintos e desejos quase que incontroláveis, e que fazem dos jovens principais consumidores, ou potenciais consumidores de moda, música e cultura.

Dessa forma, segundo Bauman (2010) vivemos uma sociedade de consumidores que representa um estilo de vida consumista que rejeita opções culturais alternativas. Talvez por esse motivo, a escolha de produtos ligados a grandes marcas ou grifes esteja tão presente nos desejos de consumo dos jovens, já que nessa sociedade é preciso se adaptar aos preceitos da cultura de consumo que atrai seu consumidor pela ideia de investimento, visto que o produto não será apenas mais um produto, e sim, um investimento que acaba aumentando a atratividade, e por consequência, o preço do produto. Assim, a qualidade de ser uma mercadoria que a torna autêntica nessa sociedade.

Os jovens são atraídos cada vez mais pelos mercados que também se apropriam de elementos da cultura jovem para que aumentem seus contingentes de consumidores. Isso já foi feito com o movimento *punk*, em que a própria banda *Sex Pistols* virou um produto de consumo de uma geração de jovens que se identificava com esse movimento. Nos dias de hoje, podemos perceber a incorporação e a produção de diversas culturas pelas grandes mídias, que também têm o papel de, além de expor as novidades, transformá-las em objetos de desejos na sociedade

contemporânea. No caso da música, cada vez mais ela parece usada para criar padrões de comportamento e de consumo.

Sendo assim, o consumo deve ter uma atenção no que diz respeito às construções das imagens da juventude, já que vivemos em uma sociedade de consumistas, muito mais do que de consumidores.

6.3 Apresentação e análise das Fotografias: Qual a tua rotina em casa?

A atividade fotografia + texto foi uma atividade que de certa maneira sofreu uma resistência por parte dos alunos, já que eles deveriam contar o seu dia a dia em casa, elencando as suas tarefas fora da escola e deveriam fotografá-las. Muitos alunos resistiram à atividade pelo fato que ela além de expor seu dia a dia, também iria expor suas casas, seus lugares e suas famílias.

Assim, houve algumas negociações para que esta atividade pudesse ser realizada pelos alunos. Uma delas foi que eles não precisariam identificar as suas casas, e também poderiam ilustrar sua rotina doméstica através de fotos retiradas da internet que descreve suas participações em suas famílias.

Dessa forma, algumas das fotografias não são das casas dos alunos, mas sim de fotografias que representam suas atividades cotidianas.

Somando a entrega dos diários de final de semana, e da tarefa fotografia + texto, os alunos se aproximavam cada vez mais de mim, já que eu sabia o que acontecia em vários campos das suas vidas, estreitando cada vez mais a relação que os diários criaram. Assim, algumas das atividades vinham acompanhadas de dúvidas e de “segredos” já que foi criada uma relação de confiança em função das atividades pedidas.

A entrega dos trabalhos foi eufórica como as outras atividades, e os alunos que não tinham entregado a atividade no dia, procuravam-me para entregar em outros turnos ou nos horários de atendimentos da disciplina⁶⁹. Acompanhando os trabalhos, vinham as conversas, as perguntas e os conselhos, posto que como já

⁶⁹ No Instituto Federal Sul-rio-grandense, os professores possuem horários de atendimento para a sua disciplina. Além dos horários de aula, o professor disponibiliza horários em que ele está disponível na escola para atender alunos fora do horário da aula, geralmente os professores possuem um período em cada turno para atender os alunos que necessitam de algum tipo de auxílio.

disse antes, criou-se um afeto do qual eu não consegui abrir mão e me desprender totalmente em um primeiro momento.

As fotografias revelaram as rotinas dos jovens, e o que surpreende é o fato de que, mesmo em casa, suas principais atividades no lar estão vinculadas à escola. Ou fazendo tarefas, trabalhos ou na convivência com os colegas/amigos da escola. Para melhor compreender a rotina dos jovens diariamente, dividi o dia por atividades, cada atividade é composta de várias outras. Assim, descrevo cada atividade e de quais outras elas são compostas.

A maioria das fotografias retrata momentos comuns do dia a dia de qualquer pessoa, como acordar, realizar a higiene pessoal, arrumar-se e ir pra a escola ou trabalho. No caso dos jovens dessa pesquisa, o acordar geralmente aparece associado ao mau humor já que precisam ir para a escola. No caso dos estudantes do turno da manhã, escovar os dentes, fazer caras ruins e tomar café aparecerem como primeiras atividades do dia, seguido de ir para a escola. Essa rotina se repete na maioria dos trabalhos entregues. Imagens como: despertador, escova de dente, “caras amassadas” no espelho e o café da manhã na mesa - geralmente com canecas e comida - são as imagens que descrevem o início do dia dos jovens.

Depois de acordar, começa o trajeto das casas até a escola. Praticamente todos os trabalhos mostram os trajetos que os jovens fazem pra chegar à escola. Ou de carro, ou de transporte público, ou ainda a pé ou de bicicleta, eles mostram seus caminhos todos os dias para ir estudar. O caminho até a escola parece importante já que, na descrição dos documentários, os caminhos são mostrados em alguns dos documentários com uma ideia de tristeza.

Logo, as próximas imagens e a maioria do dia os jovens ficam na escola, e a rotina escolar ocupa praticamente o dia inteiro, já que, quando não estão em sala de aula, ou permanecem na escola realizando atividades extras, como esportes, ou para ficar com os amigos e colegas nos jardins e na biblioteca, ou nas aulas de dependência de alguma disciplina, geralmente matemática ou física, que acontece no turno inverso. Assim, mesmo que a atividade tenha a proposta de que os jovens mostrassem sua participação em casa, nas suas famílias e quais são as principais atividades nesse local, percebe-se que a escola é de fato o lugar que ocupa mais espaço da rotina da juventude, como se pode ver nas imagens que os alunos entregaram.

As atividades domésticas das quais eles são responsáveis nas suas casas, englobam a ajuda na manutenção da limpeza do lar e do cuidado com os irmãos e animais de estimação. Lavar a louça, arrumar a cama, levar e buscar os irmãos na escola, organizar seus objetos particulares, são as atividades das quais os jovens dessa pesquisa são responsáveis. Essas atividades também compreendem estar com as suas famílias, já que geralmente são realizadas em conjunto. Assim, as atividades do lar faz com que os jovens passem algum tempo com seus familiares e para além das atividades, estar com a família compreende ainda, festas de casamento, aniversários, assistir televisão, fazer comida, jogar futebol e cuidar dos irmãos.

As outras atividades descritas nas imagens são as de convívio com os amigos e na internet, que de certa forma também compreende no estar junto com os amigos. Chegar em casa, depois de passar grande parte do dia na escola, exige atividades de relaxamento, entre elas é estar nas redes sociais, reunir-se com os amigos, principalmente em reuniões em casa, ou festas, assistir seriados de televisão e escutar música.

ATIVIDADE:	ATIVIDADES PRINCIPAIS
Rotina da manhã	Despertador do celular; primeira alimentação do dia (café da manhã); higiene pessoal.
Ir e estar na escola	Transporte (trajeto até a escola) estudar com amigos e sem eles; estudar na aula e estar com os amigos.
Estar com a família	Na conservação do lar; festas familiares, como por exemplo, aniversários, casamentos, etc; no cuidado com os irmãos; comer; assistir TV, jogar futebol.
Estar com os amigos	Reunião com os amigos para estudar para uma prova; reunião com os amigos para realizar um trabalho; reunião para jogar futebol; encontros para namorar ou “ficar”; reunião para jogar vídeo game; reunião para sair para festas; comer e “zoar”.
Internet	Facebook; Twitter; Instagram; escutar e baixar música e seriados; You Tube.
	Cozinhar; lavar a louça; cuidar dos irmãos mais novos, cuidar

Tarefas domésticas	dos animais de estimação; arrumar a cama; organizar objetos pessoais.
---------------------------	---

Tabela 3: Divisão das atividades

Aluno	Rotina da manhã	Ir e estar na escola	Estar com a família	Estar com os amigos	Internet	Tarefas domésticas
1	X	X			X	
2	X	X			X	
3	X	X	X	X	X	X
4	X	X				X
5		X	X	X	X	X
6		X		X		
7		X		X	X	
8	X	X			X	
9	X	X				
10		X		X	X	
11	X	X		X	X	
12	X	X		X	X	
13	X	X	X	X	X	X
14		X		X	X	
15	X	X		X	X	
16		X			X	X
17		X		X	X	
18	X	X	X		X	X
19	X	X			X	
20	X	X			X	
21	X	X		X		
22		X	X	X	X	
23	X	X		X		X
24	X	X	X	X		X
25	X	X		X	X	
26		X			X	
27		X		X	X	
28		X		X		
29	X	X			X	X
30	X	X	X	X	X	
31	X	X		X		
32	X	X	X	X		X
33	X	X		X		
34		X				
35	X	X	X	X		X
36		X				
37	X	X	X	X		X
38	X	X		X		
39		X				
40	X	X		X		
41	X	X		X		
42		X	X	X		X

43		X	X			X
44		X				
45	X	X				
46	X	X				
47	X	X		X		
48		X		X		X
49	X	X	X	X	X	
50	X	X		X	X	
51		X			X	
52	X	X	X	X		
53		X			X	
54		X	X			
55	X	X		X	X	
56	X	X		X	X	
57	X	X		X		
58		X			X	
59	X	X	X	X	X	
60	X	X	X	X	X	
61		X		X		
62		X				
63		X				
64		X		X		
65		X	X		X	
66		X		X	X	
67		X			X	
68	X	X	X	X	X	X
69	X	X		X		
70		X	X		X	
71		X		X		X
72	X	X		X		
73		X			X	X
74		X			X	
75	X	X	X	X	X	
76		X	X	X		
77	X	X			X	
78		X		X	X	X
79		X			X	X
80		X		X	X	
81		X	X	X	X	
82	X	X				
83	X	X		X	X	
84		X		X		X
85		X		X	X	
86		X		X	X	
87		X				
88		X	X	X	X	
89	X	X			X	
90		X		X	X	
91		X	X	X	X	X
92	X	X		X	X	
93		X	X	X	X	X
94	X	X		X	X	
95		X		X		

96		X		X		X
97		X		X	X	X
98		X	X	X	X	X
99	X	X	X	X		
100	X	X			X	X
101		X		X		X
102		X		X		
103		X		X	X	
104		X	X	X	X	
105		X		X	X	
106	X	X		X		
107		X	X	X	X	
108		X		X	X	
109	X	X		X	X	X
110		X	X	X	X	X
111	X	X		X	X	
112		X	X	X		
113		X		X	X	
114		X		X		
115		X		X	X	
116	X	X	X	X	X	
117	X	X	X			X
118		X		X	X	X

Tabela 4: Rotina diária dos jovens

Percebe-se, ao analisar a tabela das atividades diárias dos jovens, que o uso da internet, estar na escola e estar com os amigos ocupam os principais períodos do dia da juventude pesquisada, o que reafirma os estudos de Dayrell (2003, 2007), que a escola parece ser o principal lugar de socialização e de convívio dos jovens contemporâneos, já que passam muito tempo em atividades que - ou exige deles estar na escola ou realizar atividades que envolvam a escola de alguma forma - fazendo com que mesmo que os jovens tenham atividades nas suas casas, eles ocupem a maior parte do seu tempo com atividades escolares.

Essas rotinas descritas pelos jovens mostram que eles têm responsabilidades com as quais devem cumprir, o que pode fazer com que eles sintam-se em uma espécie de transição - já que têm compromissos que são assumidos - mas também querer viver a juventude de maneira mais livre. Essas rotinas podem ser associadas às outras categorias como o consumo e a sua visão de mundo, já que é necessária a realização de diversas atividades das quais eles precisam envolver-se com o um mundo que seria adulto, apesar de no caso dos jovens desta pesquisa, suas responsabilidades ficam mais no âmbito da escola e das atividades domésticas em

suas casas, mas o que não os exime de responsabilidades fundamentais das quais eles precisam dar conta.

6.4 Apresentação e análise dos Documentários: O que pensa da escola?

A última atividade do semestre foram os documentários. Depois de realizadas as outras quatro atividades individualmente, os alunos nesta tarefa puderam reunir-se em grupos para pensar a escola. Com a proposta de realizar um vídeo de no mínimo 5 minutos e no máximo 15, os alunos organizaram-se em grupos a fim de pensar em um roteiro que mostrasse seu dia a dia na escola e como eles se percebiam dentro dela. Essa atividade envolveu bastante os alunos que passaram alguns dias nos turnos inversos de suas aulas para poder fazer as gravações, além de elaborarem um roteiro e se preocuparem com a edição dos vídeos e que músicas fariam a composição com as imagens. Logo percebi que os alunos se envolveram muito com a realização do documentário, procurando materiais para realizar as gravações, como câmeras e celulares, além de selecionarem cenas, aulas e espaços que eles consideravam que representassem seu dia a dia dentro do instituto.

Alguns professores e funcionários também contribuíram com os alunos para que eles pudessem realizar as gravações, emprestando materiais e deixando com que eles utilizassem salas de aula que não estavam sendo usadas.

Alguns monitores da escola não permitiram que os alunos gravassem, até porque alguns não haviam pedido autorização para que se pudessem utilizar as imagens deles nas gravações. Isso coincidiu com a fiscalização de uma das normas da escola que não permitia a permanência nas salas de aula sem supervisão ou autorização prévia de um funcionário ou professor, o que causou certa polêmica entre os alunos que questionavam o porquê não poderiam utilizar os espaços que estavam vazios em horários que não havia atividades e nem aula, já que muitas vezes eles chegam muito cedo à escola ou, alguns, como vêm de outra cidade, acabam ficando o dia inteiro. Foi preciso pedir a colaboração dos servidores e a autorização da direção da escola, além de conversar com os alunos sobre os limites das gravações, já que eles precisavam pedir permissão tanto para os colegas,

quanto para os professores e funcionários para poderem gravar os seus documentários.

Muitos alunos utilizaram espaços das aulas das outras disciplinas para gravarem o seu dia a dia dentro da escola. No final, 15 documentários foram entregues.

A entrega dos vídeos também gerou certa discussão, já que num primeiro momento, os alunos não queriam que seus colegas assistissem suas produções. Isso aconteceu de maneira geral em todas as turmas e ficou acordado que só seriam exibidos os documentários dos grupos que quisessem ao final da atividade mostrar para os colegas, sem que isso fosse uma necessidade. Assim, ao final de cada vídeo, os próprios alunos começaram a querer compartilhar seus trabalhos, já que eles gastaram muito tempo editando, escolhendo músicas e montando o que seria o trabalho final. Muitos acabaram se apropriando de ferramentas que não sabiam utilizar para fazer a edição dos vídeos e das fotos, montando o documentário final.

Então, nas datas de entregas, os próprios alunos pediram para que eu levasse o equipamento para as aulas para que eles pudessem assistir com os colegas. Alguns vídeos foram compartilhados no You Tube e no Facebook, e estes vídeos, como estão públicos, são os vídeos que utilizei para mostrar como exemplo, e estão em um CD anexado a este trabalho.

Na sala de aula, a exibição dos vídeos virou um evento, já que eles programaram uma sessão de cinema, com direito a comida e festa, uma vez que coincidiu com os últimos dias de aula. Então, as confraternizações das turmas acabaram por ser o mesmo momento em que compartilharam suas produções visuais.

Alguns vídeos acabaram por fugir um pouco da proposta de responder a pergunta o que a escola significava para eles, ou como eles se percebiam na escola, já que professores, e funcionários foram entrevistados para dar o seu ponto de vista sobre o instituto, porém as edições dos vídeos deixam de certa forma, implícitos os sentimentos dos jovens dentro da escola.

Por exemplo, em dois vídeos, o trajeto da casa dos alunos até a chegada ao campus, foi feita e sempre com trilhas sonoras tristes, como se fosse um sacrifício ir até a escola para ter aula, ou então, o que me chamou atenção em um dos documentários, foi utilizar a letra de Highway To Hell (estrada para o inferno) –

AC/DC - para ilustrar o caminho que a aluna faz toda a manhã para chegar até a escola. Então, essa sensação de estar caminhando na estrada do inferno, além de aparecer nos documentários, é mostrada também em outros trabalhos ou falas dos alunos, ilustrando a imagem que eles têm ao chegar na escola: de um corredor frio, espaçoso, às vezes vazio.

Ao assistir os documentários algumas coisas foram aparecendo, como por exemplo, a questão do que parece ser a função da escola para eles, claro que eles consideram a importância da escola e do estudo, porém, a escola é muito mais vista e aproveitada como um lugar de socialização, e espaços como os jardins e a cantina aparecem como centrais para os pontos de encontros deles quando não estão em sala de aula. Inclusive, estar nesses lugares parece muito melhor do que estar em sala de aula.

Porém, a qualidade da escola, como instituição de ensino, apontaram que estar em uma escola técnica é importante para o mercado de trabalho e para o seu futuro. Apesar de a maioria dizer que pretende fazer um curso superior depois de sair da escola, muitos ressaltam que ter um curso técnico parece ser uma garantia de emprego rápido após concluírem o ensino médio. Ainda relataram as dificuldades que eles têm com relação à quantidade de atividades que eles precisam dar conta como estudantes, assim como também apareceu na atividade fotografia + texto, estudar fora da escola ocupa muito tempo e parece que o tempo de estar dentro a instituição é o período em que eles querem se divertir e o tempo em casa serve para dar conta de todas as atividades acadêmicas que a escola requer, já que em casa, apesar de muitos deles conviverem fora da escola, eles passam a maior parte do tempo sozinhos, conectados a internet e estudando. Inclusive, os grupos de alunos no Facebook ilustram o quanto as atividades acadêmicas ocupam a maior parte do seu tempo, muitas vezes sendo usados como mais um lugar de estudo e de compartilhamento, em que eles discutem questões e conteúdos.

Mas o que mais chama a atenção nos documentários é tudo que não seja estudar. Em um dos documentários o menino entrevistado pelos colegas diz : “esta instituição representa muito, não tanto o ensino, mas as amizades e relações”. Fica claro na fala dos alunos em todos os vídeos que estar na escola é muito mais importante pelas relações, amizades e qualquer outro motivo que não seja estar em aula. Eles reclamam dos professores, das matérias serem chatas, como diz outro aluno em outro vídeo: “matéria chata, conteúdo chato, professor chato, prova chata”

o que evidencia que o estar na escola é estar junto com outros colegas em outras atividades. Alguns trabalhos (DAYRELL, 2003, 2007; BARBOSA, 2007) mostram o mesmo dado, que o estar na escola para os alunos é muito mais interessante do ponto de vista de estar com os outros, seus colegas, ocupando os jardins e salas de aula vazias do que estar na sala de aula, o que contribuí para a informação de que o tempo que eles perdem fora da aula na escola é recuperado em casa, estudando.

Mesmo ressaltando as qualidades que esta escola possui, como professores qualificados e espaços de convivência importantes para a sua formação, como as oportunidades de fazer um curso técnico, os momentos de intercursos⁷⁰, de estar no jardim, na cantina, ou até mesmo nos corredores olhando os outros grupos de alunos, assim, estar com os amigos e colegas é, sem dúvida, o principal fator de motivação dos alunos estarem na escola.

Descritas as percepções gerais sobre os documentários, passo agora a descrever os quatro documentários que estão públicos e que estão disponíveis no You Tube. Dos 16 documentários, 4 foram disponibilizados pelos próprios alunos no site, e já que os outros não autorizaram a sua reprodução e publicação, estes 4 servirão de referência para os demais vídeos, já de que certa forma, eles demonstram o que os demais também relatam.

Assim, a partir desse momento descrevo os quatro documentários públicos. No documentário 1, os alunos entrevistaram dois professores, um funcionário e um colega de aula da turma, que fazia parte do grupo. Cada trecho do documentário foi gravado em diferentes locais da escola, dependendo das suas entrevistas. O funcionário foi entrevistado no lugar onde fica na sua função dentro da escola, no corredor dos alunos, já que sua função é monitorar os estudantes durante o período das aulas. Os professores são dois, um das disciplinas técnicas do curso, e outro da formação geral, cada um entrevistado em lugares diferentes da escola, o professor das disciplinas do curso, foi entrevistado dentro de um dos laboratórios que os alunos utilizam em suas disciplinas práticas, o outro professor, de história, entrevistado em um dos jardins da instituição. O aluno, que também fazia parte do grupo, deu sua opinião sobre a escola também em um dos jardins da instituição.

O servidor, perguntado sobre o que a escola representa para ele, responde que a escola é como se fosse a sua segunda casa, já que ele passa muito tempo

⁷⁰ Jogos escolares do Campus entre seis cursos técnicos integrados que contam com disputas em sete modalidades: atletismo, xadrez, basquete, futsal, handebol, vôlei e vôlei de praia.

dentro da instituição e vê os alunos como seus filhos, já que trabalhando na inspetoria, ele tem contato direto com os alunos, resolvendo problemas momentâneos, posto que faz 20 anos que ele trabalha com alunos, e nessa instituição, há 5 anos.

O segundo entrevistado foi o professor das disciplinas específicas, que relata fazer parte da escola há pelo menos 20 anos, já que ele é egresso da escola, e que tem um enorme carinho pela instituição. Retornando como professor substituto, relata ter recordações boas da escola e que, na qualidade de professor, diz estar gostando dessa experiência, já que ele pode participar, acompanhar e principalmente aprender com os seus alunos e demais colegas professores, visto que essa é a principal experiência para ele, como professor.

O outro professor entrevistado é o professor da formação geral e é perguntado a ele sobre o que ele pensa da escola e dos alunos. O professor responde que faz parte da escola há pouco tempo, porém pensa que a escola é boa porque possui uma estrutura que lhe permite desenvolver um bom trabalho. Para ele os alunos são bons, inteligentes e curiosos, ressalta que não se pode fazer generalizações, mas que são alunos diferentes dos alunos com os quais trabalha em outras escolas, já que é professor substituto. Os dois professores entrevistados pelos alunos neste vídeo são substitutos e trabalham na escola há pouco tempo, o primeiro cerca de um ano e o outro há apenas 3 meses.

Percebe-se no vídeo que os alunos escolheram os lugares que eles gostam de frequentar para realizar as entrevistas, neste caso os jardins, o corredor onde todos se encontram e os laboratórios do curso, onde realizam as aulas práticas.

As entrevistas com os professores e funcionário, apesar de não terem sido o foco da proposta da atividade, parecem mostrar as suas percepções da escola, já que o critério de escolha dos professores foi a afinidade dos alunos que compunham o grupo com eles e sendo assim, um professor das disciplinas práticas e outro professor de história, com os quais os alunos desse grupo parecem ter mais proximidade.

A última entrevista realizada no vídeo foi com o colega de grupo que parece relatar a visão do grupo sobre o que eles pensam da escola. O aluno deixa claro no seu relato que, para ele, ou para eles se pensarmos o grupo, a escola é boa para conviver com pessoas diferentes. Relata a importância da escola, já que esta é uma escola reconhecida pela qualidade do seu ensino e dos seus professores e

principalmente as experiências com o esporte, que ele diz ser o principal da instituição, mas que de fato o mais importante é conviver com todas as pessoas que fazem parte da escola relatando que cada pessoa significa uma vivência diferente, já que todas as pessoas são diferentes e que é essa diferença que faz a instituição ser tão grande e que o convívio com essas diferenças faz com que eles se sintam normais.

O segundo documentário começa com o primeiro contato dos alunos com a escola, a lista de aprovados do curso, em que os componentes do grupo aparecem sublinhados para que sejam identificados, e em seguida, aparecem sorrindo, um a um, mostrando que ficaram felizes de terem entrado para a escola. Logo, uma das componentes do grupo vai mostrando o seu trajeto da saída de sua casa até a chegada à escola. Percebe-se que esse caminho começa a ser feito à noite, e conforme ela vai se aproximando da escola o dia vai clareando até que, enfim, ela chega pela manhã no colégio.

Durante o caminho a aluna vai mostrando por todas as coisas e lugares que ela passa todos os dias, o tempo que ela tem de deslocamento da sua casa até o instituto. Este caminho é mostrado no vídeo ao som de uma música cuja tradução do seu título é “estrada para o inferno” e mesmo que os alunos não tenham dito de maneira explícita a sua opinião sobre a escola - com um depoimento, como no vídeo anterior - as imagens mostram perfeitamente o sentimento que eles têm ao estar no colégio. Assim, caminhar para o inferno, tanto nesse, como em outros vídeos, foi uma das coisas que demonstra a opinião que os jovens têm sobre a escola. Essas imagens de caminhos tristes e de corredores tristes acabaram aparecendo na maioria dos vídeos entregues pelos alunos. Na sequência o grupo mostra como eles convivem e interagem com os colegas durante o tempo em que eles ficam na escola, e nota-se que talvez o mais importante, mais uma vez, é o convívio com os colegas, já que depois de a menina terminar seu caminho até chegar na sala de aula, as imagens mostram o tempo em que eles estão na sala de aula, mas que não estão estudando. E nesse momento, uma das alunas ao ser perguntada sobre o que ela pensa da escola, responde dizendo: “tirando ter que estudar é bom”, assim, a escola parece ser realmente mais importante para o convívio com os outros do que para estudar. De certa maneira o vídeo também reafirma o que o vídeo anterior mostrou, que é a importância dos professores dentro da instituição, e dá para perceber que os alunos reconhecem que seus professores são importantes, e que

na escola ainda é preciso estudar. Segue o vídeo e os espaços mostrados são as salas de aula sem professores, os jogos de carta, as brincadeiras entre os colegas, mas mesmo assim, nesses espaços vagos sem aula, eles ainda precisam além de estar junto fazendo as atividades que eles gostam de fazer, seguir estudando, já que, por exemplo, durante um jogo de cartas eles discutem as respostas da prova de matemática.

O vídeo vai mostrando os lugares nos quais os alunos gostam de estar, e isso inclui a cantina, como um espaço de convivência com pessoas de outros cursos e que está sempre cheia, já que, como na atividade das colagens, o consumo de comida parece ser muito importante, não como alimento, mas como momento de partilha entre os estudantes. Além das salas de aulas e da cantina, o vídeo mostra as aulas em si, e a preocupação dos alunos em precisar passar. Nesse vídeo e nos demais, as disciplinas das ciências exatas são as que aparecem como não tão boas, mas como as mais importantes ou talvez como as que eles têm mais medo de reprovação. Assim, a sequência do documentário mostra as aulas de português, matemática, e física, e nesta última, no dia em que a turma recebeu as notas de uma das últimas provas do semestre, mostrando um pouco do medo da reprovação, principalmente nas disciplinas exatas.

O final do vídeo contrasta com o início já que os integrantes do grupo aparecem tristes e cabisbaixos, finalizando a produção.

O terceiro documentário público começa com os alunos caminhando em um dos corredores da escola e um convite do grupo para se conhecer o instituto. Assim que se inicia a visita, uma trilha sonora triste começa a tocar. A entrada sempre parece um momento triste e a música segue até a chegada aos corredores do curso, lugar que os alunos costumam ficar para fazer as suas atividades. Depois da triste entrada, o grupo apresenta o curso do qual eles fazem parte, mostrando os corredores, explicando o que cada objeto significa para eles, naquele ambiente. Como é um curso de comunicação visual, o corredor é composto por inúmeros elementos que constroem a sua identidade. O corredor é composto por vários elementos visuais, pinturas nas portas e mesas de desenho nas quais os alunos, desse curso especificamente, passam algum tempo realizando as suas atividades. Segue o vídeo e também a visão de mais esse grupo sobre como é estar na escola. Além dos corredores, a educação física e os esportes aparecem novamente como um componente importante no dia a dia deles na escola. O documentário também

não mostra com entrevistas a opinião ou a percepção que os componentes têm da escola, porém os elementos visuais e as músicas, bem como as legendas colocadas para ilustrar o que os alunos desse grupo pensam e sentem com relação à escola, fazem com que, mais este documentário reforce a ideia dos demais: a escola como um lugar de convívio com os colegas e que o estudo não é o mais importante para eles. Assim, logo depois de apresentarem os lugares do curso, os componentes do grupo começam a dizer o que eles pensam sobre a escola e acabam resumindo suas ideias em uma das frases das legendas: “Assim é nossa vida no IF, entre alegrias e exatas”. As imagens em preto e branco, que são a maioria do vídeo, também parecem mostrar essa ideia de tristeza dos corredores e de estar na escola. E as alegrias mostradas são sempre com relação às brincadeiras com os colegas e o tempo que eles dividem entre eles e os outros lugares dentro da escola que não sejam exatas. E termina com mais alguns momentos deles reunidos e fora de aula.

O último documentário publicado no You Tube é o mais extenso deles, e reforça as ideias que os alunos já mostraram, nos outros documentários, tantos nos descritos aqui, como nos demais trabalhos entregues, que é essa ideia do estar junto nos lugares da escola, com os colegas. Assim o vídeo mostra diversos espaços em que o grupo divide seu tempo, tanto dentro, como fora da escola. O documentário mostra diferentes lugares que apesar de não pertencerem à escola também são incorporados a ela como lugar de convívio, mostrando que as relações feitas por eles na escola, abrange outros lugares de convivência, assim o vídeo inicia com cenas dos alunos em casa antes de irem para a escola. Mesmo que este vídeo também não mostre depoimentos as ideias que os alunos têm sobre o estar na escola, as imagens revelam ideias que aparecem nos demais documentários, como esse “estar junto na escola”, com os colegas. Assim os alunos desse grupo mostram nas imagens diferentes lugares aos quais eles pertencem e frequentam: novamente as salas de aula nos momentos vagos, os jardins e as suas casas são cenários para descrever os modos de se estar na escola.

O vídeo começa contando como eles convivem fora da escola, nas suas casas. Assim o simples café com os colegas antes de estudar ou de ir para a escola mostra que as relações feitas na escola ultrapassam as fronteiras escolares. Dessa forma, até chegar à escola para ter aulas, eles dividem seus tempos nas casas dos colegas entre brincadeiras e estudos, bem como dividem os jardins e a cantina. Neste vídeo, os dois principais lugares são a cantina e os jardins, em que eles

parecem estar pensando o que falar ou colocar no trabalho, mas mostra que este é um lugar de convívio e que vários assuntos são abordados durante estes períodos que passam sentados ao sol conversando e trocando experiências. Diferente dos outros vídeos, este grupo não falou das aulas, nem das disciplinas, mas reproduziu vários discursos que eles trazem para a escola.

O vídeo transita nos ambientes casa e escola, e de certa forma como eles se relacionam. O tempo em casa com os colegas e na escola, principalmente nos jardins e nas salas de aulas vazias, com brincadeiras entre o grupo. Neste vídeo, os alunos não mostram suas aulas e nem as provas como os outros, mas traz alguns discursos e modos de estar na escola, como no final do vídeo em que um dos integrantes imita um viciado em drogas para relatar como e por que ele veio para a escola, como é estar na escola e reprovar - o que parece ser o maior medo dos alunos.

De maneira geral, estes 4 documentários abordam o que os demais também mostram, que são as percepções que os jovens têm da escola. Assim, estes quatro vídeos que foram publicados servem para exemplificar os demais cujos quais serão discutidos a partir da categoria que emerge dos mesmos - as percepções dos jovens sobre a escola - assim, a seguir os documentários são analisados a partir dessa categoria emergente.

Dos documentários emerge a categoria de análise que será discutida aqui, que são as percepções da escola. As imagens que os alunos têm sobre o estar na escola e como eles se percebem dentro dela.

A escola é um espaço coletivo, de relações, de grupos. O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas (DAYRELL, 2003). Esses espaços são ponto de encontro e de socialização, de construção de identidades, de afinidades e de convivência entre os jovens, nos mais diferentes grupos e espaços, neste caso dentro da escola.

Para autores como, Canclini, Leccardi e Feixa, os jovens precisam ser estudados e entendidos a partir do mundo em que vivem, e não apenas comparados a grupos que viveram em outras décadas ou a certos modelos ou padrões de comportamento tornados hegemônicos (SCHWERTNER; FISCHER, 2012).

Sendo assim, o objetivo dessa dissertação era descrever algumas imagens dos jovens neste tempo a partir deles mesmos através dos trabalhos pedidos na disciplina de Sociologia, a fim de que eles contassem os seus modos de ser jovem.

Com isso, nos trabalhos eles mesmos foram mostrando suas percepções do mundo do qual fazem parte, e já que a escola é um lugar em que eles passam a maior parte do tempo, os documentários tiveram a ideia de que eles mostrassem como eles se percebem nesse ambiente e como eles viam a escola. Assim, os documentários trazem a categoria que surge mais fortemente que são as percepções que estes jovens têm sobre estar na escola. Dos 16 documentários, praticamente todos trazem ideias muito parecidas e a frase “tirando ter que estudar o resto é bom” como que se todos tivessem combinado que essa ideia faria parte dos trabalhos. Dessa forma, os documentários, de maneira geral, mostram os ambientes dentro da escola dos quais eles participam, preferem estar e se socializam com os demais colegas.

Os jardins, a cantina, as salas de aula (sem professor), os corredores, são os principais cenários dos vídeos que também mostram cenas dos jovens em casa, porém realizando atividades relacionadas ao colégio, e com seus colegas (de aula ou de escola), relações que são estabelecidas dentro do ambiente escolar nestes espaços que eles ocupam.

Segundo Dayrell (2007, p.1116-1117),

A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta. (...) no caso dos jovens, por exemplo, eles criam momentos próprios de socialização baseada nas relações de amizade, nos espaços intersticiais fora e dentro das instituições, inclusive na própria escola, onde trocam informações e produzem aprendizagens.

Desse modo, dentro e fora da escola, os jovens produzem momentos de socialização, de convivência e de aprendizagens. Os documentários relatam esses espaços e as percepções da escola que parece estar engessada no tempo. Assim, para os jovens pesquisados, a escola tem um papel fundamental na sua formação acadêmica, mas principalmente como espaço de convivência com seus colegas, amigos, amores.

A escola é um lugar, como alguns disseram, como se fosse a sua segunda casa, já que passam a maior parte dos seus dias nela, e como diz Dayrell (2003, p.2),

Aprender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos

diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

Logo, dar voz aos jovens e às suas percepções sobre a escola, talvez possa contribuir para se pensar esse espaço no qual passamos algum tempo das nossas vidas.

Os jovens desta pesquisa revelam as suas percepções da escola e como eles passam os seus dias entre a obrigação de estudar e a vontade de estar em outros lugares dentro da escola.

A ideia de que a escola é um espaço fixo, duro e chato, ao mesmo tempo é relacionado ao convívio, aos amigos e as alegrias. Como aparece em um vídeo, “*e assim é a nossa vida no IF, entre alegrias e exatas*” percebe-se a ambiguidade de fazer parte desse espaço.

Os documentários, de maneira geral, relatam o dia a dia dos jovens que se dividem entre os amigos, os jardins e a cantina e expressam os significados que atribuem a cada um desses elementos, reafirmando a ideia encontrada em vários dos trabalhos descritos de que a escola se constitui de um conjunto de tempos e espaços ritualizados. Em cada situação, há uma dimensão simbólica, que se expressa nos gestos e posturas acompanhados de sentimentos. (DAYRELL, 2003).

Assim, a vida cotidiana dos jovens tem consigo um conjunto de experiências sociais que são vivenciadas e constituem um determinado modo de ser jovem e que pode influenciar suas participações na escola, que por outro lado apresenta características próprias, não sendo uma realidade homogênea articulando diferentes dimensões que são ordenadas por um conjunto de regras que de certa maneira buscam delimitar e unificar a ação dos seus sujeitos (DAYRELL, 2003).

As percepções de que a escola é chata, de que se não precisasse estudar era melhor são muito fortes nas descrições que os alunos fazem sobre a escola. Apesar de considerar que os professores são qualificados e que a escola é referência em educação de qualidade, parecem não serem os principais fatores para que os jovens frequentem a escola.

No caso dos alunos do turno da manhã, a fala de que as aulas começam muito cedo e de que eles preferem ficar na cantina, como dizem os integrantes de um grupo,

“outra coisa que é ruim no IF é que tu tem que te acordar muito cedo pra vir pra cá, tipo, 6 horas, é muito cedo na minha opinião e tem que pegar ônibus e caminhar, ah é muito trabalho, a outra coisa ruim é a educação física, três vezes por semana, pessoal vocês acham isso justo ter 3 x por semana educação física? Pois é...” (vídeo 1).

Os pontos negativos como acordar cedo, as aulas das disciplinas exatas, as provas, os tipos de trabalhos, as educação física em que eles precisam correr ou fazer circuitos, aparecem em praticamente todos os documentários.

Como diz o aluno no vídeo (2)

“tudo que é posto em educação e aprendizagem que é o que deveria ser o alvo do colégio é a parte ruim, eu acredito que o colégio tem muito pra evoluir, eu poderia te dar todos os detalhes porque geralmente eu não saberia explicar, mas ultimamente o colégio está caracterizado pela atitudes de qualquer jovem no pensamento como uma prisão, é um lugar de desaponto, não é um lugar de aprendizagem e crescimento porque por mais que as pessoas levem as coisas brincando, quando há uma, um certo, uma certa mostra de ideal de interesse por alguma coisa e há um certo, um professor passar e colocar aquilo como uma coisa legal, qualquer pessoa se dispõe a aprender e a conhecer, e não é isso que a gente vemos no colégio, vimos matérias chatas, os professor chatos, lugares chatos, provas chatas, coisas que hoje em dia pra nossa poderia ser bem melhor e é isso” (vídeo 2)

Segundo o depoimento do vídeo, a escola é vista como uma prisão em que parece que os processos de ensino e de aprendizagem permanecem os mesmos de outros tempos e que estes não são mais interessantes para estes jovens neste contexto contemporâneo de mundo, rápido, fluido, líquido.

A relação dos alunos, dentro da escola entre os colegas, parece de certa forma acompanhar essa fluidez, mas ao mesmo tempo, os processos de ensino e aprendizagem, parecem estar presos às tradições, na escola ainda domina uma determinada concepção de aluno, gestada na sociedade moderna (DAYRELL, 2007). Esse sentimento de prisão parece estar ligado a estas práticas que ainda parecem valorizar uma educação moderna que não dá conta do novo contingente de jovens alunos que estão participando dos processos escolares. Como diz o aluno, não só por parte dos professores e da instituição, mas também dos próprios jovens que de certa forma não parecem levar esses processos tão a sério, talvez pelo próprio modo como eles pareçam ser constituídos ainda nas salas de aula, sem considerar a condição de juventude dos alunos.

Conforme Dayrell (2007, p.1119), na escola da sociedade moderna,

Quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos. Em um modelo ideal, muito próximo àquele que regia o mundo do trabalho e o trabalhador, esperava-se que o aluno fosse disciplina do obediente, pontual e se envolvesse com os estudos com eficiência e eficácia. Ao mesmo tempo, não se considerava os alunos na sua dimensão de jovens, numa tendência em representar ambos os conceitos como se fossem, de alguma forma, equivalentes.

De certa maneira, segundo o relato dos alunos nos documentários, isso ainda parece acontecer na escola. E eles precisam deixar as suas juventudes fora do contexto escolar. A escola segue chata, com matérias chatas e disciplinas chatas como diz o depoimento do vídeo.

As imagens mostram esse caminho pela “estrada do inferno” como diz a música que introduz um dos documentários, no sentido de que os alunos não parecem se sentirem livres, mas presos às condições tradicionais de educação, de um contexto que eles não pertencem. E mesmo que às vezes algumas práticas tentem romper com esses paradigmas modernos construídos socialmente, do papel da escola para a formação dos jovens, ele parece esbarrar em um sistema arraigado e que não permite que se acompanhe o correr do tempo do qual eles participam, de rapidez, de informação e de impermanências.

Pelos relatos dos alunos nos documentários, parece que a escola segue homogeneizante, fixa e fora da diversidade e da diferença que transita nos seus espaços, em que a diversidade sociocultural dos jovens segue sendo reduzida a diferenças apreendidas no enfoque da cognição (inteligente ou com dificuldades de aprendizagem; esforçado ou preguiçoso etc.) ou no do comportamento (bom ou mau aluno, obediente ou rebelde etc.), conforme Dayrell (2207).

Nesse contexto, ainda segundo Dayrell (2003, p.22),

O professor não diz e os alunos também não perguntam. Parece que a resposta está implícita: o conhecimento é aquele consagrado nos programas e materializado nos livros didáticos. O conhecimento escolar se reduz a um conjunto de informações já construídas, cabendo ao professor transmiti-las e, aos alunos, memorizá-las. São descontextualizadas, sem uma intencionalidade explícita e, muito menos, uma articulação com a realidade dos alunos.

Parece que os alunos têm essa percepção das aulas e dos conteúdos e da escola porque ela vem sendo construída assim, e que para poder suportar essa

“chatice” os alunos acabam criando outros modos de se estar na escola e aproveitar esse tempo e fazer com que ele passe mais depressa ou de maneira mais agradável, com brincadeiras ou fora das aulas, nos jardins, na cantina ou em salas de aula em que não tenha professor, construindo outras experiências de se estar na escola.

Como lembra Dayrell (2007, p.16),

A escola é invadida pela vida juvenil, com seus looks, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para os amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo. O “tornar-se aluno” já não significa tanto a submissão a modelos prévios, ao contrário, consiste em construir sua experiência como tal.

Estas outras formas de estar na escola e em lugares como os jardins e bancos são narrados tanto nas falas dos alunos nos documentários quanto nas imagens dos vídeos.

Como diz o relato de uma aluna em um dos documentários,

“A cantina é um ponto muito bom. Outro ponto bom é o jardim, filma-me toda, gente olha que emoção, filma-me as minhas perninhas, gente eu estou como se estivesse em casa” (vídeo 1).

Apesar das mudanças do mundo contemporâneo, segundo Barbosa (2007), a escola ainda parece assumir um papel importante de formação de seres humanos e entender os sentidos que os jovens atribuem às relações sociais no seu interior é importante, já que outros espaços das vidas dos jovens começam a fazer parte desse ambiente que é cada vez mais invadido por outras formas de ver e de se estar no mundo, seus consumos e suas concepções e percepções da vida social. Assim, levar em conta o jovem como sujeito implica considerar que no interior da escola existem processos, lugares, situações e, sobretudo, relações que podem contribuir na construção da subjetividade do jovem e de possíveis outras formas de viver os processos educativos.

O estar com os colegas e amigos e não estar estudando, são outros pontos importantes da escola para estes jovens que relatam em sua maioria que, estar na escola é bom por essa convivência.

“bom, eu já tive vários colegas, muitas pessoas nesta instituição. Cada pessoa significa uma vivência diferente, todas as pessoas são diferentes, acho que isso que faz a instituição ser tão grande, pessoas que, com classes sociais distintas,” ããã”, cores, raças, tudo que faz isso ser essa enorme instituição, acho que o viver com essas pessoas é o que é o mais importante, o convívio, é a diferença de classes que faz nós nos sentir tão normais.” (vídeo 3).

Essa experiência de estar com o outro, com pessoas diferentes parece ser uma das principais motivações dos jovens frequentarem a escola. No relato acima, o jovem diz que o que para ele faz a instituição ser grande é o fato de poder dividir esse espaço com pessoas diferentes, de classes sociais diferentes, e que faz com que eles possam ter diversas experiências nesse espaço. A escola como instrumento de socialização aparece como uma das principais percepções dos jovens sobre a escola.

Estar na escola, significa estar junto, estar misturado e participar de grupos e de experiências diferentes a cada dia, e conforme Dayrell (2007) a escola aparece como um espaço aberto a uma vida não escolar, de uma comunidade ou uma rede, em que se constituem grupos e trocas subjetivas em um palco de competições, conflitos, amizades e amores. Dentro da escola, nos bancos, jardins e salas de aula é possível perceber esses modos de ser jovem que tentam, de certa forma, modificar as estruturas modernas da escola, em que cada vez mais são colocadas suas maneiras de ver e de pensar o mundo que eles criam para se sentir parte do ambiente que parece para eles, não dar conta dos seus anseios e angústias, bem como das suas curiosidades que por vezes parecem estar fora dos conteúdos das disciplinas e cada vez mais nas redes, sociais, de amigos, em outros circuitos de convivência.

“o que eu acho do colégio, pra mim o colégio é um lugar de meio social muito bom (...) mais socialmente quando eu falo bem melhor é porque muitas amizades são feitas lá dentro, muitas pessoas se... há muito, muita até intimidade, com outras pessoas, coisas que ultimamente não conseguimos fazer com outras pessoas em outro lugar” (vídeo 1)

Como ambiente de socialização a escola aparece como um meio social favorável, já que ela - ainda pelo modelo como muitas escolas estão estruturadas - faz com que os jovens tenham uma vivência em um tempo estabelecido que em outros ambientes, parece não se ter mais. Assim, as percepções da escola como

ambiente socializador são filmadas e constantes nos documentários dos alunos das quatro turmas.

Mas, apesar de que estudar parece ser o menos importante para os jovens, já que estar com os colegas é o principal fator de participar da rotina da escola, a importância do ensino e da qualificação é ressaltada em alguns depoimentos, que relatam saber que por fazerem parte de uma instituição federal, eles se sentem privilegiados, se comparados com estudantes de outras escolas ou instituições públicas. A formação dos professores, a estrutura da escola e uma consciência de que fazem parte de uma instituição que por vezes parece não sofrer com poucos recursos é valorizada pelos jovens.

“essa instituição ela tem grande nome, ela é... Ela tem renome nacional, e eu acho que isso é o principal, o importante é a vivência com as outras pessoas, é bons professores atuando nas áreas onde tentam nos ensinar para nos dar um bom futuro do qual apenas trabalharemos para um sistema falho do qual criaram mais impostos do qual tiraram mais o nosso dinheiro, tiraram mais o nosso tempo, onde pudemos ver belas paisagens fora da instituição, não temos muito, mas aproveita estes 4 anos de estudantes que somos, pra aproveitar essa boa vida que acaba logo depois da formatura, sabemos que tem o nosso trabalho e tudo de ruim na nossa vida”. (vídeo 3)

Assim, a importância que a instituição tem perante a comunidade dessa cidade e também nacionalmente, mesmo que citada como ponto importante da escolarização, ainda assim fica atrás da convivência que eles experimentam no ambiente escolar, e ainda segundo a fala desse aluno em um dos documentários, é preciso aproveitar essa “boa vida” que acaba logo depois da formatura, já que principalmente por estudarem em cursos técnicos integrados, a formação para o trabalho ainda é muito arraigada na instituição, e os alunos percebem que essas experiências que eles podem ter hoje na escola, vão acabar logo depois que eles terminarem uma etapa da sua formação, e ingressando no mercado de trabalho.

Nota-se que o aluno, diferente do que aparece em alguns estudos que abordam uma perspectiva clássica sobre os jovens de rebeldia e alienação, percebe que mesmo tendo um bom ensino, em uma instituição de renome e os professores tentarem ensinar o que é necessário para se ter um bom trabalho, ele vai entrar em um sistema, do qual ele parece ser consciente que é de exploração em que essas formas de estar na escola e de ser jovem não serão mais contempladas pela falta de tempo, que pode privá-lo de outras maneiras de participar da vida no mundo.

Outra ideia que se pode perceber nos documentários é a de que não se precisa mais empenhar um enorme tempo estudando. Apesar de isso não ser consenso entre os estudantes, a percepção de que já existe muito conhecimento pronto e que eles só precisam procurar na internet que aparece, já que eles mesmos relatam que para fazer os trabalhos, o Google faz para eles. Essa ideia é reforçada principalmente com trabalhos que são das áreas das Ciências Humanas ou das linguagens, já que em matemática e física isso é quase que impossível.

Essa noção de que tudo que está posto na internet, nos jornais e no mundo é conhecimento, de certa maneira, parece ter sido construída nas experiências que eles têm com os meios de comunicação. Então a diferença entre informação e conhecimento não parece estar clara, ou ao menos na percepção dos jovens que participaram desta pesquisa, são sinônimos. Como exemplo, segue a fala de uma das alunas em um dos documentários:

*“a gente acabou de sair de uma prova da Anita, prova de geografia, uma prova muito interessante, tinha que fazer um texto, o Google fez pra gente”
(vídeo 1)*

De maneira geral, os documentários relatam o cotidiano dos alunos na escola e suas percepções sobre estar nela e suas relações com esse ambiente. Os vídeos mostram os espaços que os alunos frequentam, além das aulas, os jardins, os bancos, a cantina como espaços importantes de ocupação e socialização dos quais eles participam dentro do ambiente escolar.

CONSIDERANDO ALGUMAS IMAGENS

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício.

(C. Whight Mills)

O objetivo deste trabalho foi descrever a juventude contemporânea dos jovens do Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Sabendo que este tempo que estamos vivendo é caracterizado pela rapidez, fluidez e a incerteza, que os planejamentos ficam cada vez mais difíceis face às inconstâncias deste momento, parece importante pensar sobre como essas características se relacionam com a produção das juventudes em seus lugares de *okupação*.

Com isso, a escola parece um lugar em que seria possível a realização dessa pesquisa, já que aproveitando a oportunidade de ser professora de Sociologia no Instituto Federal Sul-rio-grandense, estava em contato com o que alguns autores consideram como juventude.

Iniciando esta pesquisa, primeiro foi necessário estudar sobre as juventudes, esse termo utilizado no plural, já que como estilos de vida podem ser diversos e apenas uma descrição não dá conta das possibilidades de ser jovem. Se pegarmos como exemplo os estudos de Dayrell (2003, 2007, 2009), podemos perceber que o jovem os quais ele pesquisou, por estarem em outros contextos sociais têm outras percepções da sua juventude, assim, torna-se complicado realizar generalizações. Utilizar a palavra no plural parece ser uma forma de tentar incluir todas as possibilidades que possa haver. Para isso, fez-se uma pesquisa no Banco de tese da CAPES a fim de identificar o que as pesquisas nos últimos anos tratam sobre o tema. Dessa maneira, o início desse trabalho se deu com o levantamento dos trabalhos que tinham como tema a juventude começando pelo ano de 2009 até o ano de 2012, já que não estavam inseridas no sistema as produções do ano de 2013. Essa pesquisa levantou um total de 1.841 trabalhos, entre teses e dissertações. Alguns desses trabalhos se repetiram, visto que foram utilizados quatro buscadores que se relacionavam diretamente com essa pesquisa, são eles: juventude e contemporaneidade, juventude e etnografia, juventude e consumo e

juventude e escola. Esses descritores foram escolhidos na tentativa de buscar trabalhos que auxiliassem o entendimento sobre o tema e de como outros pesquisadores dão atenção ao assunto. Assim, as palavras etnografia, consumo, contemporaneidade escola, eram palavras presentes durante a realização desta pesquisa. Ao relacioná-las com a palavra juventude, buscou-se pesquisas que tivessem essas palavras como referência a fim de conhecer o que se tem feito no campo da produção científica sobre a temática da juventude. Com os resultados dessa busca iniciaram-se os estudos sobre o tema juventude para a escrita desse trabalho. Do total de trabalhos, apenas alguns foram escolhidos pelos seus resumos, posto que o tempo para a leitura de tantos trabalhos era pouco, já que era necessário ainda ter leituras paralelas e a realização dos trabalhos nas turmas.

Da leitura das pesquisas selecionadas e descritas no capítulo três desse trabalho, percebeu-se que existe uma construção social do que é ser jovem. Grande parte dos trabalhos relatam as diferentes visões sobre o tema, ora considerado como fase da vida, ora como estilo de vida. Assim, as músicas, principalmente o *funk* e o *rap*, aparecem associados às juventudes como parte da construção social que geralmente associa os jovens a rebeldia, violência, culturas juvenis e vulnerabilidade social. As pesquisas que tratam das culturas juvenis trazem contribuições sobre os grupos sociais dos quais estes jovens fazem parte geralmente ligados a grupos ou tribos e ao consumo. O estudo desses textos fez com que fosse possível identificar diversas visões ou imagens dos jovens brasileiros, já que por imagem, neste texto, entendo as construções sociais feitas dessa etapa da vida e suas representações. Também, não existiu nesses textos pesquisados um trabalho que tentasse realizar uma descrição da juventude por ela mesma, mas sim as pesquisas mostram a visão do adulto sobre as práticas juvenis de participação social e cultural, principalmente, em diferentes lugares. O trabalho intitulado Domingo no Parque parece ser o que mais se aproximou da tentativa de descrever os jovens sobre seus olhares, mas mesmo assim não foi realizada uma narrativa dos jovens pesquisados sobre eles mesmos. Depois de ler inúmeros trabalhos, comecei a pensar esta pesquisa que se inicia com a escrita da minha juventude.

A escrita desse trabalho começa então com a minha história de vida, e como eu me percebo jovem, o que motivou a realização dessa pesquisa. O fato de ter um sentimento de juventude me aproximou das juventudes pesquisadas, e me colocou dentro desse grupo, como se fosse parte dele. Mas ao mesmo tempo em que me

aproximou dos jovens que eu estudei, me afastou de certa forma, do caminho científico que precisava assumir para dar conta deste texto. O distanciamento necessário para a escrita desta pesquisa foi um processo doloroso já que os trabalhos que realizei com os alunos me colocaram em situações que não tinha previsto ao início da pesquisa.

A pesquisa tentou descrever os jovens de quatro turmas do Instituto Federal Sul-rio-grandense – campus Pelotas dos cursos técnicos integrados de Química, Comunicação visual e Eletrônica, a partir de trabalhos da disciplina de Sociologia relacionados às suas percepções de mundo. Para isso foram propostos cinco trabalhos para as quatro turmas dos cursos integrados, com propostas que dessem conta de capturar as suas realidades e as suas percepções juvenis nesse tempo.

As propostas de trabalho tiveram a intenção de captar as percepções que os jovens têm sobre o mundo e sobre eles mesmos como participantes desse mundo. Assim, cinco trabalhos foram propostos, o primeiro deles foi um CD no qual os alunos precisavam colocar músicas que os representassem; o segundo foi uma colagem sobre o consumo, com a proposta de que eles criassem colagens sobre o que eles consomem hoje e o que eles consumiriam se o dinheiro fosse infinito. O terceiro trabalho foi a escrita de um diário de final de semana, em que eles contaram o seu dia a dia durante um final de semana; o quarto trabalho era a entrega de fotografias com textos que explicassem quais eram as suas rotinas em casa e por fim, o único trabalho que foi realizado em grupo, que foram documentários que demonstrassem a percepção deles sobre a escola.

Dessa forma, das atividades utilizadas para a descrição da juventude nesse trabalho, nos CDs percebe-se que os jovens do Instituto escutam vários tipos de sons e que o *funk* não é o principal como sugerem alguns estudos (DAYRELL, 2002) sobre juventude, e mesmo parecendo que o *funk* faz parte da vida dos adolescentes, principalmente por ser um estilo musical que ascendeu na mídia - e baseio essa opinião na convivência que tive com eles ao longo dessa pesquisa - não foi o som que predominou nos CD's, que teve o *rock* como principal estilo musical ouvido pelos jovens que participaram dessa pesquisa. Talvez a própria história do *rock* e a sua associação às juventudes a partir dos anos 50 e que se manteve ao longo do tempo faz com que ele ainda seja o estilo que reflita as imagens da juventude, já que dentro das suas subdivisões consiga englobar diversas formas de pensar o mundo.

O trabalho sobre o consumo revelou que os jovens consomem muitos itens de tecnologia, comida, roupas, joias, dentre outros que geralmente não estão relacionados a marcas, sendo um público que ganha atenção do mercado a cada dia que passa, já que são consumidores em potencial. A indústria cultural se apropria desse mercado para produzir cada vez mais artigos que os jovens desejam, o que acontece principalmente com a música, que desde os anos 50, incentivados por um estilo de vida norte-americano que se espalhou com a globalização e as grandes mídias. Assim - sobre o que os jovens consumiriam - os artigos que hoje eles podem consumir se repete como comida, roupas, tecnologia, a diferença está principalmente na marca. Nos itens que eles desejam consumir, a maioria aparece associada a viagens pelo mundo, casas luxuosas, joias de grife e roupas de marca. O que mostra que a indústria segue utilizando as culturas juvenis para a comercialização de um estilo de vida jovem.

Na atividade das fotografias sobre as rotinas dos jovens em suas casas, o que se pode perceber é que a escola faz parte do cotidiano deles mesmo fora do espaço escolar, já que grande parte do tempo eles passam realizando atividades que a escola exige ou na própria escola em turno inverso. No mais, a rotina diária inclui o ritual de acordar, ir para a escola, voltar para a casa com algumas atividades domésticas para serem cumpridas como a manutenção da higiene da casa com atividades como: lavar a louça, arrumar objetos pessoais e cuidar dos irmãos e irmãs mais novas, e nesses momentos eles também aproveitam para estar em família. Além de estar com as famílias nas atividades domésticas, estão juntos em momentos como festas, casamentos e jantares, por exemplo.

As fotografias ainda mostram os jovens com os amigos e na internet em diversas atividades diferentes e que aparecem como atividades de relaxamento e de descontração, após do dia repleto de tarefas. Percebe-se que os jovens assumem responsabilidades nas suas famílias que mostram que eles têm um importante papel nessa organização, já que muitos têm responsabilidades com tarefas domésticas, além das atividades escolares, fazendo com que, de certa forma, eles participem do “mundo adulto” assumindo compromissos dos quais são os responsáveis.

A última proposta era a gravação de um documentário que mostrasse o cotidiano dos jovens na escola e suas percepções sobre ela, assim, a partir dessas produções dos alunos descreveram-se possíveis imagens de juventude que podem contribuir para pensarmos sobre os jovens contemporâneos, principalmente

relacionados à escola, já que da descrição da última atividade emergiu uma forte categoria que são as percepções da escola.

Vários aspectos são ilustrados como percepções da escola, como a ideia de que estudar é ou não é a principal atividade, já que estar com os outros - os colegas - parece ser mais importante do que os momentos em sala de aula, posto que a escola parece estar parada no tempo e que não contempla outras ou novas formas de participar deste tempo que tem características diferentes de outros tempos, como a rapidez, a fluidez e as mudanças constantes.

Os jovens ainda parecem ser vistos apenas como alunos dentro da escola, e não como agentes que participam do mundo e que podem transformá-lo. Os relatos dos jovens e alguns trabalhos como os de Dayrell (2003; 2007) mostram que o sistema escolar não contempla as juventudes, uma vez que parece estar engessada no tempo moderno em que a tarefa da escola ainda é a transmissão de conhecimentos e não a construção dos mesmos, novos ou outros conhecimentos. Isso parece contribuir com a ideia de que os alunos têm de que conhecimento e informação são sinônimos e parece ser aprendida na maneira como a escola ainda está estruturada.

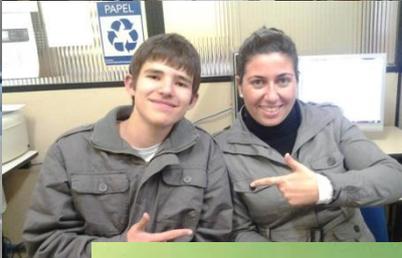
Os relatos de que a escola é chata, as tarefas chatas, os professores chatos, as provas chatas, parecem ser pontos os quais ainda precisam ser pensados nos sistemas de educação, já que os jovens mostram grande interesse em estar com os outros e isso parece não ser aproveitado como momento formativo na construção juvenil contemporânea. Esses relatos contradizem a ideia inicial de que a escola é um lugar de alegria e felicidade, dado que a escolha dos cenários, das músicas e as falas dos alunos no decorrer dos trabalhos mostram que essa alegria parece existir apenas nos momentos de convívio com seus colegas e fora da sala de aula. Acontece no espaço escolar, mas parece algo que é desvinculado dele. Discutir juventudes na escola torna-se relevante, já que os próprios jovens delatam as falhas que ainda estão presentes no dentro desta instituição. Considerar a pluralidade, as culturas e os modos e imagens de ser jovem neste tempo precisa ser pensado por quem participa dos processos educativos formais instituídos na sociedade, a fim de pensar uma educação e uma escola em que os jovens se sintam potencializados nas suas formas de ser jovens, atentando para as culturas juvenis e para as construções de si nas relações sociais, tanto na escola quanto no mundo.

A realização desse trabalho foi uma tarefa desafiadora e intensa que me colocou em um universo que, por vezes, eu pensei não fazer mais parte, mas do qual eu me identificava e identifico muito. Estar com os jovens nessa juventude exigiu de mim muitas coisas das quais eu não sei se consegui dar conta, já que os trabalhos mobilizaram emoções que fizeram com que eu me aproximasse cada vez mais dessas imagens, que em outros momentos e trabalhos parece enquadrada em algumas condições e modos de ser que não podem se modificar.

Criar uma imagem de juventude é uma tarefa difícil, assim esse trabalho pretendeu descrever possíveis imagens ou elementos que pudessem fazer com que se exercitasse uma imaginação, ou uma imaginação sociológica, que segundo Mills (2009) consiste na capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e nesse processo consolidar uma visão sobre a sociedade e seus componentes. Nesse caso, descrever os jovens nesta pesquisa pretendeu que durante a leitura desse trabalho se pudesse explorar a imaginação, criando imagens de juventude que podem ser alteradas no espaço e no tempo, e possibilitando uma compreensão que nos ajude, enquanto professores ou sujeitos desse tempo líquido a entender e perceber possibilidades de se estar e participar desse mundo. Assim, as imagens que os jovens descrevem sobre as suas escolhas, seus estilos musicais, suas rotinas diárias e principalmente sobre a escola, também nos permite fazer um exercício de reflexão e de imaginação na tentativa de superar modelos e de nos permitir mudanças.

Para escrever este texto precisei ser sensível ao tema, ouvi-los e vê-los sempre em sua experiência e me desprender de mim ao mesmo tempo em que mergulhei em outro universo que me permitiu muitos olhares, bloqueios e mudanças sobre os modos de pensar. Conforme Canevacci (2005), que as condições juvenis e produções culturais e comunicacionais não são termináveis, mas sim intermináveis, sem fim, infinitas, sem limites.

Assim, tão interminável quanto foi minha paixão por este trabalho, podem ser as imagens da juventude.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian. *et. al.* **Gangues, gênero e juventude**. MEC, Brasília, 2010.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e n. 6, p. 25 – 36, maio/dez. 1997.
- AMARAL, Márcio de Freitas. **Culturas Juvenis e Experiência Social: modos de ser jovem na periferia**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2009
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- ALMEIDA, F. Q.; GOMES, I M.; BRACHT, Valter. **Bauman e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 2005.
- ARALDI, J. ; FIALHO, V. M.; SOUZA, J. **Hip Hop da Rua para a Escola**. Porto Alegre: Sulina. 1997.
- ARROYO, Margarete. Juventudes, músicas e escolas: análise de pesquisas e indicações para a área da educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 21, 53-66, mar. 2009.
- BARBOSA, Daniele de Souza. **Tamo junto e misturado!** : estudo sobre a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- BARCELOS, Karla Vello Meyrelles. **Culturas Juvenis numa escola pública de ensino médio: novos usos, novos cenários**. TESE (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. **Movimentos Culturais da Juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.

CANEVACCI, Máximo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das cidades**. Rio de Janeiro: DpA, 2005.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. Editora SENAC, São Paulo, 2002.

CARVALHO, Maria João Leote. Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. **Sociologia, problemas e práticas**. Oeiras, nº49, p. 71-93, setembro 2005

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez 2003 N° 24.

DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: O Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. TESE (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

DAYRELL, Juarez. Juventude e escola. *In*: SPÓSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira** : educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GARCIA, Elisete Enir Bernardi. **Um estudo sobre a juventude e espaço tempo escolar**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira: entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.17, nº2, 2005.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JUNIOR, João Feres. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico. Dossiê: Teoria Política e Social na contemporaneidade. **Mediações**, Londrina, v.15, nº 2, p.28-41, jul-dez 2010.

Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/8232/7183>

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana. Jovens olhares sobre a escola de ensino médio. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.31, n°84, p. 258-273, mai-ago 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.17, n°2, 2005.

MACHADO, Juliana Brandão. **As temporalidades no cotidiano dos jovens porto-alegrenses**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MAIA, Carla Valeria Linhares. **Cartografias juvenis: mudanças e permanências nos territórios e modos de ser jovem**. TESE (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 23, p. 67-74, mar. 2012.

MEIRELES, Aline de Abreu. **Representações sociais e juventude: o fenômeno da violência escolar no Distrito Federal**. 2012. [66] f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Revista Brasileira de Educação – ANPED – **Juventude e contemporaneidade**. N. 5 e n. 6, p. 05 – 14, maio/dez. 1997. Número Especial.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NUNES, Mônica R. F. Consumo musical nas culturas juvenis: cosplay, mundo pop e memória. **Revista Contracampo**, n. 25, dez de 2012. Niterói: Contracampo, 2012. P. 80-96

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (ORG.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Aprendendo a ser jovem: A escola como espaço de sociabilidade juvenil. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Recife, **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2007.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Domingo no Parque: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade**. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

- PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, religião e cor – uma leitura da produção de black music gospel. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2007, p.163-180,
- PORCHEDDU, A. Zygmund Bauman: entrevista sobre educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. Espaço Plural. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137, p.661-689 mai/ago 2009.
- SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educação em Revista**. 2012, vol.28, n.1, pp. 395-420.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- SANTOS, Lisiane Gazola. **Sons das tribos**: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SNYDERS, George. **A Alegria na escola**. São Paulo, Ed. Manole LTDA, 1993.
- SCHMID, Saraí Patrícia. **Ter atitude**: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem. TESE (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação e Realidade**. V. 34, Nº 02, Porto Alegre, maio/ago.2009.
- SARTI, Cyntia A. Famílias enredadas. *In*: ACOSTA, Ana Rojas e Vitale, Maria Amália Faller (orgs.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2005.
- SOUZA, Lúcia de Mello. **Expectativas**: o que os Jovens desejam para um futuro próximo? DISSERTAÇÃO (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- SPOSITO, Marília, A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5, nº1 e 2, p. 161-178, 1993.
- SPOSITO, Marília Pontes (coordenação). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentvm, 2008.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6, mai./jun./jul./set./out./nov./dez. 1997,p. 37-52.
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5 e 6, mai./jun./jul./set./out./nov./dez. 2003, p. 16-39.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (ORG.) **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VIANNA, Hermano Paes. **O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro. 1987.

VITECK, Cristiano Marlon. "Punk: anarquia, neotribalismo e consumismo no rock'n'roll". **Espaço Plural**. Vol. III, n. 16, 1º, 2007.

REFERÊNCIA DAS FIGURAS

FIGURA 1: Juventudes. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2193541/Marchal-Mithouard-Graffiti-meets-sculpture-colorful-figures-explode-canvas.html>

Montagem feita por Bruno Rommel

FIGURA 2: Rabiscos. Disponível em: <WWW.facebook.com>

FIGURA 3: Agradecimentos. NETTO, Livian. Fotos de arquivo pessoal.

FIGURA 4: Amigos. NETTO, Livian. Fotos de arquivo pessoal.

FIGURA 5: ZUKERMAN, Julio; LIMA, Henrique. **Mulheres barbadass**.

Disponível em: <http://www.converseallstar.com.br/blog/tag/mulheres-barbadas/>

FIGURA 6: DAVID, Sabino. Arte+grafitti.

Disponível em: <httpsabino-sabinodavid.blogspot.com.br201004arte-moderna.html>

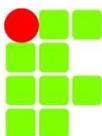
FIGURA 7: _Imagens. NETTO, Livian. Fotos de arquivo pessoal.

FIGURA 8: _Imagens. NETTO, Livian. Fotos de arquivo pessoal.

CAPA DO CD: Juventudes. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2193541/Marchal-Mithouard-Graffiti-meets-sculpture-colorful-figures-explode-canvas.html>

Montagem feita por Bruno Rommel.

APÊNDICES



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE
Campus Pelotas

Avaliações Sociologia 2º semestre de 2012

Professora Livian Lino Netto
Turma Comunicação Visual 2 V

LISTA DE ATIVIDADES:

Atividade 1: Que músicas tu escutas?

Data de entrega: 24/04/2013

As músicas dizem muito sobre a gente, sobre como somos, pensamos. Sobre a nossa cultura e a quais grupos pertencemos. Assim, a ideia desse trabalho é que tu graves um CD com as músicas que tu costuma ouvir, as que tu gostas e as músicas que tu dança. Junto do CD, deverás entregar uma lista com a ordem das músicas gravadas, contendo nome e banda/cantor/ autoria.

* Atividade individual

* Valor:

Atividade 2: Colagem sobre consumo

Data: 15/05/2013 (atividade realizada em aula)

Todos nós somos consumidores, é obvio... Enquanto vivermos. Não pode ser de outro modo, porque, se paramos de consumir morremos (...). O consumo – cuja ação é definida pelos dicionários como sinônimo de “usar”, “comer”, “ingerir (líquido ou comida)” e, por extensão, “gastar”, “dilapidar”, “exaurir” – é uma necessidade. (Bauman, 2011).

Mas o consumismo é mais do que consumir! Assim, muitas vezes ficamos chateados por não conseguirmos ter tudo que o mundo nos apresenta e oferece. Na colagem, vamos colocar os nossos desejos no papel! Colando os nossos consumos diários e os nossos desejos consumistas. Para isso utilizaremos revistas, imagens, desenhos e até mesmo palavras. O que consumiríamos se o dinheiro fosse infinito?

*trazer revistas, ou imagens para a aula.

* Atividade individual

* Valor:

Atividade 3: Diário de final de semana

Data da entrega: 22/05/2013

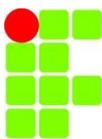
Escrever deveria ser um hábito! É legal contar as coisas que nos acontecem, mas também é muito difícil, e o tempo às vezes é curto para que possamos escrever tudo o que acontece todos os dias. A ideia dessa atividade é que você conte o seu final de semana. O que eu devo contar? TUDO!

O que tu fazes na internet? Que programas acessas e que tempo permanece neste? Que sites tu visitas? O que tu partilhas no Facebook? Quantas horas tu dormes? E tu saís com teus amigos? Vais para festas? Vais tomar um chimarrão, na praia, na av. Dom Joaquim? E com a tua família, tu fazes alguma atividade? Quantas horas tu dedicas a cada atividade?

No diário de final de semana tu vais contar, com a maior riqueza de detalhes as tuas atividades do final de semana, não se esqueça, é um diário, nele deverás colocar todas as atividades que realizastes no final de semana. Além das descrições podes utilizar imagens que ilustrem as atividades, letras de músicas e o que tu pensa que descreva o teu dia a dia durante o final de semana, mas lembre-se: escreva, descreva!

* Atividade individual

* Valor:



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE
Campus Pelotas

Avaliações Sociologia 2º semestre de 2012

Professora Livian Lino Netto

LISTA DE ATIVIDADES 2ª etapa:

Atividade 4: Fotografia + texto

Data da entrega: 18/06/2013

Na nossa casa existe uma dinâmica, das relações familiares, da constituição da família, do papel e das tarefas que nós temos em casa, e cada casa é diferente da outra. A ideia deste trabalho é que tu possas mostrar através de fotografias e pequenos textos que retratem a rotina na tua casa e que expliquem estas tarefas. Não é necessário identificar as pessoas e a casa nas fotografias, apenas retratem imagens que tenham sentido.

* Atividade individual

* Valor:

Atividade 5: Documentário

Data da entrega: 29/06/2013

“Documentário é um gênero cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade.”

A ideia neste trabalho é que o grupo faça um documentário sobre o tempo na escola. Como o grupo vê a escola? Para tanto, o grupo se organizará para criar um roteiro que mostre a sua percepção do ambiente escolar, já que é o lugar em que passamos boa parte do nosso tempo. A partir do roteiro será gravado o documentário que deverá retratar a maneira como o grupo vê a escola e se percebe dentro dela.

*Esta atividade será realizada em grupo de no máximo 6 pessoas.

* Valor:

Estilos Musicais

